

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

EDUARDO COSTA MADEIRA

**REINALDO SANTOS NEVES, O ARTESÃO DE MIL FACES:
ROMANCE LATO SENSU**

**VITÓRIA
2019**

EDUARDO COSTA MADEIRA

**REINALDO SANTOS NEVES, O ARTESÃO DE MIL FACES:
ROMANCE LATO SENSU**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para o título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wilberth Salgueiro

EDUARDO COSTA MADEIRA

O ARTESÃO DE MIL FACES: ROMANCE LATO SENSU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Aprovada em 30 de julho de 2019.

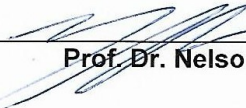
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES)
Orientador e Presidente da Comissão Examinadora



Prof. Dr. Paulo Roberto Sodré (UFES)
Examinador Interno



Prof. Dr. Nelson Martinelli Filho (UFES)
Examinador Externo



Profª. Dra. Rita de Cássia Maia e Silva Costa (UFES)
Examinadora Externa

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M181r Madeira, Eduardo Costa, 1993-
 Reinaldo Santos Neves, o artesão de mil faces: romance lato
 sensu / Eduardo Costa Madeira. - 2019.
 157 f. : il.

 Orientador: Wilberth Salgueiro.
 Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
 Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

 1. Literatura brasileira. 2. Reinaldo Santos Neves. 3.
 Romance. 4. Metalinguagem. 5. Intertexto. I. Salgueiro,
 Wilberth. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
 Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 82

Para quem?

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, meus irmãos e a meu pai (in memoriam), pelo amor e pela paciência que advém da convivência comigo.

A Wilberth Salgueiro, vulgo Bith, pelo apoio incondicional aos rumos um tanto heterodoxos que meu trabalho tomou, pela confiança, pela orientação. A Paulo Roberto Sodré e a Nelson Martinelli Filho, pelas contribuições calibrosas como membros da banca de qualificação. E também Rita de Cássia Maia e Adriana Lisboa, adicionados à banca no que quando da defesa.

A Fernando Achiamé, leitor clandestino, que gentilmente fez significativas observâncias da ordem da revisão do texto.

A Reinaldo Santos Neves, pelo apoio à pesquisa, pelos arquivos cedidos, e pelas inestimáveis contribuições sob a forma de iluminadas conversas.

Aos professores e funcionários do PPGL, em especial Maria Amélia Dalvi e Arlene Baptista.

Aos amigos Sérgio Blank, Alice Pedrosa, Murillo Birchler e Abner Vicente, pelas leituras, pelo apoio e pelo prazer de suas companhias. Aos amigos do Clube do Jazz, João Luiz Mazzi, Rogério Coimbra, Nardelli, Chico Brahma, Salsa, Pedro Nunes, Ronaldo Nascimento, João Luiz Santos Neves, Gumercindo.

À Capes, pelo financiamento da pesquisa.

RESUMO

Reinaldo Santos Neves é um autor capixaba interessado em pesquisas de linguagens diversas em seus romances, um “artesão de mil faces”, portanto, que elabora uma linguagem distinta para cada projeto. Pensando essencialmente no campo da linguagem literária, o presente trabalho edifica um diálogo intertextual com alguns romances do autor, onde a estrutura sintática e semântica de cada capítulo conversa com uma obra diferente. Combinando traços de biografia com uma proposta de escrita criativa, a dissertação se constrói a partir de um recorte “cronoficcional”, em uma trajetória que parte da infância, inspirado em *A confissão* (IHG, 1999), passando pelo adolescente “existencialóide” de *Reino dos Medas* (Expressão e Cultura, 1971), a vida “adúltera” dos romances *As mãos no fogo: romance graciano* (FCAA/Ufes, 1983) e *A ceia dominicana: romance neolatino* (Bertrand Brasil, 2007), e culminando na morte presente em *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer* (Patuá, 2018), sob a égide da metalinguagem. Assim, pensar-se-á o trabalho como uma "alegoria", no sentido proposto por Craig Owens (2004), entendida não como metonímia (realismo), ou como metáfora (romantismo), mas como "destruição relativa" da promessa de sentido que ela supõe. Reinaldo Santos Neves, autor acostumado a combinar dados biográficos com ficção em suas obras, será ora convertido em Reynaldo Santos Neves, como no romance *Sueli: romance confesso* (FCAA/Ufes, 1989), rearticulado nesta pesquisa metafictional cujo resultado será o “romance lato sensu”.

Palavras-chave: Reinaldo Santos Neves, ficção brasileira, intertexto, metalinguagem

ABSTRACT

Reinaldo Santos Neves is a author interested in researching different languages in his novels, a “thousand-faced craftsman”, who elaborates a distinct language for each project. Thinking essentially in the field of literary language, the present work builds an intertextual dialogue with some novels of the author, where the syntactic and semantic structure of each chapter talks to a different work. Combining biography traits with a creative writing proposal, the dissertation builds on a “chronofictional” cut, in a trajectory that starts from childhood, inspired by *A confissão* (IHG, 1999), passing by the “existentialoid” teenager of *Reino dos Medas* (Expressão e Cultura, 1971), the “adulterous” life of the novels *As mãos no fogo: romance graciano* (FCAA / Ufes, 1983) and *A ceia dominicana: romance neolatino* (Bertrand Brasil, 2007), culminating in the present of death in *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer* (Patuá, 2018), under the aegis of metalanguage. Thus, the work will be considered as an “allegory”, in the sense proposed by Craig Owens (2004), understood not as metonymy (realism), or as metaphor (romanticism), but as a “relative destruction” of the promise of meaning it assumes. Reinaldo Santos Neves, author used to combine biographical data with fiction in his works, will now be converted into Reynaldo Santos Neves, as in the novel *Sueli: romance confesso* (FCAA / Ufes, 1989), rearticulated in this metafictional research whose result will be the “lato sensu novel”.

Keywords: Reinaldo Santos Neves, brazilian fiction, intertext, metalanguage

SUMÁRIO

0 PRÓLOGO.....	11
1 INFÂNCIA	16
2 ADOLESCÊNCIA	45
3 VIDA ADÚLTERA	66
4 MORTE	123
5 EPÍLOGO	135
6 MEMORIAL DE PESQUISA	137
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164

*There is nothing to writing.
All you do is sit down at a typewriter and bleed.*
Ernest Hemingway

E.

O ARTESÃO DE MIL FACES: ROMANCE LATO SENSU

Ou

Reynaldo e Reinaldo: romance lato sensu

Ou

Lição de carpintaria

Ou

O túmulo do rei

Ou

Tumba gasta: romance lato sensu

Ou

O rei de esqualido túmulo

Ou

Sepultura em desasseio: romance lato sensu

Ou

Fogo fátuo

Ou

Cadafalso em agonia

Ou

Dobre a rua: romance lato sensu

Ou

A regra dos três segundos

PRÓLOGO

Crê em mim: que eu tinha uma frase de assaz pertinácia para dar de começar a esta empresa aqui. Era um parágrafo de invejável mordacidade, recheado de proparoxítonas e períodos compostos por subordinação e pronomes oblíquos e tudo. Poderás acreditar que essas linhas, como filho dos livros que sou, fossem as mais formosas, as mais primorosas e as mais judiciosas e agudas de que se tem notícia.

Acontece, veja só, que elas se perderam nas manchas de café sobre o manuscrito original. Tomadas que foram pela zona de eventos das pardas manchas do meu Três Corações Extra Forte, vamos ver se elas são dignas de realizar, em sopro fresco de prosa, o salto mágico das masmorras da memória com destino ao crasso e incendiado pátio da consciência.

Mamãe sempre dizia, e dizia mesmo, convicta e enfaticamente, para não levar comida para o escritório. Que lugar de comida é a cozinha. Que lugar de comer é sobre a mesa da cozinha. Que o teclado fica melado de gordura e o chão repleto de farelos e tudo mais. Eu sei de tudo isso, mãezinha, fico dizendo. Mas é que comer sobre a mesa de trabalho aumenta em cerca de trinta por cento a minha capacidade de raciocínio. Não minto.

Tergiversações à parte, avanço como posso.

*

Eis o que é e o que será. Tenho um objeto e do objeto faço meu tear. Santos Neves, R. Tem nome e sobrenome, uma vida, um homem. E uma obra. E que obra.

Pois sim: se por um acaso não conheces a figura lendária de Reynaldo Santos Neves, a culpa talvez não seja tua. Não são muitos os que compartilham de minha vantagem geográfica. Quantas vezes eu não vi este senhor de aspecto soturno caminhando a passos lentos pela avenida Champagnat, aquele delta vila velhense margeado por clínicas médicas e lanchonetes e prédios comerciais que desemboca nas areias da Praia da Costa, e imaginei comigo: “Este não é um senhor qualquer. Na certa anda a esmo, perdido entre as fabulações de uma nova obra-prima, com passagens em inglês, latim e francês.” Pois à época, ele escritor residente da Biblioteca Pública do Espírito Santo, e eu medíocre metido à besta, só o conhecia dentro dos moldes que o mito regional do Grande Escritor Municipal me permitia, algo que

prescinde, e muitas vezes até dispensa, a leitura em si mesma da obra do tal municipalmente grande escritor. Basta saber que ela é grande, e de qualidade, e assim estamos conversados. E imaginando tais coisas eu mal sabia eu, porque um dia uma fonte pessoal me esclareceria, que ele só estava a caminho do pilates, como in facto um senhor qualquer faria.

Mas de qualquer forma não foi herético o professor Wilberth Salgueiro, quando, no bem-aventurado *Prosa sobre Prosa* (2013), coloca o autor capixaba (adjetivo pátrio de restrita circulação) no mesmo panteão que os colossais Guimarães Rosa e Machado de Assis. Olímpico, o autor está “muitos pontos acima da literatura brasileira contemporânea”, como disse Paulo Betancur (2007), e “permanece exilado em sua própria genialidade lá pras bandas de Vitória”, segundo Joca Reiners Terron (2011), talvez porque “com sua fleuma britânica e sua ironia francesa ele tem uma certa dificuldade de se reconhecer entre os adeptos tropicalistas da busca do coqueiro perdido”, como disse Gilbert Chaudanne (2014).

Há certamente escritores que correm mais atrás dos holofotes do que o contrário, o que pode incorrer em vulgar coqueteria. Há aqueles cuja aversão total e radical à fama os tornaram, paradoxalmente, não só famosos como os elevaram à categoria de mitos, em uma dessas ironias cruéis de que a vida, em sua irrazoabilidade, é capaz, como J. D. Salinger ou Thomas Pynchon.

É como Ésquilo que, temendo que um teto caísse sobre a sua cabeça, como previa a profecia, viveu tranquilamente a céu aberto sem contar que o destino fatal o sobrevoava na forma de uma águia, que, por conto do sobrepeso, deixou escapar das garras a tartaruga que fenderia o crânio do dramaturgo. Porque a tartaruga carrega o próprio teto consigo, entendeu?

Não que eu queira afirmar que Salinger ou Pynchon estivessem fatalmente destinados à fama, ou que a deusa Fortuna tenha fadado Reynaldo ao anonimato. Isso são responsabilidades do crítico, coisa que não sou. Sei muito bem o que *não* quis dizer com isso, mas não estou muito certo do que quis dizer exatamente. Talvez nesse ponto eu me assemelhe ao crítico. Talvez eu só ensejasse pretexto para citar a história da profecia de Ésquilo, e aqui eu começo a soar acadêmico.

O que interessa é que Reynaldo, na linha da fama, habita um limbo entre os extremos da sina literária. Sua timidez é incompatível com a exposição, mas sua generosidade (pela qual eu também seria contemplado) é igualmente incompatível com a completa reclusão, fazendo dele uma espécie de Crusoé abandonado na ilha de Vitória, mandando sinais de fumaça para aqueles (raros, talvez) que ainda acreditam na literatura em seu princípio de

prazer.

Me encarrego, pois senão, da arдил-tarefa do biógrafo para preencher, com alguma relutância, as lacunas da tamanha injustiça histórica que acomete o autor. Exceto que talvez não faça sentido falar em História diante da recentidade dos fatos. A História é uma peneira que ainda vai fazer seu trabalho por Reynaldo. O que eu faço, agora, é corrigir então, quiçá, uma injustiça midiática. Que tal assim?

Mas é o seguinte: Reynaldo Santos Neves nasceu em Vitória, Espírito Santo, no dia 3 de dezembro de 1946, na rua Afonso Brás, número 73. É do signo de sagitário, portanto, o que não interessa a ele, tampouco a mim, e quem me dera não interessasse a ninguém. Embora isso talvez não seja verdade. O Nelson, que ainda vai aparecer na história, me disse, mais ou menos no meio da história, ou melhor me lembrou, porque eu que tinha me esquecido, pois então Nelson me lembrou que: o centauro, símbolo do signo de sagitário, este que linhas acima não era de interesse meu, de Reynaldo ou de ninguém, é caro à obra do cara, pombas! Ao que me consta, aparece em pelo menos cinco romances seus, sob a forma de metáfora visual (motociclistas, sobre suas rodas, como extensão de seus corpos, e também homens enrabando homens, sugerindo as quatro pernas do animal fantástico) ou poética: “o único animal que tem dois corações”. Não é bonito isso? Sim, pois há peito de homem como há peito de cavalo na figura mitológica. A metáfora sugere um coração bipartido, perdido entre um lá e cá existencial que o valha. Em *As mãos no fogo: romance graciano* (1983), que aliás se chamava originalmente “O centauro na forca”, tem a coisa da escolha. O versos de Robert Graves (“toda escolha é sempre a escolha errada”) são constantemente evocados. O protagonista fica sensualmente bifurcado entre duas mulheres, duas primas, o que seria evidentemente errado de qualquer jeito, como lembra Graves, sobretudo do ponto de vista católico em que se baseiam personagem e autor, e ainda por cima uma delas, Débora, é apenas uma menina de treze anos, e sobretudo ainda por cima porque o protagonista é casado, ou em vias de: noivo. De qualquer forma, tudo ali é mesmo a escolha errada. E ainda mais por cima ainda esse protagonista é poeta e faz uns versos, o que remete muito ao famoso centauro Quíron, que fica, como nos conta o mito, dividido entre caçar e pensar. A esposa Alice é virgem, ou diz-se que, e o protagonista, de nome Graciano, “paladino de Vênus”, não vê outra escolha senão se baldear um pouquinho em outros balneários, indo à cata de outras fêmeas em Manguinhos.

Reynaldo é filho de folclorista: Guilherme Santos Neves. Devia ter muito da lenda boa

lá em Porto Final, vilarejo no distrito de Mascarenhas, município de Baixo Guandu, ES, onde ele nasceu em 1906. Não me canso de imaginar o ilustre doutor, com seu rosto redondo e amável, à beira da cama do mirradinho raspa de tacho (mirradinho porque era mesmo mirradinho, e raspa de tacho porque veio onze anos depois do irmão que o antecedeu) florescendo o fértil solo da cabeça do menino com lendas, trovas, cantigas, provérbios, fábulas e sonhos. De naus catarinetas, crinquins, faustinas belas, amazonas, valquírias, reis, rainhas, deuses, heróis, larápios, vigários, bucaneiros, cavendishs, marias ortizes e joanas darc, carvoeiras, donzelas, fadas, ticumbis guerreiros, santos jorges ou sebastiões ou beneditos, demônios, frades e freiras, feiras, hochzeitsbitters, tangolomangos, festas e tradições, congos e folias de reis, marujadas, cavalladas, puxadas de mastro, carnavais, rocins, sereias, dragões, sacis, unicórnios, sátiros, curupiras e centauros, sim, por que não centauros? Acho que mais tarde observaremos que, do ponto de vista literário, tudo cabe à mão do nosso Reynaldo, um verdadeiro artesão da palavra, devo dizer, que já escreveu sobre a idade média, sobre sátiras menipeias, sobre blogs de moda na internet e até sobre sonetos ingleses. Um canivete-suíço, o cara. Então está bem, Nelson: interessa sim o sagitário.

Quantos abraços, eu me pergunto agora, será que cabem em dois corações?

Reynaldo graduou-se em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1968. Em 1970, foi admitido como servidor da mesma instituição. Até se aposentar em 2012, atuou como responsável pela editoria da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, como editor de literatura, e administrador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo, vinculado à pós-graduação em Letras da Ufes, sendo responsável por inúmeras publicações, periódicos, antologias e coletâneas, coleções, seminários.

Como escritor, Reynaldo Santos Neves publicou até o fim da pesquisa onze romances, entre eles: *Reino dos Medas* (1971), *A crônica de Malemort* (1978), *As mãos no fogo: romance graciano* (1984, com data de 1983), *Sueli: romance confesso* (1989), *Kitty aos 22: divertimento* (2006), *A longa história* (2007), *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008), *A folha de hera: romance bilíngue* (2010) e *Blues for Mr. Name ou Deus está morto e quer morrer* (2018); alguma poesia (como *Poema graciano*, publicado na Revista Letra, de capa vermelha, em 1982 e *Muito soneto por nada*, de 1998); três livros de contos (entre os quais o afortunado *Mina Rakastan Sinua*, em 2016) e um de crônicas: *Dois graus a leste, três graus a*

oeste (2013). Publicou também novela - *A confissão* (1999) e até literatura infantil – *Crinquinim e o convento da Penha* (2001).

Atuou ainda como escritor residente na Biblioteca Pública do Espírito Santo (2010-2014), e teve como centro de seu projeto o romance bilíngue *A folha de hera*, ambientado no medieval, em três volumes, a partir da tradução inglesa de um rasurado e por muito tempo perdido manuscrito francês, o que reitera também seus dotes para pesquisa e tradução.

Em fevereiro de 2017, conheceu seu mais novo biógrafo, eu.

CAPÍTULO PRIMEIRO

(Onde se fala sobre a infância)

E. *Reynaldo Santos Neves é um escritor de múltiplas escrituras, um artesão da palavra. No caso de seu “conto católico”, como também ficou conhecido “A confissão” (1999), Reynaldo enveredou pelos labirintos da memória, retratando a infância.*

Miguel Depes Tallon (1999), em nota prévia, afirma que há “Em toda a narrativa, a mesma permanente preocupação com a palavra, o mesmo coloquialismo elegante de quem possui o domínio do ofício”, ou seja, o artesão também aqui se faz presente, concordando com seu trabalho de linguagem. A expressão “coloquialismo elegante”, em seu paradoxo, reflete sucintamente os méritos de linguagem da obra.

A infância do autor/personagem é a infância provinciana do Centro de Vitória dos anos 1950. Há muitos signos que compõem esse imaginário: soldadinhos de chumbo, a crônica do Padre que foi ver “Gilda”, as estampas colecionáveis de Eucalol, o Vick Vaporub, os quadrinhos de Ringo Kid, a história do Cavaleiro Negro, o beijo-frio de coco do Bar Caranguejo. Esse caleidoscópio de referências já revela o caráter “impressionista” da narrativa, que captura símbolos da cultura popular que perfazem o imaginário da criança para contar o trivial.

A história começa na ladeira do Carmo, e durante o percurso o narrador encontra vários pontos de apoio para a apreciação da memória do Centro de Vitória dos anos 1950 e seus personagens habitués: as freiras, as rameiras, as pétalas de flamboyant...

A metáfora da confissão anunciada no título está explícita em todo texto. A narrativa, em primeira pessoa, coloca o leitor na posição do confessor em arroubos metalinguísticos como “É essa a cena de domingo que cismou de ficar em minha memória [...] O resto é conto – que mistura alguma ficção a um punhado de lembranças avulsas” (p.10). O conteúdo parte do olhar do escritor sobre a infância católica como ponto de partida para a confissão de um “crime” doloso cometido ao final da história.

A “heresia” está presente desde o início do relato, quando do tom erótico com que se fala a respeito de uma professora de Francês, até o final, quando o autor “mata” Nossa Senhora da Conceição (um revólver do pai de um coleguinha dispara acidentalmente,

enquanto brincam de Velho Oeste, contra uma imagem da santa) e, após uma “confissão de emergência”, joga sua lista de pecados no lixo.

O desfecho representa um rompimento? Se levarmos em conta que a criança de “A Confissão” se tornaria o adolescente existencialóide brigado com Deus de “Reino dos Medas” (1971), talvez a resposta seja positiva. Fato é que o moralismo cristão da sociedade vitoriense é olhado com alguma zombaria, como se pode verificar em expressões como “irresistível ganância divina” (p. 25); “dizimo de biscoitos de polvilho”; “chifres bissextos” (p. 24); “suspiro que paga a judiação” (p. 30); “confissão de emergência” (p. 75).

O olhar irônico do adulto faz clara a sua teia com o uso da coloquialidade, arrefecendo personificações típicas da criança, como “teimosia do flamboyant” (p. 8) e “obesidade do império austro-húngaro” (p. 45).

No que diz respeito à sintaxe, Djalma Vazzoler e Mônica A. Heloane Carvalho de Sant'Anna (2001) também confirmam o predomínio de períodos compostos por coordenação, escolha que traduz esteticamente a voz da criança na história, o que remete a outra criança brigada com Deus. Falo do “Retrato do artista quando jovem”, de James Joyce. A linguagem que sugere a evolução da personagem de Joyce parte também, no primeiro capítulo, retratando a primeira infância, da sintaxe mais elementar de orações coordenadas e quase ausência total de subordinadas, de acordo com o mecanismo mental infantil de justaposição.

Joyce, em seu romance de formação, bate asas deixando a fé católica para trás. Reynaldo, em sua deformação da memória, retorna a ela, talvez para lembrar por que também não parou quieto por lá.

R. Fiz uma leitura rápida, saltando as teorias (que não são meu forte) e dando mais atenção ao feijão-com-arroz. Pelo que posso afiançar, o projeto está muito bom, com muitas entradas e saídas críticas instigantes.

Vejo o descarte da lista de pecados como um gesto de quem se livrou de um problema que parecia enorme e que, uma vez resolvido, podia ser celebrado com um picolé (o beijo-frio da época). Em algum caderno achei, recentemente, um registro do passo a passo de minha perda de fé. Em tal ano, deixei de ir à missa; em tal ano, deixei de comungar; em tal ano, deixei de acreditar em Deus. Mas a presença da ausência de Deus tornou-se topos recorrente de alguns dos contos de 1963 e dos três de 64 e até de alguns poemas de 66 e 67, e

vai desaguar com força nos Medas. Não sei se essa obsessão era verdadeira ou literária, mas o que é verdadeiro (e ecoa às vezes em minha literatura) é a minha forte ligação sentimental ou afetiva (ou que adjetivo possa melhor explicá-la) com a Igreja Católica – minha esposa que o diga, e mesmo Sérgio. Ou seja, embora me defina como agnóstico (e o fiz no Instituto Histórico - e você estava lá), acho mais certo definir-me (e o faço às vezes) como ateu-católico ou católico-agnóstico ou até como católico-literário. Praticante, porém, nem um pouco. Admiro que autores que respeito, como Graham Greene, e Chesterton, e Tolkien, e o maluquinho do Evelyn Waugh, se tenham convertido ao Catolicismo. Admiro outros que, católicos de berço, mantiveram-se fiéis católicos, como Anthony Burgess, Gertrud von le Fort, Walter Miller Jr. (autor de "Um cântico para Leibowitz"), e, no Brasil, Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Antônio Carlos Villaça e aquele católico por excelência, e sofrido, que foi José Carlos Oliveira. No final das contas, acho que o que me prende ao Catolicismo é o tanto que ele tem e permite de literário. A explicação pode ser prosaica, mas o sentimento é visceral. Quanto à minha briga com Deus, é a mesma do personagem Sandro, de um dos contos de 1964 que precederam os Medas. Pois diz ele: "Eu não odeio ninguém; só minha irmã, e Deus, porque eles não existem."

Envio-lhe em anexo um texto extraído de uma segunda arenga que fiz na Escola Lacaniana de Vitória, que revela uma conexão entre Joyce e mim.

Boa sorte pra você e pra mim.

1. Fade in. Interna. Noite. O Cenário é o Café Carnielli, na Enseada do Suá. O pequeno e amável e rústico Café Carnielli, como um Jonas, entranhado em algum ponto meridional entre as costelas do cetáceo Horto Mercado, com seu imponente fachadão tom de madeira que se ergue às margens da avenida Nossa Senhora dos Navegantes.

Navegando fui, zarpando de Vila Velha, pela linha de ônibus 508. Como estava cheia a embarcação, me postei ali no curralzinho dos idosos, o espaço entre a roleta e o motorista, prensado sobre a grande proa de vidro. E vendo-me assim atulhado, atravessando a Terceira Ponte, que abraça a Baía de Vitória, me senti um escrivão da frota do fidalgo Dom Vasco Fernandes Coutinho, dentro da caravela Glória, em um domingo tal de 1535, contemplando pela primeira vez o caudaloso espigão de pedra que viria a se chamar Mestre Álvaro, e ainda o Morro da Fonte Grande, a estibordo, com seus sovacos certos que cobertos de robusta e muita mata atlântica, ávido por desbravar a recém-doadada Capitania Undécima, logo nomeada de Espírito Santo.

Depois de tentar contar, em vão, quantas janelas havia no Convento da Penha (um antigo costume compartilhado com minha irmã Cléo), desembarco na avenida. Plano médio: eu vestia calça de moletom azul e uma camisa de pano simples. Lembro com precisão porque a impressão de que não me sentia vestido apropriadamente varreu minha consciência como um ciclone durante todo o curso dos eventos que se seguiram.

Entro no Horto, logo avisto o Carnielli. Lances de planos detalhes: Bolo de chocolate e também bolho de milho e café e água e também água de coco. Alguns tipos, doutos, intelectuais, madames intelectuais, madames metidas a intelectuais, eu.

Os tipos por lá se reuniam por ocasião do lançamento da marca de bijuterias da esposa *dele*. Pois que, exausta de dar sem receber pela cultura, converteu-se em artesã, e assumiu negócio sob o espirituoso epíteto de “rústico chique”. A senhora Santos Neves inaugurava ali a “Jóias Pituã”. Pituã é o tupi-guarani de “bem-te-vi”, que é um pássaro amarelo e sem-vergonha.

Cheguei azul e cheio-de-vergonha, afetado por algum estado de ansiedade, obeso de modos. Algumas vezes confessei, a um amigo aqui, outro ali (expressão que utilizo no sentido literal, porque a verdade é que não tenho mais que dois ou três amigos a quem possa confessar qualquer coisa) que eu me esforçava por economizar os segundos ao lado do ídolo, pois que, suandofriente como eu ficava, a energia despendida era muita. Como se ele fosse uma estrela do rock e a minha selfie, *o right place at the right time*, fosse a memória de um sorriso seu

provocado por uma piada inteligente minha. Eis a razão de tal economia psíquica, para utilizar uma expressão de Freud, não certo, no entanto, de que ela ocupe lugar acertado no contexto em que a convoco.

O esforço para não me mediocrizar era proporcional à minha insuficiência canônica. Pobre insuficiência canônica, diagnosticada pela culpa de gosto. Gosto mal treinado, peregrinação literária que não anda de avião. A culpa por não oferecer um comentário requintado, em bandeja de prata, sobre Sterne, aquele que estampa largas manchas escarlates dos chupões de Machado de Assis, ou sobre o católico Graham Greene, ou sobre o maluquinho do Evelyn Waugh, sobre Walter Miller Jr., que seja, ou ainda sobre Chesterton, embora eu conhecesse uma teoria interessante sobre a figura de Domingo, personagem icônico do célebre *The man who was thursday*, sobre ele ser uma ideia e não uma pessoa. Não que ele fosse o produto de uma alucinação, ou que fosse demiúrgico, como apontam alguns entendidos, mas simplesmente uma ideia. Uma ideia de cabelos grisalhos, feições adiposas e dois metros e dez.

Estavam lá, destacados em meu campo de visão, Sérgio Blank e Fernando Achiamé, ao lado *dele*, naturalmente. As duas figuras ferinas a escoltar sua timidez de náufrago social. Sérgio, melancolicoblues, de angélicos cabelos. Fernando, amigo fiel, com sua sanchopança forçando os botões da camisa. Fernando pergunta as amenidades de praxe: e as pesquisas, e a noiva. As pesquisas vão tudo bem, de vento em popa, tinindo trincando. Minha noiva Sara vai bem, vai bem. Pensei que: melhor sem mim, talvez. Mas isso não compartilho, porque Fernando é passarinho passará.

Com seu habitual traje de ofício, a camisa de botão, por dentro da calça de malha, os sapatos pretos bem polidos, sempre bem polidos, e a caneta pendurada no bolso da camisa, caneta de estirpe, às vezes era Bic, mas não nesse dia, ele postava-se lá, com o também habitual cruzar de braços sobre o ventre, a aliança fina enroscada no dedo formando o conjunto abstêmio do católico-literário em ação. Silencioso ainda que a falar, escondido debaixo da barba hirta, absconso sob o brilho retido por trás dos olhos cinzentos. Não podia ser outra figura senão a de Reynaldo Santos Neves, o Grande Escritor Municipal, um mestre.

Parêntesis: Jorge Luis Borges, em um de seus *Prólogos*, disse alguma coisa interessante sobre o mestre. Se o mestre é aquele que replica conhecimento sobre fatos isolados, ele não é mais proficiente que uma enciclopédia. “Mestre é quem ensina com o exemplo uma maneira de tratar as coisas, um estilo genérico de enfrentar o vário e incessante

universo” (p. 99), atesta o ensaísta argentino, que cita os registros de Buda ou de Confúcio como exemplos de incompatibilidade entre a trivialidade e a fama de suas palavras. A solução para o conflito está na assunção de que ideias mortas no papel foram animosas e vigorosas para aqueles que as escutaram e as conservaram, porque por trás delas havia um homem. “Aquele homem e sua realidade as banhavam. Uma entonação, um gesto, um rosto lhe davam uma virtude que perdemos hoje”, conclui. Reynaldo, ainda que enciclopédico, só abre a boca em regime de restrição por amizade, e ainda assim em doses homeopáticas. Em uma certa ocasião, foi convidado para participar de um café literário promovido por um grupo de estudos da Universidade. O professor, armado até os dentes, disparou munição teórica sob a forma de uma rocambolesca pergunta, que em verdade era um monólogo em forma de pergunta, onde se analisava as razões por trás dos intervalos menores que existiam entre a publicação de suas obras mais recentes. Reynaldo, lacônico, disse que isso se devia ao advento do computador. Ainda que trivial, sua postura me inspira. Quando perguntado, em outra ocasião, se “a escrita salva a alma”, o autor respondeu que essas coisas eram complicadas demais para ele, até porque era agnóstico. Sua indiferença perante a filosofia e a teoria, ainda que um pouco teatral ou performática, me inspira. Com um sopro de prosa e uma elegância de postura ele é capaz de desamoedar os aspectos místicos que os hermeneutas devotam sobre a literatura. Escrita não se faz num cibercafé, debaixo de uns óculos escuros. Escrita se faz debaixo do chuveiro. Missão divina? Beijo de musa num dia de sol? *Quítame a esas pajas*.

De volta ao plano geral. Se alguém perguntasse o que conversamos eu e qualquer pessoa que tenha visto por lá eu não saberia dizer, porque não me lembro. No duro, a coisa toda foi meio entediante. Comi foi bastante bolo. Eu e Fernando, que tinha estômago romano. Até que a despedida.

Eu logo abracei Sérgio com um abraço colorido e Fernando com um abraço cristão. O Fernando tem essa coisa de cristão, e o Sérgio tem essa coisa de colorido. Duas amizades.

Abracei e abracei.

- Por que você não abraça ele também? - disparou Fernando, dirigindo-se a Reynaldo, soltando uma habitual gracinha achiamética.

- Você quer? - dirigi-me a Reynaldo, zombeteiro, provocador, desafiador de minha própria pequenez, insegurança e deslumbramento, dissolvendo as calotas polares que se formavam sobre minha testa e têmporas.

- Não faço questão – cravou, com um risinho que refletia seu conflito tantas vezes verificado entre o desconforto e compostura. Não deixou de ser educado, não deixou de ser irônico. Um *gentleman*. Um cavaleiro inglês de terceiro mundo.

- Eu já abracei a obra – sentenciei, baixinho, como que para mim mesmo, como que um mantra, não deixando de escapar dos ouvidos de Fernando, que mais tarde se admirou da minha saída arguta. *Right place at the right time*. Ou, quem sabe, um *right words at the right time*. Ou, ainda, *right words at the right place at the right time*.

É desse abraço que eu quero falar.

2. O outro abraço foi antes. Antes de eu abraçar a obra.

Eu era jovem, muito jovem, e o Sérgio Blank me convidou para uma certa mesa-redonda em um certo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Tratava-se de um compromisso de seu grande amigo e mentor, um certo Reynaldo Santos Neves, com a Lei Rubem Braga, que consistia em oferecer alguns minutos de seu tempo ao público em troca do financiamento, via fundo de cultura, do seu último livro lançado.

O Instituto fica ali no Parque Moscoso, o mesmo Parque Moscoso onde, setenta anos atrás, a família Santos Neves ganhava mais um herdeiro da erudição do doutor Guilherme. O mesmo Parque Moscoso em que eu mesmo também brinquei a infância.

Eu morava na rua Barão de Monjardim e estudava no Colégio Agostiniano, que fronteira uma das entradas do Moscoso.

Toda quarta-feira a professora atravessava a turma. Os meninos davam as mãos às meninas. Os pares infantes se organizavam em fila e, anseriformes, acompanhavam Mamãe Ganso no passeio semanal. Eu tinha uma namoradinha, era Naiara o nome dela, e me orgulhava disso. Mas de instância superior vinha o critério para a formação dos pares. No caso, Mamãe Ganso, a professora. Qual não foi meu embaraço quando, em uma dessas travessias, eu de mãos dadas com uma colega que não muito me aprazia em termos estéticos, um homem que trabalhava em uma obra de drenagem fez troça: “namoradinhos, hein”. Fiquei transtornado. Imagina se ele me visse com a Naiara, a bela Naiara de belas tranças, pequena musa de olhos verde-mar. Santos numes!, meio que fiz, eu já pequeno e ditoso filho de Vênus. Na semana seguinte, negocieei uma troca. Naiara seria meu potiche, minha pequena esposinha-trofêu. Saí todo ensimesmado, ávido por mais uma vez somente escutar a piadinha, indiciária ela seria de meu triunfo, e aquele senhor pedreiro se faria arauto da minha bem realizada lascívia, e agora eu teria do que me orgulhar. Agora sim. Mas tudo que começa assim tem um *mas*. Mas o homem já não estava lá. O homem que foi, já não era mais. O homem que foi quarta-feira.

Perdido que estava nessas distrações da memória, demorei a encontrar a entrada do Instituto. Também pudera. Ele é uma mancha desbotada na balbúrdia de entre-bares da Avenida República, com sua presunçosa portinha azul de ferro que pouco convida a entrar. Ainda por cima tinha que tocar o interfone.

Dois cigarros e meio depois, apertei o botão. Não me espantaria se uma voz rouca e misteriosa se lançasse caixinha afora pedindo a senha do dia. A porta abriu com um estalo.

Quando subi, fui tomado de assalto por algo que eu posso perfeitamente classificar como um baile intelectual anacrônico. Autoridades locais da História e intelectuais monarquistas conversavam elegantemente dentro de um augusto e respeitável salão, enquanto outros mexiam nos celulares ou batiam fotos com suas câmeras fotográficas, para descontentamento dos bicentenários Dom Pedros e Padres Anchieta a óleo que se penduravam ali. Um dos membros, de suíças e suspensório, logo se aproximou, bateu nos meus ombros e disse: “bem-vindo ao Instituto, cavalheiro”. Não dava pra acreditar.

Pelas paredes lustradas, além das pinturas de duzentos anos de idade, fotografias honorárias de todos os presidentes do instituto, desde mil novecentos e vai José até hoje, mapas antigos da capitania, janelas não. Sobre o piso de granito, cadeiras de madeira do período colonial. Queria eu, honestamente, poder descrever aquele salão com mais tenacidade lexical. Contendo um átrio, com cadeiras que acomodaram não sei quantas gerações de bundas, uma sala dos passos perdidos, com água e cafezinho, e uma câmara de reflexões, alcova onde se postava uma mesa de mogno que receberia os conferencistas, o lugar transpirava nobreza e eu queria muito destilar analogias feudais para descrever sua grandeza gótica, embora fosse mais para barroca. Se os bruxuleantes ecos de mamãe na cabeça não houvessem implicado com o pedaço de mironga que quis trazer para o escritório no dia das anotações deste capítulo, talvez eu tivesse sucesso.

Entrei com uma latinha de coca-cola, não sei se mencionei.

- Eu posso? - tive que perguntar.

- Você pode, - respondeu um senhor com um par de óculos pendurado sobre o pescoço
- desde que não derrame em nada. Você não deixaria derramar em nada, não é mesmo?

- Que não, - eu disse - , meu bom senhor, - e assim respondi, reverencialmente.

E aí o Sérgio me apresenta tal aqui, outro ali e me presenteia com o novo livro de Reynaldo e insiste que eu peça autógrafo e eu suandofriendo como de praxe. Ele está lá, as mãos cruzadas sobre o ventre, o ar despojado, a camisa de botão da C&A, cabelos em desalinho, a barba bem cultivada. São cinquenta anos de barba, ele me disse uma vez.

Cutuco-lhe e primeiro o meu *Heródoto, IV, 196*, uma coletânea de contos publicada pela Editora Coisa. Ele se curva sobre o livro e os dois tornam-se um. Corre as páginas com gestos seguros e faz duas interferências à caneta. Uma na página trinta e nove e outra na

página cento e dezessete. Um erro de conteúdo e um erro de digitação, me explicou. Fiquei assaz impressionado com o nível de precisão com que ele conhecia a posição exata daqueles detalhes em um livro publicado seis anos atrás.

- Isso aí foi burrada minha, cara – disse, humilde.

- Sei, sei. - repliquei, sem na verdade saber.

Por fim, dedica-me o livro com um abraço. Nosso primeiro abraço. Aí sim. “Ganhei um abraço”, observei em alta voz, retendo a emoção. “É a dedicatória oficial”, ele baldefriou. Agradei e voltei enrabichado pros lados de Sérgio.

Aí eis que uma figura distinta irrompe pelo salão. Dos soturnos olhos azuis e da luzidia (porque oleosa) barba grisalha com raros tons de louro eu não tomaria tanta nota, não estivesse ele vestido de tinta da cabeça aos pés. Sim. Um velho coxo coberto de trapos cobertos de tinta entrou, fazendo contraponto platônico a toda aquela fidalguia. Um grande pintor metamorfoseado na própria obra, logo intuí. Como extensão de seus membros, tal qual um cetro, uma bengala de madeira a amparar seus mancos passos.

Soube que ele andava doente, e que numa queda doméstica, anos atrás, lesionara a perna irreversivelmente. Nesse momento eu nutri uma modesta simpatia pela figura do amável velhinho, mas esse sentimento logo se converteria numa fatal piedade.

Sérgio quis logo me apresentar. Cabe dizer que o poeta Sérgio Blank, mui grande amigo, era também uma espécie de apostador, com seus cirúrgicos olhos de safira a destrinchar os potenciais talentos que haviam em mim. Ele que fora uma aposta de Reynaldo no passado, quando foi seu estagiário na Fundação Ceciliano Abel de Almeida, fazia agora seu papel no fluxo de gentileza que contribuía com a manutenção de alguma sobrevida às letras capixabas.

Disse que se chamava, o artista-obra, Chaudanne. Xodan? Chaudanne. Jedan? Chaudanne. Sérgio: Esse é o meu amigo. Ele é escritor. Jovem escritor em polvorosa ascensão. Anotei no meu diário, naquele dia, que o Sérgio se referiu a mim como escritor. Jovem escritor em polvorosa ascensão.

Chaudanne: Vim falar de conto. Também era exímio ensaísta. Já havia escrito um sem número de laudas sobre a obra de Reynaldo, logo soube. E tudo à mão, o que despertava a mais sincera das impaciências nos jornalistas d'A Gazeta. Foi então que uma espécie

sobrenatural de inveja começou a se apossar de mim.

O conto ele é preciso, continuou. E falou um monte sobre:

- [*Qualquer coisa que não me lembro*]. - respirou. Respirou?

- Ah, sim. Interessante. - respondi laconicamente, não por falta de vontade, mas de oportunidade.

- [*Mais um monte*]

-Você é estrangeiro, não é mesmo? Deixa eu adivinhar de onde é. - disse eu, botando a língua zombeteira pra fora.

- Olha, não vai dizer um país que não gosto. - ele entrou na dança.

- Áustria.

- Não. Pelo menos não ofendeu. - o risinho satirônico traduzindo seu contentamento.

- Ahn. Bélgica.

- Não. É um país bem famoso.

- Não é Alemanha?

- França.

Ele era francês. Era tão óbvio. Gilbert Chaudanne era francês.

Uma simples pesquisa de campo me informou que o sujeito saiu da França ainda jovem, mochila nas costas, uma carreira científica pra trás, de uma região conhecida como Franco-condado, cidade de Besançon, terra de seres como Charles Fourier e Victor Hugo. Nessa de maluco de estrada, andou norte, sul, leste, até que abandonou a Europa de vez porque queria trabalhar o sagrado na sua obra e o sagrado na Europa já devia estar meio modê. O azul de lá talvez não fosse tão bonito. Logo conheceu a Ásia, pintou os bodhisatvas budistas e ministrou aulas de literatura francesa na Tailândia. Para tirar a arte sacra da anemia, buscou o Brasil, onde “Deus caprichou na luz”, segundo disse. O “expressionismo nordestino” era mais vivo que os pós-góticos ingleses, o “impressionismo tropical” era mais vibrante que o bucolismo pastel europeu.

Primeiro, aterrissou no Piauí, onde logo se filiou à intelectualidade local. Começou a pintar temas de *Casagrande e senzala* e a ministrar palestras com temas diversos da Filosofia

e da Arte. Parece que passou um tempo ainda por vários estados do país até parar por aqui, na capitania perdida, em meados de 1980. Talvez fosse uma questão onomástica: um estado com o nome da santíssima trindade, ainda por cima com uma capital chamada Vitória, nome de deusa, de rainha e de santa. Já que ele também é geólogo de formação, deve curtir esse negócio de amor à terra. Sem contar a afeição à arte sagrada. Em terras capixabas, deu aulas na Aliança e Francesa e expôs a torto e a direito pela capital, conquistando algum prestígio. Algum não, mas notório prestígio. Não vou discutir talento, mas um intelectual francês de lábia espanhola como ele jamais poderia passar despercebido por tão provincianas terras. Hoje é conhecido especialmente por pintar milhares de séries de Madonas em cores quentes, uma obsessão particular, fazendo uma espécie de tropicalismo às avessas.

Depois que a curiosidade com Chaudanne competiu um pouco com Reynaldo, fui explorar um tanto mais o lugar. Tomei café, conheci o banheiro, encarei fotografias. E aí depois qualquer coisa que não lembro com outros ilustres sobre qualquer coisa como o pansexualismo na poesia e começa a mesa. O emissário de suíças, sobre um púlpito de madeira, convida todos a se sentarem. O senhor Presidente do Instituto, encorajado de um bom terno cinzento, toma a palavra e agradece a presença de todos e lembra aos senhores conferencistas que não podemos nos alongar porque a polícia não está trabalhando. Sim. Naquela semana os policiais foram impedidos de sair do batalhão por conta de uma turba ensandecida de esposas armadas com apitos e cartazes. Foi a fatídica e sangrenta semana da “greve” da Polícia Militar do Espírito Santo.

E aí Reynaldo foi falar. “Serei breve, em virtude da premência do tempo”.

Putá. Que. Pariu.

De novo: “Serei breve, em virtude da premência do tempo”.

Que palavra bonita da porra. *Premência*. Tente pronunciá-la pra ver. É uma delícia essa palavra. Dá vontade de lamber essa palavra.

3. Então está bem. Não demorou dali uns dias fui atrás de livros de Reynaldo na Biblioteca Estadual, que fica ali entre as gazes de sangue do PA da Enseada, o cheiro de peixe das peixarias da Almirante Tamandaré e a fumaça do Morro do Garrafa. Tomei um café plebeu com Sérgio Blank, então assessor cultural e programador da Biblioteca, com o devido consentimento da síndica, ou bibliotecária-chefe, que adorava receber em seu escritório gente da importância de um jovem escritor em polvorosa ascensão. Tricotei ali com Sérgio um par de tempo sobre a vida do ídolo, que ele conhecia intimamente, e fiquei sabendo que ele estava com hemorroidas.

Finalmente, me lancei sobre as estantes da sessão capixaba, ignorando tudo que não estampasse o dourado Santos Neves, R., na lombada. *A ceia dominicana*, *Confessio Amantis*, *Kitty*, *A folha de hera*, *As mãos no fogo*, uma salivada atrás da outra. Fiquei me demorando ali uma pá de horas. *Malemort* me levou ao centro da tábua-redonda, a beber do cálice sagrado de sua verossímil linguagem medieval. Beber mesmo eu tive vontade com *Reino dos Medas*, puta livro angustioso do cacete, do tipo que impressionaria Caio Fernando Abreu. *As mãos no fogo*, torcendo o livro inteiro para ele comer logo a prima. *A ceia dominicana*, eu tive dificuldade. Dificuldade de conter as ereções. Inspirado em *Satyricon*, o livro é fescenino pra burro. Há uma cena memorável, dentre tantas outras, em que o protagonista Graciano faz até uma mudinha falar com seu mágico pau fincado nos países baixos da moça.

Para descansar um pouco as vistas me sentei à varanda da Biblioteca, contemplando a pracinha que há em frente. Numa mesa de pedra, a turma da cachaça sustentava o dia na base da meiota. Vi um senhor puxar, senhor das ruas, um copo escondido entre as ramas de um pé de ficus. Duzentos metros a estibordo, sobre um banco de concreto em frente a quadra de esportes, a turma da pedra entoava operetas de fome aos passantes. O sol já se mostrava tímido ao largo das encostas do bairro de Nazaré. Acabei dormitando um pouquinho e sonhei que:

*

Caminho sem volta. Embrenhei-me tanto na leitura dos clássicos reynaldianos nos momentos de ociosidade – que eram então os mais dos meses, por razões que displicentemente não esclareço – com tanto afínco e gosto que me esqueci quase que

completamente do exercício minimamente razoável da vida. Logo fundei a hoje extinta Escola Reynaldiana de Vitória, e a ela me doei de sangue e alma. Sara, minha noiva, que já não abria tanto as ancas ultimamente, deu que fechou completamente as portinholas. Eu que não tinha onde atracar, dei pra me afogar mais ainda na prosa inspirada do ídolo. Até Cléo, minha púbere irmã de que tanto gosto, ficou bem negligenciada nesses tempos.

E aí, no retorno dos dias à estante número cinco da sessão “Capixabas” da Biblioteca Estadual, acontece o encontro com *A Confissão*, essa novelinha que trata da infância e que passou batido pela crítica mas que me arrebatou de um jeito assim que fiquei úmido de excitação.

4. Então venha comigo. Estamos na Ilha de Santa Vitória, nos idos de 1940. A cobra já tinha fumado. Doutor Jones, governador, tal qual um J.K. capixaba, transformava a cidade num expoente da prosperidade industrial que se verificava também nos vizinhos do Rio de Janeiro.

Olha o bonde. O bonde J.G. Brill, que rasga a cidade com todo aquele jeitão de coisa moderna. Sai de Jucutuquara, deixando para trás o estádio Governador Bley e a Escola Técnica, antigo Liceu, e vence a curva enladeirada do Saldanha com destino ao centro da cidade, afã da modernidade aristocrática, onde se moram as melhores famílias, onde se fazem os melhores negócios. Aqueles que se lançavam a um destino mais longínquo tinham a opção da “Jardineira”, ônibus com chassis de caminhão que, ainda que menos confortável, oferecia a vantagem de uma cobertura não restrita pela rede elétrica.

Nessa mesma Vitória, fruto terceiro do amor entre Guilherme e Marília de Almeida Santos Neves, nasce Reynaldo, filho temporão, no dia 03 de dezembro de 1946. No mesmo ano em que Enver Hoxha proclama a República Popular da Albânia após a queda do rei Zog; no mesmo ano em que assume o décimo sexto presidente do Brasil, o Marechal Eurico Gaspar Dutra; no mesmo ano em que é fundada a Basketball Association of America (BAA, atual NBA); no mesmo ano em que é promulgada uma nova Constituição no Brasil; no mesmo dia em que Ho Chi Minh é eleito presidente do Vietnã do Norte; no mesmo ano em que nascem nada mais nada menos que três presidentes dos Estados Unidos: Donald Trump, George W. Bush e Bill Clinton; no mesmo dia em nascem Joseph Conrad e Jean-Luc Godard e que morrem Robert Louis Stevenson e Pierre-Aguste Renoir; no mesmo ano em que Herman Hesse é condecorado com o Prêmio Nobel de Literatura.

Diz que trovejava naquela noite.

*

1953. No Parque Moscoso tinha um menino. A luz do poste bronzado desaparecia e aparecia de novo. O sino da catedral repicava ao meio-dia. Com uma bolsinha a tiracolo e um lápis preso entre os dentes, Reynaldo avançava sobre a praça. Os velhos e seu jogo de damas. Água jorra das bocas das náiades da fonte neoclássica. A luz desaparecia e aparecia novamente. Ele virou a rua, seguiu para o Sul e, nesse momento, viu o encontro do Para Sempre com o Agora.

Por ali também fez amizade. Jogou bola. E jogou muito mal, por sinal, com os vizinhos da Rua Vasco Coutinho, e também cresceu muito olho pra cima das mini-louras que ali existiam. Contam que por causa de umazinha de oito anos de idade saiu até no braço com outro menino. Cátia. Pequena menininha de charme brejeiro, emigrada de São Mateus e que, segunda constam dos anais verbais da Praça Oito, inspirou a figura que estampava as embalagens colecionáveis da extinta bala *Fulva*. A figura mirim, acobertada por caracteres grosseiros, era vista incorporada em vários personagens diferentes da Disney, como Pateta, Pato Donald e Hoosat From Another Planet.

Nota: Segundo o jornalista Eugênio Sette, a Praça Oito

é do Povo como esta frase é de Castro Alves. E o povo não perdoa. Ninguém se aguenta, na Praça. Aquilo é um rolo compressor. Arrasa. Coventriza reputações. Desmancha poses e cartazes. Aniquila. Às vezes, aos poucos, outras vezes sumariamente. Zurze o couro alheio com uma força digna de Hércules. E nenhuma reação é possível, porque todos sabem de tudo e, ao mesmo tempo, ninguém sabe de nada. É o mesmo que se esmurrar o vento. Não há resistência. Na vida dos ilhéus, a Praça não deve ser menosprezada. Porque ela é um monstro de precisão – registra tudo. É um aparelho mecanicamente ainda não inventado, tamanho é o seu poder de captação, retenção e distribuição. Tudo, nela, sua razão de ser (SETTE, 2001, p. 10).

Cátia Fulva não estava a salvo, portanto. Morava ela na casa da frente, que tempos depois seria a Betinho Madeira Construtor, que teve projeto original, inclusive, do doutor Guilherme, que atacava também de projetista.

No dia do embate, os dois gladiadores infantis trocaram alguns socos, e acho que dá pra dizer que a troca foi pouco justa para o nosso pálido e tímido e magro Reynaldo, que foi atrás de vingança.

Atrás de uma pequena escotilha barrancada pela máquina de costura Singer da mãe, Reynaldo *não* encontrou o revólver Smith & Wesson do pai, mas encontrou, ainda bem, uma pilha de objetos folheáveis que se tornariam seu grande fetiche, depois da irmã, mas disso falamos mais à frente.

5. Mas aí os livros. Na sua meninice dos anos 1950, Reynaldo leu clássicos do gênero infantil, como *As caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, ou *Pato Donald na escola*, de Walt Disney, ou ainda *As aventuras de Tibicuera*, de Érico Veríssimo, ou mais ainda boa parte da obra de Julio Verne. As revistinhas logo foram transferidas para a mágica segurança de uma arca que veio de Portugal com mudança da avó, debaixo da escada caracolada do torreão da casa na rua Afonso Brás. A coleção crescia dia a dia, fartando seu baú do tesouro. Doutor Guilherme, folclorista, rechaçava o gibi americano, em defesa da soberania da cultura regional. Mas pai é pai, e o menino ganhava as revistinhas afinal.

Outro de seus costumes de infância era colecionar as estampas embalsamadas pelas embalagens de sabonete Eucalol, que traziam uma série de personagens da literatura nacional. Uma vez ele confessou que ficava louco com a figura de Iracema, vestida apenas com uma tanga do mais fino azul cobrindo o púbis, um colar de dentes de cação ao pescoço e uma fita em volta do tornozelo. Pueril deleite.

O menino Reynaldo tinha por hábito guardar a sobra do dinheiro da merenda para comprar beijo-frio, que era um nome mais interessante pra picolé de coco, no Bar do Caranguejo, mas certa feita decidiu parar na banca de jornal que fica ali entre a Gama Rosa e a Rua Sete, no Centro de Vitória. Quedou-se maravilhado diante de uma revistinha de capa amarela, que ostentava a figura de um capitão imberbe de perna de pau acompanhado de seus corsários com cara de poucos amigos. Tratava-se de uma das aventuras de Robert Louis Stevenson adaptadas pela coleção Terramarear, *A caça ao tesouro*, obra que o influenciaria por toda a vida.

6. Desse período datam também suas primeiras produções literárias. Ainda em 1953, com seis anos de idade, escreveu dois microcontos de fazer inveja a muitos escritores brasileiros contemporâneos e que, reza a lenda, contavam com ilustrações originais do autor. Reproduzo dois desses textos na íntegra:

“Tá chovendo eu tenho que ir na casa de vovô buscar um bolo aí meu cão vai sair buscou o bolo fim”

“Vovô me deu uma tartaruga mas ela era tão sabida sabia ler sabia ficar em pé sabia ligar o rádio sabia comer com as mãos brincava comigo fim”

Interessante notar: A ausência de pontuação sugere um flerte com o fluxo de consciência desenvolvido por James Joyce, como alternativa estilística ao mecanismo de justaposição mental da linguagem infantil.

Nessa onda infanto-modernista, inventou até um idioma parente do inglês:

“AH INGLEX

WY 3 ANOS QKU EW NÃ FYW TH BE NENÓX A PREPARE UM CHÁ XYM MELHR YR PRÁ QWERRA XABE MAYX OS REVOWYER OH NÃ POXXO APANHA-LOX FIM”

Lá pelos nove anos de idade, seu ímpeto se transformou. Acompanhava sempre o irmão ao extinto Cine Majestique, em Jucutuquara, e o menino Reynaldo se meteu então a encarnar a figura medieval do copista, desaparecido de nossa sociologia literária com o advento da modernidade, sentado sobre seu *scriptorium* improvisado na escrivaninha apertada que tinha em casa, envolvido em replicar, sem culpa, os enredos das histórias de faroeste ou de gângsters que consumia no cinema. Leia atentamente, a seguir, um desses contos:

O FRATRICIDA

1936 – CARSON, NEVADA.

Naquela mansão afastada da cidade, sombria e segura, morava o milionário Phill Wright. Os criados eram como a casa, sombrios, carrancudos, rudes e corajosos. Havia um criado que não era isso. Chamava-se Seth Wright e era irmão do dono da casa. Explico assim:

Phill Wright era mais velho e recebera a maior parte da herança, que era enorme. Logo, Seth gastou a sua quota em jogos e diversões caras, mas Phill fez o contrário. Era boa pessoa, mas também sinistra. Boa para os bons e o oposto para os maus. Assim era para Seth: Mau.

Gastada sua quantia, com muito custo Seth conseguiu arranjar emprego com Phill. Era, na mansão Wright, um simples jardineiro.

Phill era ruaceiro e não parava na mansão. Tinha em 1936, vinte e cinco anos, ao passo que Seth possuía apenas vinte e dois.

Seth odiava o irmão por muita coisa:

Dinheiro, posto, beleza, amizade e também por Phill ter como namorada a bela rapariga Susan Harvey. Seth era um homem invejoso. Toda a vez que lembrava-se que não devia ter gasto sua quota, esbofeteava-se sem dó de si mesmo. Odiava todos os empregados da mansão, que eram onze. Odiava a casa paterna. Só amava ali, a si e aos dólares.

Era o pior jardineiro que o mundo já possuiu. E quando era aconselhado pelo seu assistente, repelia-o brutalmente. O seu ódio aumentou muito mais, quando naquela manhã de quinze de outubro, Phill, alegre, reuniu os empregados e falou:

“Caros amigos, boas notícias. Fiquei noivo de Susan e vou casar-me em breve. Vou dar-lhes um aumento e elevarei alguns. À noite, darei um banquete, e, vocês estão convidados para as núpcias” Um “viva” soou [p. 2] pela mansão. Dez empregados ali estavam, satisfeitos e felizes, comemorando com um brinde o noivado de seu bondoso e querido patrão. Mas um rugia baixinho, contando até dez, recitando versos e efetuando outros processos de passar a ira. No dia 20, o dia em que recebiam o dinheiro pelo trabalho, era domingo e os empregados iam à cidade.

O patrão chegou na estalagem dos criados e entregou os pacotes a todos, a quem dava bom-dia. Só não deu a um, sabem qual!

Seth abriu o envelope e contou o dinheiro. Recebia 200 dólares e agora recebeu 500.

Quando perguntou a um servo quanto recebera de aumento, o homem respondeu: “Recebia 200, recebo 800” O ódio de Seth subiu. Não adiantava contar até 10 nem nada. O jeito era dar com a cabeça no muro, mas Seth não fez isso. A ira passou e os empregados, também Seth, foram para a cidade descansar e divertir-se.

Na segunda-feira, quando estava no seu serviço, Seth deu uma ordem a seu assistente, que respondeu: “Sou eu quem dou ordens agora” “Por quê?” “O patrão promoveu-me. É você meu assistente agora”

Novamente Seth teve um ataque e por pouco não mata o criado, pois o agarraram a tempo. Naquela noite, Seth não dormiu. Pensou a noite toda em matar o mano Phill. Pensava num jeito, lembrava-se d’outro e não servia. Estava disposto a tornar-se um “FRATRICIDA”.

Passou-se a semana e Seth não tomou coragem. No domingo, saíram todos e Seth andava pelo bairro onde morava Susan Harvey e ao ver sua casa, parou a contemplá-la. Súbito, apareceu na janela, Susan e Phill. Ela, num gesto deliberado deu um tabefe no rosto dele, e, tirando a aliança, acertou-o em cheio. Pela primeira vez num mês, Seth sorriu. Saiu, sabendo que podia dominar Susan. Aquele inesperado desquite deu coragem a Seth, que resolveu “trabalhar” aquela noite.

No seu quarto, pensou, pensou até que se decidiu. Ia. Às onze horas verificou que todos roncavam e saiu. Olhou para a casa. Havia luz no quarto de Phill. Deteve-se. Pensou uma meia hora ainda.

Resolveu-se e foi, com andar trêmulo, lento, indeciso e medroso. Subiu pela trepadeira à janela aberta dum quarto. [p. 3] Entrou. Abriu a porta do quarto, e, silencioso, atravessou o corredor. Desceu as escadas sem respirar. Na cozinha apanhou um facão do mestre-cuca e retornou o trajeto mais nervoso ainda.

Olhou o quarto do irmão pelo buraco da fechadura. Ele, sentado numa cadeira de costas para a porta, escrevia. Silenciosamente, abriu a porta e atacou. Bastou uma facada. Phill soltou um gemido horripilante, abafado pelas quatro paredes. Seth ia fugir, mas voltou, limpou bem o cabo da faca, a maçaneta da porta e saiu pelo mesmo caminho. Sentiu-se aliviadíssimo quando chegou ao alojamento e deitou na cama. Amanhã, toda a fortuna passaria para ele, único parente que respirava. O último dos Wrights. Rico, namoraria Susan e com ela casaria mais tarde. Feliz, rindo e cansado, adormeceu. Ainda fez muitos castelos no ar ao acordar. Depois, vieram com a trágica notícia da morte de Phill Wright. Seth rumou

à cidade, à tardinha. Fora receber do juiz o dinheiro. Chegou e disse:

“Quero o dinheiro. Sou o único parente do recém-assassinado Phill Wright.” O juiz levantou-se, olhou para os lados e chamou um guarda.

“Eis o assassino de Wright. Prenda-o” disse. Assustadíssimo, Seth perguntou: “Que negócio é esse?” “Phill não foi assassinado. Suicidou-se. O dinheiro ficou para os pobres. Se você diz que foi assassinado, o assassino é você.” Seth compreendeu. Aquela carta... A causa fora o desquite de Susan. Ele devia ter ido na casa inteirar-se do acontecimento. Agora é tarde. Este foi o fim d’“O FRATRICIDA”

Agora, esperava-o a câmara de gás [riscado: cadeira elétrica] e ele pagaria seu crime”

Este conto aterrorizou o próprio autor Ele tremeu. Cuidado!

Seth – Leo Gordon

Phill – Richard Burton

O juiz – Bud Abbott

O guarda – Lou Costello

Susan – Mamie van Doren

e ainda:

Lee J. Cobb – Joe Devlin

Tony Curtis – Vic Morrow

Estão inaugurados aí os impulsos da metalinguagem e do intertexto. “O próprio autor tremeu”, ele diz. Não é legal isso? Observe também que ele fez o *casting* do próprio conto! Deve de ter sido uma criança divertida e imaginativa. Emocionante conferir assim a evidência de um grande escritor em formação, ainda que municipal.

Então está bem. Todo esse primeiro ciclo representa uma vontade de escrever que nasceu de berço. Pois Reynaldo é um reflexo mais contemporâneo do mito borgiano de formação. Foi criado pela biblioteca paterna e pela materna, numa casa com “cheiro de livro”,

porque afinal nela habitaram Doutor Guilherme, folclorista, Luiz Guilherme, escritor, Reynaldo, escritor, João Luiz, leitor de Faulkner.

7. Já falei sobre o pai de Reynaldo ter sido um grande folclorista? Há certamente uma larga influência desse fato em sua formação também. Em uma entrevista ao jornal *El País*, de 2011, o autor conta pra gente que era ninado, aos três anos de idade, pela cantiga “A nau catarineta”. Segundo a internet:

A Nau Catarineta é um poema romanceado por um anônimo, relativo às viagens para o Brasil ou para o Oriente. Segundo Almeida Garrett, o romance popular A Nau Catrineta terá sido baseado no episódio sobre o Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil, no ano de 1565, que integra a História Trágico-Marítima. Este poema, que Garrett incluiu no seu Romanceiro (1843-1851), foi bastante difundido pelos países setentrionais.

A história, que conta também um assalto de corsários franceses e marinheiros à deriva morrendo de escorbuto, certamente fascinara o pequeno Reynaldo, que se tornara tão afeito às aventuras de Stevenson.

No mesmo depoimento acima citado, Reynaldo nos comove com um relato sobre uma certa noite fria de Julho, no Morro dos Alagoanos, que fica pros lados do bairro de Santo Antônio. Ensaio geral da “marujada”. O morro em si já era espetáculo novo para o menino, que olhava tudo com curiosidade entre as pernas do pai. À medida que subiam, intensificava-se o som de música, misturada às vozes que cantavam. Detrás de uma vendinha cujo dono dava papo a seu pai, brotaram como que de uma coxia a céu aberto uma dúzia de marinheiros, acompanhados de três pandeiros. Seu pai explicava: eram os cristãos em costas mouras, contando glórias e feitos. De repente, um bate-boca entre um tripulante e seu capitão. O menino apreensivo. Ainda não sabia para quem torcer. Mas descobriu que aquilo se chamava “resinga pequena”. Quando os ânimos pareciam se atenuar, sobreveio a “resinga grande”. Alguém saca uma espada, o menino arregala os olhos, impressionado. O capitão, imponente, atravessa lâmina no peito do insurgente. Depois os navios mouros, cruzes, espadas, um espetáculo fascinante. Lâminas brilhantes cortando o ar. O menino estava em êxtase: as histórias que escutava à mesa do jantar tornavam-se realidade! Vencem os cristãos, entregam-se os mouros. Foram três horas noite adentro.

As crônicas da época dão conta de descrever as impressionantes vozes de comando, as réplicas da marujada, os versos envolventes, a ginha dolente dos corpos maciços dos marinheiros. Devolvido à noite fria, no caminho de volta pra casa, o menino retornava com

uma chama diferente acesa no peito. Existir era sutilmente diferente a partir de agora.

8. Já no século XXI, o Centro não tem mais charme. Não tem mais criança na rua, não tem flamboyant, nem corrida de champinha na praça Ubaldo Ramallete. As meretrizes do Moscoso ainda estão por lá, mas já não têm a mesma classe. Os prédios abandonados, tudo condenado ao mijó e ao pixo. Os jovens não têm cabeça, como nunca tiveram, é verdade, mas antigamente a futilidade era ao menos mais romântica, preenchida por ídolos do rock ou estrelas do cinema. Hoje a futilidade é ideológica, acusa-se o colega da “falta de consciência de classe” como se acusa um resto de comida entre os dentes.

Mas eu vim com a missão do pesquisador-investigador. Acá estou, na rua Afonso Brás, número 73, a Baker Street do Watson que há em mim.

Ela ainda está lá. Erguida sobre a pedra ela ganha o toque feudal de um torreão digno de um monge copista em seu *scriptorium* que ali, do alto de seu catolicismo, estudou demiurgicamente, criando e descrendo, os manuscritos de *Malemort*, depois, é claro, de brigar com Deus no conjunto de contos de *Tétano: hora decubitus*, e no romance *Reino dos Medas*.

Ao torreão se liga a escadaria espiralada, de precisos degraus, que liga os dois andares da casa como um dragão enrodilhado a guardar uma donzela qualquer, de nome Ana ou Suely, digamos, indefesa contra as penas de atrozes cavaleiros das vilas remotas do inconsciente. Duas grandes varandas, a de cima e a de baixo, cujo piso era todo de tijolo maciço, correm a fachada. Na frente da casa, ao rés da rua, o jardim. Um coro de margaridas batiam ponto nos canteiros, à sombra de um chorão, uma tília e duas ramas de acácias amarelas. Das rameiras pariam-se, todo fim de ano, os galhos floridos para enfeitar a casa dos vizinhos e assegurar a sorte do ano inteiro, segundo a mitologia local. Nos fundos tinha um quintal em patamares. No paredão de pedra marejava um olho d’água que era a alegria das rãs, inquilinas fundamentais de um castelete imaginário, conferindo ar, e som, de fantasia medieval. O quintal tinha uma coleção de árvores frutíferas. Pés de goiaba, amora, pitanga, limão galego, e dois pés de manga.

Um certo Tião era quem morava ali agora. Bem tinha os dentes de um bucaneiro, mas tirou todo o ar de fantasia que a casa tinha. Ainda por cima não parava de falar sobre coisas pelas quais eu não nutria uma vírgula de interesse.

Fomos adentro.

No lugar onde um dia fora a biblioteca do doutor Guilherme, as prateleiras de estantes

arredondadas guardavam com fastio objetos de nenhum valor que não decorativo. Vasos, porcelanas, bibelôs, objetos esféricos que não faziam nenhum sentido. Como senhor do texto, prefiro narrar os não-livros que ali já existiram, com ajuda da imaginação. Doutor Guilherme deu muitos anos aula de literatura portuguesa: daí por que todo aquele Gil, todo o sermonário de Vieira, carreiras de eças e camilos, dúzias de lusíadas, e coisas como apólogos dialogais, farpas e décadas e novas florestas, soldados práticos, e casamentos perfeitos e leais conselheiros. Escrivães, penas e mais peregrinações, e cantigas de amigo, d'escrnhio e de mal dizer, e toda a historiada trágico-marítima. De moderno, torgas e pessoas e namoras, almadadas negreiros e carneiros, pastoreios e simbolistas. Nesse entremeio, o romanceiro nacional: toda a machadiana em volumes da Jackson, e os grandes sertões e corpos de baile, os confins e os chapadões, as casas assassinadas, amarelas angústias e caetés, abades e calabares e gangas zumbas, doidinhos e fogos mortos, pedras do reino, azevedos, pompeias; templos e forcas, gabrielas e gracilianos. Do estrangeiro de língua inglesa, não faltavam faulkners e maughams, shakespeares e conrads. Do estrangeiro outro, goethes e hugos e tolstóis e homeros e ovidius e heraclitus e

Conheci também o quartinho de Dona Dalmácia, que fora a empregada da família e fonte de alguns dos registros de cantigas do doutor Guilherme. Era emocionante reconstruir toda aquela vivência nobre ali. Dalmácia cantando pra Guilherme e Reynaldinho. Luiz Guilherme contando histórias do Contestado, João Luiz contando do último filme que Reynaldo não tinha idade pra ver.

Depois subimos a escadaria encaracolada de ferro batido à mão em estilo *art nouveau*, coisa que não se faz mais no hoje dos tempos. Conheci o quarto que fora do casal Guilherme e Marília. Ao pé da alcova onde ficava a cama e quarto de vestir, imaginei Reynaldinho ali, temporão sem quarto próprio, com sua pequena nave dos sonhos, encabeçado pela proteção filial.

Na varanda, colunas de cedro. Dali o reizinho devia mirar a rua à procura dos colegas de bola.

Nesse ínterim, Sérgio Blank me ligou.

“Não tem mais chorão nem Atília, Sérgio. Não tem mais arca portuguesa e, pasmem, não tem mais biblioteca. O que se mantém, ainda, pelas paredes, são pequenos lóculos que abrigam cadáveres de plantas, nichos que um dia abrigaram figuras sacras.”

“Não se aborreça, meu querido. Ninguém quer saber de livro, mas os livros ainda querem saber da gente.”

Enquanto praticávamos tais diálogos, algo insólito aconteceu. Fernando liga e deixa Sérgio na espera. Chama para lanche. Local de encontro: Centro da Praia, com o Clube do Jazz. Nessa hora decúbita, mais sudorese polar.

“Clube do jazz, Sérgio? Acredita nisso?”

Falarei sobre o Clube em outro momento, pois ainda me ressinto disso aí.

9. Depois de deixar o Moscoso, atravessei a Jerônimo Monteiro lamentando a quantidade de carros, onde em outro tempo havia crianças. Fui parar na Barão de Monjardin. Lamentei também que o Restaurante da Barão, onde roubei muita bala, corri atrás de muito gato e queimei muita bandeira na copa de 98, se transformara numa igreja evangélica, dessas que infestam aos montes a memória da gente. E o Sol da Terra, do naturalista Marco Ortiz, que fazia teatro de marionetes pras crianças? Soterrado depois de fortes chuvas no passado. Acho que Deus é contra minha nostalgia.

Daí que sentei na mesa de um bar, ao lado da Gruta, onde outro dia eu mesmo pedia água da torneira depois do futebol ao pé da ladeira da Gruta da Onça, e pedi, no hoje dos dias, uma Brahma com bolinho de carne, e lembrei do pique.

Ao todo vinte cabeças das mais distintas estirpes. Meninos e meninas. Polícia e ladrão. Pirralhas e varapaus.

Henrique possuía treze anos e divertia-se com uma máscara folclórica que pertencia a Pedro, 8 anos, filho do médico Ortiz. Um ícone da rua. Velho barbado, achavam que era bruxo ou coisa parecida.

Milena possuía oito e escondia-se, junto à Mayara, dez, entre os carros estacionados no posto Texaco. Fabiano era dos mais velhos, doze, e seus hormônios procuravam por Mayara, mesmo que a regra do pique se estendesse a todos.

- Mayara.

- Fala, menino.

- Você já perdeu o bê-vê?

- “Bê-vê”?

- Boca virgem.

- Credo. - ela se afasta.

No começo da ladeira Marcílio Dias havia um casebre onde morava uma família humilde. Um torneiro mecânico e suas duas filhas. A “Família Buscapé”, segundo mamãe, e eu era um rebento que por sua vez possuía cinco anos e morava no Edifício Jardim. Essa criança que fui também brinca de pique. Só que ela não entende muito das coisas, ela é “café com leite”, e portanto as crianças mais velhas preferem ignorá-la quando se esquece de esconder-se e vagueia a passos lentos pela rua. Cazé tentara me ensinar a contar até cinquenta contando até dez cinco vezes, só que eu só sabia contar até dez uma vez só.

As irmãs Buscapé me esperam na rampa mais íngreme de todas as rampas da rua, que

ficava na casa de número 108. Éramos muito amigos, para desgosto de mamãe, porque elas eram “desdentadas e sujinhas”.

- Vamos fazer o show do homem pelado. - eu disse.

- Hum. - assentiram em unísono com contidas interjeições.

O show do homem pelado era uma das brincadeiras mais inventivas que concebera, com a contribuição de minhas colegas. Consistia num *reality* em que as irmãs, Mariana de cinco e Leidimara de dez, primeiro apreciavam meu movimento de despir-me a despeito de tudo. Os movimentos eram desengonçados. Na minha cabeça, possuía músculos como Hércules no filme *Hércules e Xena: a batalha do monte olimpo*. Ou uma garra como a de Toni, o *Power Ranger* branco. Quando as crianças brincavam de *Power Ranger* em cinco eu sempre queria ser o branco, mas tinha de me contentar em ser o desastre do Billy, o azul. Henrique que era mais velho ostentava a persona do líder. Mariana gostava de ser a Amarelo e Mayara a Vermelho. O preto ficava para o último a chegar. Uma vez eu quis ser o Amarelo. “Só que o Amarelo é mulher!”. Não liguei. Gostava de seios.

Pois eu tirava a roupa nesse dia como se fosse Hércules e não *Power Ranger*. Era o show do homem pelado e eu precisava dos músculos. Mariana olhava admirada enquanto Leidi esfregava a perseguida. Mariana viu que a coisa minha crescia e logo pôs a mão de curiosidade. Depois me chupavam a piroquinha dura. É claro que a criança não conhecia a masturbação e tampouco a ejaculação, mas piroquinha ficava dura e eu gostava.

Certa feita este grupo de três brincava na fachada 211, abandonada e ocupada por nós. Mariana estava banguelinha e chupava tão bem que eu me confundia. “De quem é a vez?”, ao que Leidimara se prontificou de imediato, mostrando-se também uma exímia chupadora.

As três crianças eram cúmplices de um exercício pueril de descoberta, até que foram descobertos pelas crianças mais velhas. Henrique foi quem primeiro viu e fez troça. Não entendia a gozação. Não conhecia o verbo “gozar”. As meninas estavam na fase oral, e eu achava tudo aquilo muito bom. A rádio patrulha logo alcançou os ouvidos de mamãe, que ordenou que eu subisse imediatamente.

“A palma da mão”, ela disse. Eu era valente. Franzi o cenho e estendi a mão sem titubear. “Nem doeu”, respondi bravamente. Aquilo era tão de praxe quanto ser chupado. Associação de prazer e dor. Estavam inaugurados meus impulsos masoquistas.

CAPÍTULO SEGUNDO

(Onde se fala sobre a adolescência)

E. *“Reino dos Medas” (1971) é um livro de denso trabalho poético sobre a linguagem. Sua narrativa é circular e vertiginosa como o álcool que entorpece as personagens.*

Romance de estreia, narra, e narra em linguagem experimental, cheio de issos e aquilos, e sempre a alguém que talvez que Dora, talvez Anna ou talvez Lólia, as andanças e destemperanças de um grupo de jovens capixabas dos anos 1970. As vulgares horas perdidas em conversas com destino a lugar nenhum, as fumâncias e beberrâncias, e os discos ouvidos e sugeridos, o sexo, a amizade, se bem que desconfio que ali não há amizade, as esperanças mortas de uma juventude que chora a falta de sentido do banal e se pergunta se Deus está ali para ouvi-los. “Somos tantos e não somos bons” repete-se como um mantra, ou melhor, um antimantra, o eterno retorno da amargura. A falta de namorada do autor. Ou de uma irmã.

Ainda que centrífuga, a história tem seu caminhar no compasso de Lauro, pintor nauseado da vida que investiga as chagas da própria alma em busca de uma resposta que se fará no suicídio, ou quiçá não se fará, a resposta, o que interessa é o entre e o pós-suicídio, no ponto de vista dos satélites que cercam esse astro-Lauro, argonauta do vazio. As cenas são testemunhadas por Théo, ora em flashbacks, ora em depoimento à Lólia, pois é isto, um romance em segundo pessoa, o narrador conta à Lólia, num ritmo veloz, impreciso, delirante e fragmentado.

O Aurélio define “meda” como “montão cônico de feixes de palha”. Pois aqueles que se amontoam em torno de Lauro formam uma espécie de tribo. Trocam copos, corpos, ideias. Donos de uma espécie de esquizofrenia coletiva, contra as dores do real.

E Reynaldo Santos Neves sempre gostou de brincar com os paratextos. Em “Reino dos Medas”, ainda que romance renegado e condenado ao esquecimento, essa fleuma já se desenha, quando na biografia, feito piercing inflamado na orelha direita, se afirma que o autor: “Gosta de Jazz e sua preferência se prende à música de Charles Mingus”. Porque não só o jazz é elemento diegético do romance, sendo seu pano de fundo, como dita a estrutura de sua linguagem. Seu esqueleto é uma partitura de jazz, literária. O romance tem cheiro, sabor e forma de Jazz. O suicídio de Lauro é o tema, que é apresentado e retomado no final, depois dos improvisos, ou séries de variações sobre Lauro e a turma da noite do Parque Moscoso.

Romance que é dedicado em colcheia tercina: dedicado a três suicidas, um deles o saxofonista Eric Dolphy. O ritmo quebrado garantido pelos muitos apostos e vírgulas é como o baixo melancólico de Charles Mingus. Aliás, em tom grave mesmo é que se faz a narrativa, cheia de angústias e toxicômanos em potencial, uma plêiade de vozes mimadas sussurradas em voz baixa na noite de Vitória.

As repetições dissonantes e as aliteraões também apontam como recursos poéticos que dão uma sonoridade jazzística ao romance, além da sinestesia e as constantes expressões indicativas de incerteza (“talvez”, “eu acho”, “não sei”), que reforçam o caminho incerto de um improviso de sax.

Toda fôrma será recusada (isso soa mesmo adolescente): não há travessões ou aspas para distinguir os diálogos das descrições de cena (isso nas primeiras páginas, depois aparecem como cozinha de orquestra, para dar base, para descansar o fôlego, sumindo no ar novamente). O ritmo das descrições é alucinante como um bebop, romance movido à morfina. As muitas alusões teocráticas fecham a pintura existencialista que Reynaldo nos entrega.

R. O texto, sem nenhuma surpresa, está muito bom. Acho que já disse que, quanto à minha briga com Deus, é a mesma do personagem Sandro, de um dos contos de 1964 que precederam os Medas. Pois diz ele: "Eu não odeio ninguém; só minha irmã, e Deus, porque eles não existem." De todo modo, não sei o que você está fazendo com essa coisa aí, cara. É um livro muito mal escrito. Só aqueles dois patetas que o transformaram em filme, que aliás não assisti e não gostei, é que gostam. E agora você.

*Em anexo, o arquivo de Tétano, agora intitulado "A escrevinhação" e subtítulo "Cadernos de formação de escritor", que inclui os rascunhos de "Ausência de Carla" paralelamente às anotações do Diário Insano de 12 de agosto de 1964 a janeiro de 1965, que são minhas agruras de adolescente. **Por favor, não reproduza trecho algum do diário. Confio em você.***

1. Porque é assim. Alguma coisa escorrendo pelas minhas veias. Alguma coisa como éter. Qualquer coisa assim como éter. Qualquer coisa assim como éter escorrendo pelas minhas veias, que nasce no Para Sempre, com destino ao Agora. Qualquer coisa do não-dito, que fala sobre mim. Qualquer coisa como éter, que escorre pelas minhas veias no espaço entre o Para Sempre e o Agora, no interstício sobre mim.

Vômito. Qualquer coisa sobre mim que se quis dito, exposto. Estendido sobre o tapete está o vômito e o vômito é abraçado de volta pelo tapete felpudo de um vermelho magro.

Olho para o vômito e encaro-lhe as entranhas e assim me encaro as estranhas de uma cor inexplicavelmente ocre. Esse é o vômito de um escritor? Eu pergunto e pergunto e pergunto. Tem aspecto, tem cheiro, tem qualquer coisa de escritor nesse vômito? Eu quero a cor e o odor e o som, quero a cor, o odor e o som do vômito de um escritor. Raiva e som. The angry man of jazz. Um blues de Mingus na vitrola velha e negra e mofada. A revolta do negro e a revolta da alma. Quero o azul da fumaça do meu cigarro, quero o verde do gosto amargo, este que trago na língua. Amarelo é o sol indiferente lá fora.

O sax gordo de Peppers Adams pisa o cômodo embolorado e Cléo. Quero puxar a pelinha feia sobre o cotovelo de Cléo. Não há cotovelo que seja bonito. Nem mesmo o de Cléo é bonito, não é mesmo? Quero Cléo com vontade de dormir, lutando contra a vontade de dormir, para estar aqui fingindo que não quer dormir. Cléo com meu samba-canção de abacaxi que tanto gosta. Samba- canção de abacaxi, camisa de banda. Camisa de banda de rock. Ora Red Hot Chili Peppers, ora Nofx, ora Bad Religion, ora Miles Davis. Cléo.

Cléo das faces cor de romã.

Cléo e as coxinhas de creme. Cútis espargida em mel.

Uma dor de cabeça roxa e os pratos de Dannie Richmond.

Cléo, deita aqui. Deita aqui e faz aquela mãozinha nos meus cachos, Cléo.

Uma dor de cabeça roxa. Os pés de Cléo. Os pés de Cléo, desnudos, púberes pezinhos, pisam o chão frio. Preciso falar sobre os pés de Cléo. Preciso fazer qualquer coisa sobre eles. São infotografáveis os pés de Cléo. Miúdos, são demais pra qualquer verso. Fazem sorrir, ainda que timidamente, meu pálido coração.

Cléo. Corpinho quente, Cléo. Abraça teu irmão, Cléo, com teu amor fraternal. Envolve tuas vísceras nas minhas vísceras.

Não, Cléo. Assim está bom. Não precisa limpar, Cléo. Deixa o vômito aí Cléo. Olha o aspecto dele. Tem qualquer coisa de arte esse vômito? Assim sobre esse tapete surrado. Não

pode ser uma obra de arte? Tapete vermelho surrado envolve mancha de mim. Olha a manchete, Cléo, que a minha alma escreveu pra gente hoje.

Mas você não vem, Cléo. Não sabe que estou aqui, assim. Sei lá. Não sabe que eu preciso da pelinha do seu cotovelo.

Como será que andam as coisas aí? Aqui não estão nem que sim, nem que não, Cléo.

Está tudo árido aqui, Cléo. Mamãe está muito doente? Está ou sempre esteve? E ao mesmo tempo será que nunca esteve? Talvez ela fosse a mais lúcida das loucas, e de todos os sãos também. Sabe? Pensa, Cléo. Mingus se esgana agora no solo de *Moanin'* e eu penso que mamãe nunca mentiu pra nós, Cléo. Foi a mais honesta e sabe por que, Cléo? Porque sempre deixou claro. Sempre tudo muito claro. Nunca escondeu que tudo isso aqui, Cléo, que tudo isso aqui é uma merda. É isso? Mamãe com toda sua loucura, com toda sua vulgaridade, com todos os seus abusos e excessos e desvios e delírios não fez menos que mostrar que tudo isso é mesmo uma merda. Será que você já sabe?

Ocre vômito, azul cigarro, azul é o mar. E você sabe que eu nunca liguei pro mar, não é mesmo, Cléo? Terei lhe contaminado, com toda minha amargura, de saber que o mar é só o mar?

Lembra? Você tocou meu rosto e falou do mar. Falou das músicas que nunca escutamos. Falou das bibliotecas de Buenos Aires. E eu naquele tempo querendo você aqui, do outro lado do tratado de Tordesilhas.

Sei lá eu, Cléo. Sei lá eu.

Meu peito tem a cor de um branco gris, de um dia de chuva nem que sim nem que não.

Agora está tocando o Nat King Cole que você gosta. Você é uma mocinha fora de série, não é mesmo? Sabe os nomes dos músicos todos, dos discos, das faixas. Vivo me gabando disso pros meus dois amigos.

Lembra daqueles tempos, Cléo?

Eu fazia troça. Oh mamãe, estou com respiro no ouvido, dizia você naquele dia. Que isso filhota, não diga asneiras, já és mocinha. Não mamãe, falo a sério com a senhora. Pela vida da Rainha eu lhe juro (como você gostava da Rainha, lembra?). Eu deitadinha e um respiro no ouvido. Mas que diabo de respiro menina? Como que batendo um coração, só que no ouvido. Cléo Cléo Cléo, não me faça pegar a tamanca. Mas falo a sério mãezinha.

Era Peter Pan, mana, tramando e desfiando seus primeiros passos intrometidos em seu foro íntimo. Temeroso dos seus desabrochares, afoito por retê-la na terra da fantasia da

infância eterna.

Enquanto isso, eu já era adolescente mas ninguém queria acreditar, não é? Oh mãe, veja, já me nascem uns cabelinhos. Oh pequetito, oh filhote, és menino de mamãe. Os olhos brilhosos de vinho. Não mamãe, fecha, já tenho pedrinha no mamilo. Oh. Pois sim. Já faço esportada mãezinha. Não. Pois creia-me. E no banheiro fiz o que tinha que fazer e splash na bermudinha e levei até a mãe. Ela desconfiada. Levou a coisa até o nariz. Oh, filhote, falavas a sério, já sai leitinho. Mamãe quer ver você fazer. Vamos, faça. Não és um putinho? Quero ver.

Peter revoltado. Não gostou nadinha e foi embora.

Mamãe estava certa, Cléo? Alienados somos nós, que insistimos na bondade da manutenção de toda pureza? Porque ainda resistimos, Cléo, se no fundo somos tantos e não somos bons?

2. E a coisa, o éter, a febre, uma febre estrangeira, uma febre do estrangeiro que veio de longe e trouxe a doença pros seus dessemelhantes, eu acho que isso tudo voltou com força durante o início dessa pesquisa. Isso foi tudo sobre Medas até aqui, e já faz um tempo. Jaz um tempo.

Me sinto inerte enquanto a janela velha mira o frio do meu quarto e me abraça com sua robustez e talvez eu queira abraçá-la de volta. A vitrola rouca sussurra os lamentos de Chet Baker. Uma fenda se abre no peito e tal qual agulha defeituosa perfura a carne e depois a alma e todo o resto, com destino a um vácuo absoluto, irresoluto, um centro de gravidade capaz de elevar à quinta potência o peso natural das coisas. E ir atrás de um copo de água passa então a requerer o esforço de cem ou talvez mil Hércules. E sair de casa torna-se tão dispendioso quanto foi a Teseu encontrar a saída do labirinto. Meu minotauro é quem sabe contido pelo álcool, mas a energia dispendida na sua contenção só é capaz de deixá-lo mais furioso. Acho que. Uma fissão nuclear acontece quando essa densidade encontra seu limite, produzindo rastros de caos no espaço-tempo de uma noite entre a casa e o bar.

A ressaca era sempre homérica.

Não quis saber de dissertação.

Um dia, despertei de um pesadelo. Que espécie de alívio era aquele? Logo percebi que *agora sim* sonhava. O pesadelo é aqui mesmo.

E foi isso. Cama, cama, cama.

Escrevo agora afetado por algum estado de embriaguez. Que não pingue vinho aqui. Tenho de escutar mais mamãe.

Peço desculpas ao meu objeto, ao meu orientador, aos meus amigos, aos colegas da Escola Reynaldiana, à minha mãe, à instituição de pesquisa que me financia, a todos os brasileiros que pagaram minha bolsa com impostos. Eu passei seis meses sem frequentar aulas ou produzir uma linha sequer.

3. Madame Katrina era a única pista que eu tinha agora. Descobri, por via Nelson, que ela andara com Reynaldo na adolescência. Parece que frequentou algumas vezes a turma das digressões e álcools e andâncias e luas e cigarros do Parque Moscoso, um grupo de existencialóides que se achavam uns merdas e estavam determinadas a provar que vida é também uma merda e talvez tivessem completa razão. E assim, no recente dos dias, me tornei seu cliente só para angariar informações.

Logo que soube de Katrina eu fui atrás de anúncio seu na internet e o anúncio prometia mundos e fundos pela bagatela de 150 reais a hora. Um custo de pesquisa que a Capes poderia arcar. Katrina era mais jovem do que eu pensava. Cheguei pontualmente, ainda que ébrio, ainda que pele suada e oleosa, a falta de banho, e ela me recebeu, cândida, usando um vestido de seda verde. Tinha pele da cor de um fim de tarde em Linhares e era descendente de Taiwaneses que vieram vender pastel no Centro de Vitória. Por que há tantos chineses e taiwaneses vendendo pastel em Vitória, só um deus sabe, ou quem sabe nem um deus.

Chamaram-me a atenção suas tatuagens. No antebraço direito tinha um dragão em estilo ocidental que envolvia um grande cristal numerado em sua cauda. Não era um cristal, ela explicou. Era um D-20. Um dado de vinte lados, utilizado no RPG *Dungeons and Dragons*. No antebraço esquerdo, um rapazinho de túnica e chapéu verde que segurava um coração. Achei que fosse Peter Pan. Mas parece que era um tal de Zelda.

Convidou-me a entrar e tinha um carpete felpudo na sala, que me encarou com a familiaridade de um tapete acostumado a todo tipo de porra e suor. Passamos logo ao quarto. Eu parecia meio aéreo. Ela foi me acariciando e jogando o charme da profissão.

- Está nervoso? É a primeira vez?
- Nervoso, não. Sou assim soturno mesmo.
- Deu um pito?
- Estou de cara... Me conta uma história?
- Uma história?
- A história mais inusitada que você já experimentou.
- Esta seria a minha própria, darling.

Havia emigrado, Madame Cathy, de uma residência terapêutica financiada pelo Estado. Era do Morro da Penha e já não podia lidar com os acessos de rebeldia da filha

adolescente.

Quantas vezes Karol já tinha sido escoltada de volta para casa pelos *primos* mais chegados? Katrina já perdia a conta. Um dia o doutor disse que era ansiosa e que por isso mesmo arranjaria uma licença do trabalho.

Chegando na Casa, fez alguns *migos*, dentre os quais Nelson, então técnico de enfermagem. Se afeiçoara ela ao rapaz, que não media esforços para ajudá-la a entender que ela ainda era uma pessoa.

Era início de verão, e a área aberta era só o *capeteiro*. Ao meio-dia, não se podia encostar na grade que separava os homens e as mulheres. Katrina precisava de uns tragos.

- Katrina, aqui você pode dez cigarros, mas sua família traz. - disse Nelson.

- Minha filha não vem nem pelo diabo. E o pai dela, você sabe...

Nelson tinha empatia. Sacou do seu maço e dividiu, fora do alcance dos seguranças armados. De qualquer forma, estavam ocupados com o jornal.

- Lá em Cariacica eu tenho projeto social de Judô. Estou estudando pra ser professor de português, mas também sou judoca, sabe. - contou.

- Tem que botar essas crianças pra fazer alguma coisa, Nelson. Você é um anjo.

- Eu amo meu trabalho - explicou.

Além de Nelson, Katrina aproximou-se de um homem mais velho. Ela gostava dos velhinhos cabisbaixos e soturnos, uma categoria à parte. Este se chamava Capu porque, safado, admirava os capôs bem definidos que circulavam pela ala feminina. Nesse dia, ela fumava com ele. Capu nunca falava muito.

- Já pescou?

- Nossa, uma vez com meu pai.

- Não, menina. Falo aqui dentro. - Capu olhava para ela, esperando alguma reação.

- Você usa o que? - enfim perguntou.

- Pó.

- A gente deposita o *cash* naquele buraco e a *buxa* desce nas cordas.

- Tenho nada.

- Quem tem boca vai à Roma, menina.

Assim procedia como de praxe: algumas amigas fingiam conversa. Caty, de joelhos, saiu do campo de visão da cabine de segurança. Capu fuma um derby e bota o pau pra fora.

Caty precisava socar a genitália até que ele lhe entalasse a garganta, era uma exigência que ela podia suportar, em troca do consolo que o pó lhe proporcionaria.

Não achava ruim. Estava apaixonada por Nelson, mas Nelson não queria nada além de ajudá-la.

Não deu romance.

*

Aí deu o horário e fiquei de voltar outro dia. Reynaldo mal havia entrado na história ainda. Ela disse que do adolescente viu pouco, porque não andava muito com a turma dele. Mas eu já achava tudo muito interessante e, com alguma culpa, confesso que senti algo de excitante ao escutar o trágico relato da mulher.

4. - Anos depois, fui parar numa casa em cima de uma Falésia bonita ali no Moreno, passar um tempo com os doidinhos. Lembro que tinha um senhorzinho que ficava o dia todo pintando mulher. Mulher com peito, mulher sem peito. Mulher de véu. Mulher azul, vermelha, verde. E mais nada. Ele era francês ele. Seu nome...

- Não me diga que...

- Gilbert Chaudanne. - O nome estalou em uníssono feito pólvora.

- Sim. O Seu Gilbert. Ele era muito inteligência, nossa mãe. Não me espanta que tenha ficado doido. Quando ele chegou, estava pior que um mendigo. Era como que saído de um valão. Encardido da cabeça aos pés, uma ferida horrível na perna, toda exposta, às moscas. A cachaça escorria pelos poros. Mas logo me apaixonei por ele também. Mas ele só queria saber de mulher de papel. Foi nessa época que Reyzinho reapareceu em vida minha.

- Sim. Eram amigos, não?

- É. Parece que Reyzinho tinha se tornado gente importante. Nunca imaginei que aquele trem esquisito ia virar gente. Escritor com livro de livraria e tudo. E o Seu Gilbert recebia sempre livro dele. Ele era simpático comigo, o Reynaldo. Até ofereci de chupar o pinto dele e ele não quis, acredita?

- Ele é um *gentleman*.

- Sim. Isso aí que você disse.

- Ele visitava Chaudanne sempre? - a inveja tomando parte.

- Menino, eles ficavam horas conversando. A enfermeira achava até que eram irmãos, os dois barbudinhos.

Que merda, pensei. Reynaldo não era o cara que não abraçava ninguém e mantinha sempre uma postura fria? Será que chego lá um dia?

- E a gente gostava de conversar sobre o apocalipse. - ela disse, interrompendo minhas divagações.

- Hein. Apocalipse?

- Apocalipse. Isso mesmo.

- Sei. Você e Reynaldo?

- Eu e Reynaldo. Ele sabia tudo da teoria e eu sabia da prática.

- Como é?

- É. Eu estive lá, *darling* (aprendera essa palavra com Reynaldo, e a adorava). Um dia eu estava no estádio do Desportiva, vazio como de costume, e eu numa boa, tomando uma cerveja, e aí me distraí olhando o sol, no caminho de volta do bar. Acabei tropeçando em um buraco de minhoca.

Katrina deu um suspiro, contorceu de leve os pés e continuou.

- Vou te contar. O apocalipse, o que ele é. É um 31 de dezembro. Do planeta resta só uma cidade da costa repleta de arranha-céus envidraçados. Todos eles têm cobertura e área de churrasco. E em todas essas áreas acontecem *raves* do pau comer solto. Jovens escravos da carne fazendo suas orgias, usando suas drogas e sem contar que quase todos usam óculos escuros. E se você quer jogar RPG com seus amigos, vai ter de usar a biblioteca do prédio. E o mestre, um certo Pedro, quer que você construa sua aventura praticamente sozinho, sem guias ou cenários. É um inferno. Você diz “ok, eu desço de casa e compro uma passagem para Salamanca”, e ele “tudo bem”, se digo “tomo um copo de água e aguardo três dias sem dormir”, ele diz “tudo bem”. É o fim. E aí a festa vai invadindo a sala e você percebe que a sala da biblioteca é particular e não compartilhada pelo prédio inteiro. Mas piora. O anfitrião que é conhecido seu não está lá. Se você desce para fumar um cigarro ou qualquer coisa e aí? Como você faz para subir? Não consegue. Porque a família dele não te conhece. Quem é você querendo entrar em casa minha?, vão dizer. É mais ou menos assim o apocalipse. E a virada de ano nunca chega.

- Impressionante.

- Sim.

- Você gosta mesmo de RPG, não é mesmo?

- Pra valer.

- E como era Reynaldo, nessas ocasiões?

- Uma graça. Era tímido, mas ele me escutava, sabe? Não só porque eu era gostosa. Eu também dava picolé pra ele. Mas além de tudo acho que ele gostava de mim. Deu maior força pra mim fazer as coisas. Já disse que ele até recusou uma chupada? De onde eu venho isso

não se recusa. Mas ele fez questão que não. *Gente mãe*, como você diz. Um homem de verdade. E gostava daquelas músicas de doido e daqueles livros de doido. Ele que era doido, não eu.

O mais interessante da história de Katrina é que Chaudanne tornava a aparecer na minha vida. Pelo visto, ele era mais que ensaísta oficial. Parece que Reynaldo realmente se importava com ele como um... Como um *amigo*. Qual é a desse cara? Será que Reynaldo me visitaria também? Que vontade de ficar doente. Será que ele me abraçaria de verdade se eu ficasse doente?

5. No terceiro dia que eu voltei à clínica, já não encontrei mais Katrina. Doente da alma que eu ainda estava, deu uma vontade danada de ficar por lá também.

Experimentei uns dias. Época de Sara, então adolescente namorada e a promessa de que estaríamos a ver a lua, em horário combinado de dezenove horas, ao mesmo tempo. Eu no cárcere dos doidos, ela em casa de pijaminha. Coisa linda, não? Só que a lua, indiferente, não estava nem aí pros dois ingênuos amantes.

Lá dentro comi, ou melhor, fui comido por uma enfermeira. Ela era tão ardilosa que punha uns comprimidos a mais pro meu colega de quarto, afim de que ele não se desse conta de nada que ela faria comigo. Mas ela não teve atenção suficiente com os demais. Fomos descobertos, e eu fui expulso no ato. Mamãe fez pouco-caso e prometeu não contar à Sara.

Mas e agora? Sem a pista de Katrina, eu me sentia perdido.

Depois de alguns goles de desespero e vinho, percebi que a solução estava a um palmo do meu nariz, no simples acesso de uma tela de computador. Pois restava o diário! Sim. O diário. Reynaldo me confiara seu diário de adolescência. E lá está dito: “enquanto não sou escritor não sou ninguém”.

E assim, conto que depois de ler todos os clássicos juvenis gibis que podia ler, e escutar todos os discos de jazz que podia escutar, Reynaldo já tinha muitas espinhas. A adolescência foi marcada pela briga com Deus, uma retórica comum aos jovens dos anos 1960. Ele achava o máximo voltar as costas a Deus. E cadê deus? E que deus o quê? E essa merda toda? Começou a escrever um caderno onde se lê um registro do passo a passo da sua perda de fé. Em tal ano, deixou de ir à missa; em tal ano, deixou de comungar; em tal ano, deixou de acreditar em Deus. Tomado de angústia, tornou-se obcecado pela construção de um estilo. As velhas aventuras de infância, muito mais interessantes por sinal, já não tinham mais espaço.

1964. No diário está dito: “Este ano escrevi dois contos: “Chuva no dia da morte de Théo” e “Ghetto”. O primeiro, o estilo é péssimo, artificial. Todo mundo gostou, mas é péssimo. O enredo, algumas coisas prestam, a maioria não. Não é que seja um conto ruim, apenas não sou *eu* ainda. O segundo já é melhor. A atmosfera completamente fora de qualquer sentido, que eu quero alcançar, já é uma promessa ali. Só o caso de Grifo é abominável. O que que eu quero? Não sei.”

Nesse furor angustioso, enquanto seus colegas se preocupavam em levantar com os olhos as saias das moças do colégio, Reynaldo se preocupava em provar que a vida era uma merda.

“Será isso que eu quero? O absurdo completo, a falta de nexos em todas as ações racionais do homem? Sei lá. É uma merda mesmo. Hoje escrevi um pouco melhor.”

Numa tarde, notando a aflição que acometia o filho, perguntou sua mãe o que havia de errado.

- Amada mãe, tenho uma teoria e estou absolutamente certo de sua exatidão: se antes de nascermos, antes de sermos concebidos, nós não existíamos, depois de morrer é completamente possível nossa volta a esse estado. Não digo que voltamos a nascer. Não. Quero dizer apenas que, como não existíamos antes, podemos muito bem deixar de existir depois! Isto prova a inexistência da vida eterna. E como a vida eterna e Deus são duas teorias que não existem uma sem a outra, logo, não há Deus.

- Andou bebendo, meu filho?

- Ando lendo.

- Você precisa de uma namorada, filho.

Por esse tempo, Reynaldo começou a frequentar com a turma o templo pagão conhecido como Cine Glória. Fora inspirado por um homem de coragem cristã tal que, mesmo que padre, teve a audácia de assistir ao filme Gilda, com Rita Hayworth em toda sua devassidão. Lembrando que estamos no início década de 1960. Mas como juiz em terra dos planos de Deus, o padre precisava conhecer o que era bom e o que era ruim para fortalecer seu discernimento, não é mesmo? Então ele foi. Gilda estava lá. Uma Salomé cinematográfica com dezenas de cabeças atentas ofertadas à sua glória. Um escândalo na época quando lá foi avistado o padre

Lógico que uma figura assim controversa encontraria afinidades com nosso bom Reynaldo. Fiquei sabendo por fontes seguras que o honorável Padre-que-foi-ver-Gilda (in memoriam) recebia o adolescente ao menos uma vez por semana em sua sacristia lá pelos idos daquela época.

6. REYNALDO: Padre, a escrita salva a alma?

PADRE-QUE-FOI-VER-GILDA: A confissão salva alma. Está lendo Agostinho?

REYNALDO: Conheci na escola. Escreve bem. Mas em geral não gosto dos filósofos. Gosto de literatura, você sabe.

PADRE-QUE-FOI-VER-GILDA: A literatura. Como é bela e rica a literatura, não? Pessoalmente sou um grande admirador de Shakespeare, de Chesterton, também Paul Claudel. Não vê na beleza dos escritos desses homens a mais pura e bela manifestação dos dons de Deus? A beleza é realmente um bom dom de Deus; mas que os bons não pensem que ela é um grande bem, pois Deus a distribui mesmo para os maus. Tenho uma visão algo assim renascentista do progresso artístico, quando a arte é entendida como uma ascensão a partir de suas grosseiras origens até a perfeição, a começar pela antiguidade clássica e depois, após o que seria um desastre gótico, o retorno ao supremo. A busca da perfeição significa afastar-se da esfera humana, do sensível, em função da manifestação do divino.

REYNALDO: Pra ser sincero tenho aversão a este negócio de Belo. Realmente, há em mim aversão por tudo (ou quase tudo) que é regra ou definição ou conceituação filosófica de coisas como arte e literatura. Literatura é literatura. Que se escreva literatura, que se leia literatura, mas que não se estude literatura, não se defina literatura, que não se criem regras para literatura. Encher o estudo da literatura de palavras e ideias como Belo, Ética, Estética, Lógica não é bom. Quanto ao estudo das influências da sociedade, da época, do local, na obra literária, já faz mais sentido. No entanto, o estudo mais indicado é o dessas influências sobre cada autor individualmente. Não sou pelo estudo em grupo, em escolas, em movimentos. Cada autor é uma escola. Os que não o forem, serão merdas.

PADRE-QUE-FOI-VER-GILDA: Alto lá, bom filho de Deus. Eu me pergunto: onde é que você foi buscar tanta amargura, quando o dia apenas lhe amanhece? Onde, só, não. Por quê? Que mundo é esse que te fez tão duro, meu rapaz?

REYNALDO: Sempre quis ser escritor. E se eu não for escritor, não sou ninguém.

Minha única esperança de ser alguém repousa toda nesta capacidade literária que veem em mim, e o senhor é parte disso, pois leu dois de meus contos. Se algum dia eu tiver a certeza de que não dou para isso, será como perder a vida. Por que é que eu não tenho confiança em mim próprio? Por que esta falta completa ou quase de autoconfiança? Tudo é horrível, pra mim.

PADRE-QUE-FOI-VER-GILDA: Agostinho disse: “As pessoas viajam para admirar a altura das montanhas, as imensas ondas dos mares, o longo percurso dos rios, o vasto domínio do oceano, o movimento circular das estrelas, e no entanto elas passam por si mesmas sem se admirarem”. Alguma coisa grita em você, rapaz. Não tenho dúvidas. Ainda assim, volto a me perguntar – numa terra tão cheia de sol, de tanta beleza física, por que tanta tristeza, por que tamanho desencanto em face da vida? Por mais que rebusque, razão não encontro. Olhos para ver, não tenho. Ouvidos para escutar, não escuto. Por quê? As gerações se perdem pelo desespero, porque se sentem frustradas, porque presumem que não se realizam. Quem poderá afirmar que você não se realizará? Ou será que você pensa que já nasceu borboleta?

REYNALDO: Marie Bashkírtzev disse: “Sou como esses pintores sem sorte, que inventam quadros acima de suas forças.” Serei eu assim também? Hoje tive um dia cheio. À noite, mal pude escrever, aos arrancos, alguma coisa. Receio estar exagerando um pouco no incompreensível.

PADRE-QUE-FOI-VER-GILDA: Vejo a Providência se manifestando em cada vírgula de sua prosa inspirada. E ainda assim, renegas a beleza do Espírito Santo. Mas há nessa rebeldia algo de busca sincera, de uma pureza de espírito capaz de dar prece ao sofrimento do mundo. Já pensou em seguir carreira religiosa?

REYNALDO: Algumas vezes pensei nisso, quando criança. Mas sempre achei os soldados romanos mais interessantes que Jesus nas representações da Paixão de Cristo. Calígula é como Deus, mas com armas melhores.

PADRE-QUE-FOI-VER-GILDA: Blasfemas ao comparar a figura santa ao de um parricida incestuoso e perverso. Mas, cá entre nós, não deixa de ser gozado.

REYNALDO: Acredito que sem três dos capitais pecados, a saber – o orgulho, a preguiça e a luxúria – a poesia talvez nunca tivesse existido.

PADRE-QUE-FOI-VER-GILDA: Rapaz. Olha que a palavra atenta. Que seja. Não sei até onde estou colaborando ou descolaborando com você, numa tomada de posição. Mas, frente a quê? Ao espelho! Olhe-se nele! E o milagre que você nega ou que procura ou que pretende negar, está aí mesmo. Porque Deus existe, Deus é! Somos todos as multifaces d’Ele.

7. Reynaldo digredia e digladiava-se intelectualmente com o bom Padre-que-foi-ver-Gilda, pra depois encontrar a turma da noite pra digladiar-se espiritualmente.

À época, andava escutando bastante já o tal jazz.

- Não há nada que possa descrever músicas como os blues que estou ouvindo agora: “Blues at Twilight” (Milt Jackson), “Blue Monk” (Art Blakey’s Jazz Messengers with Thelonious Monk), “Just Blues” (Dizzy Gillespie), do disco *Blues In Modern Jazz*. I love this kind of music. Obrigado pelo disco, Erik.

- Que é isso, Reynaldo. - disse Erik.

- By the way, Mingus is god.

- Heil Mingus.

Graças ao diário, mais um nome. Erik. Erik Golfim, inimigo geral do gênero humano. Cavanhaque em riste. Mefistofélico cavanhaque. Com ele, a introdução ao vinho e ao niilismo e ao jazz. Reynaldo e Erik muito amigos na adolescência. Erik ficou por lá e ficou pra sempre. Protagonizou uma das mortes mais chocantes da história de Vitória. A própria. Suicídio na porta da catedral. Sangue, sol e tinta. Choram Reynaldo, Sandro e Katrina (a mesma que viria a se tornar meretriz) e Rômulo. E Anna. Teria conseguido, Erik, ver o sol? Clamava pelo sol, nem que fosse por um segundo. Um sol ou um deus. Terá visto qualquer um dos dois? Ou fechou os olhos aos postes e às ruas eretas, inundadas de mijo e noite? Esperava como se espera um deus, que não veio ao enterro.

Um grupo forte na adolescência. Década de 60. Bebida, arte, noites. Cigarros e postes. E se amavam e eram uns merdas. Um reino de merdas. Tinha uma espécie de sociedade, acordo tácito, esquizofrenia coletiva, o reino dos merdas. E noites e noites. Parque Moscoso. Jazz. Falavam muito de jazz e sobre como a vida era uma merda. Falavam de Mingus e das putas.

Numa noite caminhavam descalços, suados e ouriçados. Os pés ébrios e descalços sobre o asfalto. Baratas e cigarros e os pés e os risos. Risadas. Rindo e se achando uns merdas. Rindo do fato de serem uns merdas. Erik quis pintar Katrina. Mas queria pintá-la com ausência de peitos. Como uma irmã mais nova. Lembra, Cléo? Reynaldo sempre quis ter uma irmã. Reynaldo e Erik.

Reynaldo e Erik se conheceram na escola. E Reynaldo odiava Erik porque Erik era saído, e Reynaldo era qualquer coisa como um trasgo social. E todos diziam que Reynaldo era

feio pra cacete. E Reynaldo tinha certeza que ia morrer cedo, e que era grotesco e disforme e condenado à sofreguidão. E Reynaldo se apaixonou por Eurí e Erik ficava tentando ajudar mas Reynaldo adiava, protelava, e Erik saído, falava com ela numa boa.

Coitadinho daquele menino Reynaldo, Cléo, que dizia, como se verifica no diário: “Por que ela me pisa? Dói tanto. Dói também porque eu não sei o motivo. Será que é porque ela não gosta de meu grotesco tipo físico? É o mais provável. Erik me disse coisa parecida hoje, como se estivesse dizendo a coisa mais engraçada. Ele disse, depois que eu perguntei por que ela não olhava para mim no recreio: “Ela não pode ver a tua cara. Deve ter horror a ela.” Amo-a tanto, tanto, tanto. Acho que eu enlouqueceria se faltasse à aula um dia que fosse”.

8. Que vontade de abraçar *ele*. Que vontade de abraçar esse menino grotesco. Dar um abraço apertado nesse menino. Mas não sou bicha, tá Cléo?

Depois ficaram amigos. Erik mostrou mais do jazz pra Reynaldo, e o álcool. E o sexo só mostrou também, um dia que Erik encarnou uma lourinha bem na frente dele pra ele ver. Reynaldo não suportava aquela vulgaridade.

A morte de Erik deixou um efeito muito grande na vida de Reynaldo. E *Reino das Medas* parece que traz essas angústias todas. E se inspira também nas noites no Parque Moscoso. Que não tinha grade na época, imagina, Cléo.

E Anna. Anna que queria casar com o pai e perdeu o pai que se enforcou. E Anna conta, ou talvez sussurra, o dia que não foi à escola. E que dias antes o pai: por que você se comporta como se fosse minha namorada? Gostava de sair pra jantar com o pai e fingir que era noiva dele. Às vezes usava a aliança deixada pela mãe e dizia: sou noiva, dizia pra si mesma, sou noiva do meu pai. E o dia que não foi à escola. O pai de madrugada no corredor, um abraço quente como nunca, ela sem entender. Anna sem entender. E no dia seguinte gente estranha em casa. Vários sapatos estranhos na cozinha. Exceto um par que ela bem conhecia, um par de sapatos suspensos no ar. Eram os sapatos de seu pai.

E Reynaldo. Reynaldo que não tinha irmã. Reynaldo e Anna. Reynaldo e Anna na casa de Sandro. Bebiam copos mornos. Anna queria um pai, que se matou, Reynaldo, uma irmã, que ainda não veio. Dia do velório de Erik. E não chovia. Sol pra chegar e o corpo de Erik no sofá.

Reynaldo queria uma irmã, Anna queria um pai. Não puderam fazer nada um pelo outro. Trocaram corpos mornos. Anna usava a aliança. Anna noiva, pura. E Reynaldo só beijou-lhe os seios. E os pés. E se meteram a trocar o que ela já trocara com Sandro, ele com Kátia, Erik com Anna, Erik com Kátia. Fluidos. Reynaldo e Anna. Lágrimas.

No diário está dito: “Pergunto-me o que pensará quem ler estas linhas, e quando as lerá. Não as daria agora a Erik para ler, mas quando me tornasse eu mesmo perante o mundo, aí até gostarei que ele leia”

Agora Reynaldo já é velho o suficiente pra ser ele mesmo, não é? E quem é esse Erik afinal que é melhor do que eu? Aposto que ele não faria por Reynaldo um terço do que eu

faria, e vou fazer. Mas ele já foi. Me preocupa mais Chaudanne, que ainda não foi. Mas parece que também não lhe resta muito fôlego.

Em tempo: O leitor talvez se aperceba de que este capítulo que ora se encerra tenha ficado mais curto em relação ao primeiro e ao próximo. A verdade é que essa coisa angustiosa é de um enfado galopante, e mesmo Reynaldo, em sua obra adolescente, nos cansa com seu texto lamurioso. Eu teria mais pra contar, mas essa linguagem do adolescente é mesmo muito nauseante. As agruras do adolescente são como o vinho que entorpece as personagens.

CAPÍTULO TERCEIRO

(Onde se fala sobre a vida adúltera)

E. *Graciano Vaz Daemon, era pra casar virgem, como todo bom católico. Mas, como mal católico que na verdade era, tentou e retentou comer a noiva, diversas vezes, não se contendo diante de lascívia luxúria que perfaz sua condição de paladino da deusa Vênus. “As mãos no fogo: romance graciano” (1983) é uma história sobre tentar comer a noiva. Não tendo o sucesso obtido, o protagonista se farta do leque de ofertas do passado, desde uma namorada de infância até a prima Júlia.*

“Não tem princípio” (p. 9), principia o romance. A referência temporal é também signo moral. Pois a “cabeça de vênus” graciana não se comporta bem nos moldes da sociedade vitoriense da década de 1980. Aliás não caberia em década alguma. Só que as menções dos desapontamentos de Vênus quando do não-coito de Graciano já apontam para o paganismo que se desenha neste “romance graciano”, e se fará rei em “A ceia dominicana: romance neolatino” (2008), sua continuação. Graciano, nota-se, também é o heterônimo atribuído ao “Poema graciano” (1982), que forma com os romances a chamada “trilogia graciana”.

No caso de “As mãos no fogo”, que apresenta essa espécie de cavaleiro atrapalhado do século XX, de “natureza grãmente ardente” (p. 17), Reynaldo constrói sua linguagem em analogia paródica com os autos e cantigas medievais, algo que se evidencia, desde o início, pelo tom de pretensa moralidade, pelos períodos curtos e simples, pelo advento de vocábulos arcaicos como “querença” (p. 9), “meitempo” (p. 9), “tão-sós” (p. 9), “cunhã” (p. 14), “toutinegros” (p. 17); pelas escolhas sintáticas inusitadas para o português contemporâneo como em “no que onde iam morar” (p. 9), tais quais “assim que quando casados” (p. 9), “pode que parece até” (p. 10) e “em casa de” (p.10); ou vocábulos que fazem referência ao imaginário medieval como em “camisa sudária” (p. 12); dentre outras peripécias anacrônicas de sintaxe. Há também ricos jogos de palavras que marcam o furor artesão do autor: “Natureza grãmente ardente” (p. 17), “outras apenas numas beijações, nuns manusseios” (p. 18), “Bárbara, cunhada e desejada” (p. 18), “No porte ela tinha senhorias” (p. 19). Sobre essa construção da linguagem, o autor entrega as fontes em posfácio, pelos

menos aquelas que podem ser deduzidas. Muito lhe valeram coletâneas de cantigas medievais, como se pode conferir no livro.

Já “A ceia dominicana: romance neolatino” se inspira no “Satyricon” de Petrônio para mais um resgaste anacrônico, dessa vez em relação à linguagem das sátiras menipeias incorporadas pelo autor romano na sua obra-prima. Há outros diálogos intertextuais como Horácio, Ovídio e Apuleio. A própria costura dos diálogos à narrativa se vale de recursos empregados pelos autores latinos, como a ausência de aspas, travessões e parágrafos. Em prefácio, o autor também revela algumas fontes dessa pesquisa linguística.

O “Poema graciano”, inspirado no célebre The Waste Land, de Eliot, ainda é mistério pra muita gente.

R. O fescenino, na trilogia, é inevitável. Sobretudo na Ceia, que se inspira em Petrônio. Não há como parafrasear Petrônio sem trazer o contingente erótico. Me interessa muito mais, contudo, o trabalho de pesquisa do que o evidente sensualismo. Lembro que li não menos que três ou quatro vezes, de cabo a rabo, o “Novissimo Diccionario Latino-portuguez”, de F.R. Dos Santos Saraiva, que muito me valeu pra construção da linguagem.

Essa coisa de “tentar comer a noiva”, como você diz, acho um tanto quanto escrachado, nesses termos. Fora isso, e os elogios, muito tem me agradado a leitura de seus ensaios. Obrigado por mais esse presente.

1. Numa ilha da capitania do Espírito Santo, ilha de Nossa Senhora da Vitória, no litoral do Brasil, residia um escrevente de pena esquecida no canto dos anônimos, o rosto magro encovado, magro de carnes. Eis pois senão o CAPÍTULO III, que trata da condição e exercício do municipalmente celebrado escritor Reynaldo de Santos Neves, em sua fase já madura, que, segundo a opinião de muitos dos que no seu distrito viviam, foi o mais casto enamorado e o mais caudaloso romancista que de muitos anos a esta parte se viu naquelas paragens.

Dentro do seu torreão, ainda em uma casa localizada em um certo bairro de nome Parque Moscoso, leu tantos quanto pôde os romances do medieval, tais quais o manuscrito *An ivy leaf*, *As venturas do frei Guilherme de Baskerville*, *a crônica de Crassementum*, *Le papes d'Avignon*, *A crônica de Thibert*, *Boosco deleitoso* e uma infinidade tanta de outros da mesma estirpe que comutou-se ele mesmo em garboso cavalheiro, um lorde inglês do terceiro mundo, vestido de camisa de flanela e rústica barba conservada em linho fino. Paulo Sodré que tinha razão, quando um dia me disse que Reynaldo era um medievalista enrustido.

Pois que nos idos da década de 1970, em certa hora de um certo dia, porque A Hora há de chegar para todos, pegou, nosso herói, seu ronrocicante De Soto azul de belas rodas, e então saiu à cata de aventuras que pudessem exumá-lo da dolorosa realidade de seu matrimônio em polvorosa decadência.

Pois que agora já sem adolescências e brigas com deus,
em paladino de Vênus nosso herói se converteu.
Com a lança riste, corria atrás da noiva Alice,
que se fazia casta e virgem.

Nada de cona, assim queria deos, que a moça é católica. No que quando estabelecido o namoro, sentia danações que lhe comiam a pele, e Alice nada de dar de comer ao Neves-Santo pau. Vendo-se assim então atulhado no aguçoso afã de acaecer com coisa fêmea, misturando café com tédio, saiu à caça. Penteia o cabelo antes de sair, e passa perfume por atrás da orelha. “É hoje a noite de autógrafos do mau poeta”. As unhas leva aparadas até o sabugo, e o ânus lavado, e a glande. A barba feita, e a cabeça.

Todo assim pomposo a ostentar a recém-cultivada barba toutinegra, nosso herói pois

então resolveu assumir gram perfia, e assim tentar que romper com os ditames da própria timidez ao abordar, intempestivamente, uma lasciva cortesã de mouras feições que fazia seu ponto no detrás do prédio dos Correios. E convidou-a para se acomodar junto a ele no seu DeSoto azul de belas rodas, ao que ela disse, imperiosa: não.

A boa dona por quem trovava,
não lhe dera rulha de nada.

Aquilo ficaria marcado no para sempre dos tempos de até hoje na vida do autor. Recusado por uma puta? Reynaldo nunca digeriu completamente a recusa, se vingando através de alguma misoginia literária. O jeito era comer quantas fossem no papel, que é melhor que no motel.

2. Essa fase de produção madura de Reynaldo começa com o *Poema Graciano* (1982), que é hoje o texto inicial da trilogia graciana, seguido pelos romances *As mãos no fogo: romance graciano* (1983) e *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008), que dão voz ao poeta Graciano Vaz Daemon e suas peripécias sensuais.

Com boa fé lhes digo que a trilogia é algo que autobiográfica, exceto que Reynaldo casou mesmo virgem (afinal, se até puta do Moscoso recuou), como confirma o confidente Fernando Achiamé, e muito que desaguou suas querenças nos romances altamente fesceninos.

Desde 1968, quando beirava então a idade de vinte e dois, já iniciara efetivamente a sua vida profissional na Universidade do Espírito Santo, exercendo as atividades de tradutor e intérprete. Foi lá por esse tempo e lugar que conheceu a prima dona, Alice.

Reynaldo me conta certa feita que, logo que a viu, ela imediante o tonteou, ao que se viu assim atingido de agonizantes sentimentos viris, mas não pelas virtudes físicas, que das decantadas qualidades físicas ela não tinha muita coisa, mas pela cabeça, muito madura para alguém tão jovem, e pela força de caráter, muito maior que a dele. Mas mesmo assim Alice era moça de largos quadris e belos olhos bonitos. Só que não era muito.

Amou logo por ela o mais profundo e bem venturoso amor, até onde pôde. E depois dos primeiros cortejos, foram quatro longos e virginais anos de espera até a feliz e deleitosa sangria da *prima nocta*. Do período de latência, teve episódio de poluição noturna e tudo, como conta, mais uma vez, o fidalgo Achiamé. Eu que não o abraçaria nessa época, porque aí seria abraço cachoeirense, que é quando um e outro se roçam os pintos.

Esse casório primeiro durou até 1989, e deu fruto a uma filha e um filho e depois outra filha. Viria se casar novamente em 1995, com a das joias, com quem teve até o presente dos tempos um filho, a quem muito invejo, naturalmente.

3. Foi na Universidade também aliás que se deu outro evento determinante pra continuação da pesquisa minha. A ocasião não foi outra senão o lançamento, acho que uns seis meses atrás, do novo livro de poemas de Fernando Achiamé, e convidou ele este jovem escritor em polvorosa ascensão a prefaciá-lo. Ele escolheu como palco do lançamento a Biblioteca da Universidade, onde um dia ocupara a cadeira de História da Arquitetura no Centro de Artes.

Levei comigo Cléo, que já voltara de Buenos Aires. Mamãe sumira outra vez, agora por uma semana, e foi aquela coisa toda. Sumiços esporádicos de um ou dois dias já eram frequentes, e pro bem ou pro mal contribuíram pro amadurecimento precoce de Cléo. Quando enfim não voltou mais, foi tio pra lá, prima pra cá e uma algazarra todo sem tamanho até que por enfim ela veio pra onde tinha mesmo que vir, que é pros braços do irmão. Pois bem sabeis que nos amávamos de tão louco e desmesurado amor que a terra haveria de tremer se não nos víssemos logo.

Dia que ela voltou foi êxtase tamanho. Comprei chá de jasmin e fiz bolo de laranja que ela gosta. Peguei no aeroporto e, no caminho de volta, dei por uma Cléo meio contaminada de Europa de mais pro meu gosto. Afinal Buenos Aires é mais europeia que latina, e ela veio mascando chicletes, escutando boleros, vestindo scarfs e falando de filmes de Lars Von Trier. Mas ainda era Cléo, da face miúda e quase sem expressão, o que lhe conferia uma soberba atmosfera mística, e os lábios mais que belos.

- Não gosto dessa cama. - foi o que primeiro disse no quando em casa minha.

- E por quê?

- Tem cheiro de barata.

- Mesmo?

- Um momento. Acho que sei de onde vem o cheiro. - e aproximou as delicadas narinas por sobre meu ventre magro.

- Você que tem cheiro de barata!, Cléo cara-de-pastel!

E nos atulhamos entre os lençóis numa desvairada guerra de cócegas, como nos velhos tempos. E nos entregamos no mais dos dias ao mais feliz dos amores fraternais.

No dia do lançamento, ela se aprontou à maneira que eu me acostumara. Camisa preta de banda, mas sutil, continuada por uma também negra saia. Carregava uma surrada mochila com um hipopótamo rosa pendurado em um dos zíperes, a quem chamava de Jesus Burgess.

Na cabeça, um interessantíssimo chapéu estilo *pork pie*, com os de Buster Keaton, ou, pros mais novos, como o de Heisenberg, o alterego maligno de Walter White na série *Breaking Bad*. Caminhava distinta e os olhos com aquela inebriante vocação pra melancolia.

O gregário Achiamé reuniu imensa patota no auditório da Biblioteca da Ufes, bancando um romano banquete de bem avivados vinhos e salgadinhos e massas e crustáceos. Só não lembrou do sal de frutas.

Contratou, ainda, Colibri, conhecido saxofonista de jazz da tez escura, que banhava de boa música o augusto salão do auditório.

Quando cheguei ao lançamento, o Objeto já estava lá, flanqueado pela esposa, a atual, a das joias. A família de Fernando também comparecia em peso. Além disso, ilustres das letras locais, como não podia deixar de ser.

Assim, o evento contou com a deliciosamente deselegante interferência da trupe periférica de Juplin Jones e cia., descontraídos e de olhos marejados, a se perderem na recitação dos próprios poemas. Depois de me desvencilhar dos buganeiros, escutei Suely Bisbo e seu “papo de calcinha”. Sentado na varanda aconchegante da Biblioteca, me deleitei com a prosa de um inspirado Pedro J. Nunes, nato contador de histórias calçadense; me diverti também com a arrogância hiperbólica do escritor e deputado Francisco Carijó; e ainda tive um vislumbre da “partícula preciosa” de Bernadette Lyra, a madame da literatura capixaba. Depois tomei algumas taças com Wilberth Salgueiro, o Bith, que maneja as palavras com a elegância de um esgrimista, isso nos sonetos, porque ele falando era o caos.

E claro também que apareceu a turma do Clube do Jazz, em respeito ao honorário membro que deles Fernando era. Explico: todas as terças-feiras, religiosamente, um grupo de velhinhos se reúne, não pra jogar dominó, mas pra falar de jazz e de mulher, no saguão do shopping Centro da Praia, na Praia do Canto. De início eu estranhei a escolha do local, *mainstream* demais pra aquela trupe, muito barulho, era a porra de um shopping afinal. Mas quando fui à reunião, noutra ocasião, logo entendi: o desfile de bundas e pernas ali era soberbo. Diz que o Clube tem mais de trinta anos. Que começou com um ou dois gatos pingados que trocavam figurinhas musicais numa extinta loja de discos do Centro. Depois a coisa ficou séria. Tem presidência, secretariado e até mesário, que é o Fernando Achiamé, historiador e poeta. O presidente, como não podia deixar de ser, é Reynaldo. Não se trata de

um clube, *per se*, mas de um encontro. Diria mais: um estado de espírito que se verifica todas as terças naquele saguão agitado. O papo é mais furado que a defesa do Vasco, mas é dos bons.

4. Observei atentamente o pessoal do Clube no lançamento, e claro que tentei me chegar aos fidalgos ouvidores, enquanto Cléo era paparicada por Madame Bernadette num outro canto do salão. Ela mostrava, sem traduzir no semblante qualquer expressão de contentamento, seu caderninho artesanal com poeminhas manoel-barrescos, colagens e desenhos de cunho abstrato, que eram acolhidos com palminhas e suspiros pela escritora.

Já próximo da notável dissidência que formara o Clube, entendi que se principiava um debate sobre quem era a cantora de jazz mais gostosa. Lady Achiamé (epíteto do Clube) fazia uma defesa efusiva da juventude de Sarah Vaughan, que envelheceu mal, admite, mas foi delícia quando verde. Lady Pres (o presidente do clube, Reynaldo) era devoto de Anita O'Day. André, ou Lady Gurgel, curti o charme meio Pin-Up de Peggy Lee (já eu acho que ela tem um testão). Eu, noviço, esbocei uma resposta de nome Norah Jones. Lady Mazzi, ou João Luiz, ranzinza, disse que o que ela tinha de gostosa ela não tinha de Jazz. A turma do Clube ainda contava com a presença de um noviço a quem chamavam de Mr. Wood, que mantinha silêncio. Sua idade era próxima a minha, e me vi ali representado.

Aí chega José Garibaldi Magalhães, com sua boca de maraçapepa, as pernas de Dextor Gordon. O famoso deformador de opinião do Clube, conhecido por suas opiniões radicais e por seus poemas de segunda linha, ouvitor-mor de jazz e sócio-majoritário do clube.

- E esse calouro aí? - logo pergunta.
- Escreveu o prefácio do meu livro, Garibaldi – gentilizou Fernando.
- Esse é o rapaz que estuda minha obra, Garibaldi – Reynaldo intervém por mim também.
- Que perda de tempo! - e faz um gesto de cuspir.
- Estou sendo bem pago – brinco.
- Tá bem, quais são suas credenciais? Você conhece o disco capa azul?
- Disco da capa azul?
- Strike um – arrematou, impiedoso.

O disco da capa azul, depois soube, era uma coletânea da Atlantic chamada *Blues in Modern Jazz*, que, com nomes como Dizzy Gillespie, Thelonious Monk e Lennie Tristano, tinha servido de iniciação pra muita gente, inclusive Reynaldo e Garibaldi.

- O que você ouve?
- Sou mais bossa nova.
- Pfff.

- Minha música preferida de jazz, hoje, é *In a sentimental mood*, com Coltrane e Duke Ellington. Aquele pianinho acaba comigo. - arrisquei.

- Você tem ouvido de mulher ou o quê? Nunca ouvi coisa mais chata. Aquilo é balada, pra quem gosta de Frank Sinatra, de bolero, de samba-canção. Balada pra mim é o calcanhar de aquiles do músico de jazz, vacilou ficou romântico, e vira seresta. Eu vou é dar uma mijada. Tá maluco? Pianinho chato da porra.

Bateu na mesa e se levantou. Partiu em rompante, as pernas de Dexter Gordon destratando o piso com largas e maciças passadas. Um silêncio aterrador invadiu o ambiente como um vendaval na Jamaica. E tá que o tempo passa e ele não volta. Reynaldo, gentil, pediu desculpas por todos, e ratificou todo o apoio que ainda estava disposto a dar pela minha pesquisa.. Achiamé era da turma do deixa-disso. Garibaldi nunca voltou.

5. Mas lançamento que segue. Fernando voltou a se encarregar dos autógrafos. Fiquei sozinho com Cléo por uns tempos, conservando distância segura de Reynaldo. Ela, notando meu nervosismo por compartilhar do mesmo ar que o Objeto, resolveu me apezinhar.

Ela estava lendo *Kitty aos 22: divertimento*, outro excelente livro de Reynaldo, que havia sido adotado em algumas escolas por tratar do universo adolescente de hoje. Sim, o mesmo autor que já escreveu frases como “é crespo teu cabelo, é crespo e tíope, / e urdido em trança xucra e abissínia” (*Muito soneto por nada*), também escreveu, na voz de Kitty, coisas como “Moh prova de amizade entre 2 mulheres é uma deixar o kminho livre pra outra conkistar o gato q tb ker.” (p. 32). Vocábulos como “humildar”, “aleivoso” e “fornízio” (*Crônica de Malemort*) dão lugar aqui a outros como “rox”, “zoeira” e “caralho”, que se repetem aos montes no livro. Não se fala dos discos antológicos de Charlie Parker ou Art Pepper (*Três graus a leste, dois graus a oeste*), mas sim das músicas do Audioslave, Aerosmith, Guns n' Roses, Linkin Park, em trechos diversos. E o que estava achando?

- Esse senhor Reynaldo, nem parece, mas ele é bem danadinho, hein.- enquanto brincava com o chapéu entre as mãos.

- Que é isso, Cléo?

- Ora, mas é. A escola inteira só fala disso. A professora está possessa de raiva porque um pai lá quis proibir a gente de ler porque tem um tal de Phil que é doido pra... você sabe... a enteada e tudo. E tem palavrão à beça. Eu gostei. A Kitty é uma patricinha filha-da-puta que dá vontade de dar uns tapas nela, mas o livro é legal. - e coloca de volta o chapéu.

- Mas que linguagem é essa Cléo? Seu nome de musa quer dizer Honra, Reputação. E cadê a sua? Vai ser umas dessas putinhas que têm por aí, é?

- A onda hoje é ser puta.

- Antes de proferir as palavras, Cléo, prove-as para ter certeza de que são tragáveis.

Penso, nesse instante, sobre o meu cabal anacronismo existencial. Definitivamente, sou um velho preso em corpo de jovem, não sem orgulho. Ela, por sua vez, responde com a indiferença brutal do seu olhar distraído.

- Veja, ali está o pessoal do Clube. Fernando me chamou uma vez. - disse enquanto acendia um cigarro e posava de misterioso. Ao que ela também se serviu.

Ficava soberba com o palito de fumaça pendendo entre os lábios. Os peitinhos de Cléo amadureceram nesta primavera. Sei que há muitos espertinhos por aí que gostariam de entrevê-los sazoados antes do verão. Não são poucos os colegas que compartilham de um

renitente fascínio pelas meninas-em-flor. Necessário preservá-la, ensinar-lhe classe, bons valores e, sobretudo, a proteger-se da vulgaridade.

- Porra, Cléo. Se você vai fumar não fuma gift. Isso é cigarro de vagabundo feito eu. Se você vai fumar, fuma aquele sampoerna, com gostinho de menta, que faz aquele sonzinho gostoso de crepitar de fumo bom.

- Me leva. - ignorando a sabatina.

- Mas nem que me paguem. Além disso, nem sei se posso voltar, por causa do Garibaldi, que me solapou todo ali agora. E também, não entra mulher.

- Que bichas.

- Não.

- Bichas, sim. Bichas.

E aí qualquer coisa como um tapa.

- E você parece bicha quando fala do seu Reizinho aí. Falei.

Merda, Cléo. Não sou bicha não. Vou provar. Vocês vão ver.

Pedi a Fernando que olhasse um pouco por ela e fui encher a cara de enroladinho de salsicha, pra me inspirar. Desculpe, mãe, mas é necessário. E não era a casa dela ali também.

Na lousa que carrego na cabeça, escrevi os seguintes versos:

Canto do não amor

(ou pra não dizer por aí que sou bicha)

Reynaldo amigo

O poema começa contigo

E por mais que ambíguos sejam

Por ti meus vilipêndios

Literários

Sendo de ti meio heterônimo

Falo de ti

Não quero!

Falo-de-ti não quero!

Quero-te sim no papel

Mas não à moda de motel

Tu que já escreveste por amor, tesão

Ou vingança

De ti eu falo por inveja

Invejo a ti

Como tu a Eliot

Creia-te, dos mares de vigo

Também derivo

Entre conas e madonas

Mais meu caso o primeiro

Mais teu caso o segundo

Em outras palavras: eu galináceo

Herdeiro de Marvilla

Tu tímido incurável

Modos de camomila

Então, creia-te, não me interessa

Nada de sua península ibérica

6. Chegou quem faltava: Chaudanne também compareceu, com seus passos mancados e o aspecto frágil de costume. Lembrei-me do que tinha me dito Katrina Marek. Sobre Reynaldo visitar sempre ele doente. Fiquei com raiva daquele puto dessa vez. A simpatia tinha se esgotado.

Ele me fala de Artaud e de psicanálise. De Electra e Édipo. Sem saco pra isso agora. Nem mostrei a ele meu poema.

Reynaldo era todo gentilezas pra cima dele. Ele que já havia escrito praticamente um livro sobre o ídolo, de tanto prefácio. Mas e daí? Quem vai dar a palavra final será eu.

Deixei ele palestrando com o pessoal da Escola Reynaldiana, que também tinha aparecido por lá. Nelson discutia com propriedade alguns aspectos conceituais da literatura de Reynaldo.

Fui até Fernando caçar informações.

- Esse Chaudanne. É bem próximo de Reynaldo, não?

- Ah, ele admira muito Chaudanne.

- Não brinca...

- Chaudanne, pra ele, é a imagem do marginal. Aquele que fez o que ele mesmo jamais poderia ter feito. O contraponto dionisíaco. Além da admiração intelectual, é claro.

- Mas Reynaldo é melhor que ele.

- Não é o que ele próprio diz. Na época que ele ficou doente, Reynaldo sofreu muito.

- O que aconteceu, afinal?

- Não sabe não? Ele endoidou. Chegou a morar na rua. Virou quase um ponto turístico na época. Todos sabiam do velho de olhos azuis que passava o dia inteiro desenhando em frente ao teatro Carlos Gomes, pedindo dinheiro pra comprar cachaça.

- Que coisa hein. - sorrindo por dentro, perverso.

- É o que eu sempre digo. Primeiro, o homem bebe o vinho. Depois, o vinho bebe o vinho. Logo, o vinho bebe o homem.

- Legal, Fernando. Valeu.

Saio pra outro canto, algo que contente, devo confessar. Perambulando paro no Sérgio, com quem converso alguma coisa. Pra não dizer que não falei das flores.

Apresento-lhe Cléo debaixo de seu Chapéu. Caem-se de amores por si, mas sei que ali

não há riscos a correr. Sérgio é puro.

Ela fala de sua coleção de chapéus, alguns dos eram frutos de pitorescas *quests* por centros históricos de várias cidades. Ele pergunta da escola. Ela diz que ama Física, que pensava em fazer Física, mas que se apaixonara tanto por Física que transformara a Física em poesia.

Isso me distrai um pouco de Chaudanne. Conto a história da carta que ela me escrevera de Buenos Aires, comparando-me à Teoria das Supercordas que descrevia seu universo, ao gráviton que complementa seu mundo quântico, ao tecido elástico relativístico que comporta seus corpos celestes. “Sem você, os cálculos não dariam certo.”, ela concluía. Igualmente, Cléo. Igualmente.

7. Falei de um evento importante no lançamento de Fernando, mas o grande evento em si foi uma certa repercussão daquela noite.

Acordei me sentindo um lixo no dia seguinte, ainda ébrio de vinho, mas não imaginava o que estaria por vir, que solaparia em mim qualquer vestígio de tristeza.

Cléo dormia serenamente com sua camisolinha de seda.

Abri o computador, como sempre faço pela manhã, pra conferir e-mails. E me deparo com o seguinte:

Assunto: Na escada da BiUFES: drama de consciência

Ontem, já no meio da escada da BiUFES, e com André esperando no saguão para irmos embora, me grita Fernando lá do alto, ao lado de sua irmã, com a intenção de apresentá-la a mim e apresentar-me a ela. Sabendo como é Fernando, temendo que me segurasse ainda mais tempo e, pior, prevendo alguma gracinha achiamética, acabei sendo deselegante e só acenei de onde estava e fui embora.

Transmita a ela (aliás, nem lhe sei o nome) minhas desculpas e diga-lhe (e é verdade) que gostei do chapéu.

Respondi prontamente, com os dedos cheios de açúcar do pão de mel que eu carreguei pra me ajudar:

Meu caro, adorei o título desse seu e-mail. Imagina só: “Na escada da BiUFES: drama de consciência”, novo romance de Reynaldo Santos Neves. Uma fábula canhestra do católico-literário.

Brincadeiras à parte, muito gentil de você se retificar, mas mantenha a consciência a salvo. Ela sentiu que você estava com pressa e, como outra vítima que já foi, a língua de Fernando também lha desperta os mais sinceros temores.

O nome dela é Cléo. Também gosto do chapéu (seu elogio foi transmitido e recebido com simpatia), e naturalmente tudo mais abaixo dele.

O nome é Cléo, Reynaldo. Minha casta irmã se insinua! Minha casta irmã se insinua! Minha casta irmã se insinua!

Será que o leitor pode compreender a excitação que senti nesse dia? Estava na cara que sou a inspiração do próximo livro de Reynaldo. Ou melhor: Cléo. O que eu interpretara como brincadeira (Na escada da BiUFES: drama de consciência) talvez fosse em verdade uma pista do grande projeto que certamente estava por vir.

Não foi ele que sempre quis uma irmã? Estará cobiçando a minha? O que terei que fazer com minha pobre irmã para conquistar sua atenção? Cléo, você faria tudo pelo seu irmão, não faria?

Toma essa Erik. Toma essa, Gilbert Chaudanne! Nenhum de vocês não foram figuras tão importantes assim para o ídolo.

Foi a partir daí que comecei a entender o papel de Cléo e de Chaudanne nessa história toda.

8. Há um Parque de Diversões muito barulhento em frente ao lugar onde estou morando no momento. Então vim à Biblioteca Estadual em vista de continuar a redação do trabalho. E não consegui me desgrudar de um certo poema.

Reynaldo de Santos Neves, escritor-mor, senhor de ma pesquisa, entre as mãos deteste as laudas em que se inscreve o portentoso *Poema Graciano*. Agora eu sei. Minha empresa agora será decodificá-lo em primeira mão, tarefa a que outros tantos se dedicaram e que no mais do sempre falharam. Se quero destrinchar suas intenções comigo e com minha irmã, é isso que preciso fazer agora.

E assim esta crônica deixa de falar um pouco de desventurado autor para falar de bem-aventurada obra.

Versos 1 e 2: Ondas do mar de Vigo / O poema começa comigo

O dístico de abertura faz referência ao mar de Vigo, balneário bucólico da Espanha, localizado na província de Saavedra, como óbvia referência ao município de Mangueiros, na Serra do Espírito Santo, cujas areias, vilas e angras foram cantadas em outra ocasião pelo bom Reynaldo Santos Neves (na prosa poética de inspiração latina de nome *A Ceia dominicana*). A aproximação se faz evidente já no aspecto cartográfico. Basta comparar os mapas dos dois balneários para perceber como a forma é deveras similar.

Forma esta que remete, em ambos os casos, portanto, à figura do espelho de Afrodite, o sagrado feminino, a vulva forma que inspira as andanças deste trovador moderno em que se transfigura o autor nas suas epopeias sensuais. Na mitologia oriental, a forma recebe o nome de Yoni, “lugar de nascimento”, em sânscrito, também denominado com ventre de Shakti, a deusa mãe da arqueologia celeste dos hindus. O professor Joseph Campbell, compara, no seu *Herói de mil faces*, Shakti à deusa Kali, deusa da morte e da destruição.

No Japão, a deusa da morte, Izanami, é também deusa da criação. Curioso é que essa deusa é uma das muitas incursões do incesto na mitologia universal, com seu irmão Izanagi. Ela concebe um filho dele mas morre logo em seguida. Ele parte então para o submundo em busca de resgatá-la. Um Orfeu japonês. Tanto a questão do incesto quanto o mito de Orfeu serão retomados adiante.

Reynaldo certamente é versado em todas essas referências (eu mesmo discuti com o autor, não menos que duas ou três vezes, a respeito das implicações enigmáticas que as escrituras brâmanes encontram nos sermões de Vieira) e, com essa imagem inicial, sugere a ruína do homem em face do encantamento feminino, uma vez que ele teria seu primeiro casamento abalado pelo canto de uma sereia vitoriense de nome Sueli L.

Em tempo: sabia que quando Izanami deu a luz ao deus do fogo, queimou-se tanto que morreu?

Versos 3-10: Começa mas não começa / que antes do primeiro verso / vêm todos dos testamentos / de quem passou pela morte e não morreu. / Bem como antes destas ondas / vêm ondas tantas, / cabelos de tempo e de oceano, / que vão desta barba à cabeça de Orfeu

O mito de Orfeu é uma das mais belas e trágicas histórias de amor de que se tem notícia no Ocidente. O mais talentoso poeta de que se tem notícia se lança aos confins do submundo a fim de trazer de volta a amada, Eurídice, para o mundo dos vivos e, com sua lira encantada, adormece o cão Cérbero de três cabeças que guarda os portões do reino dos mortos e convence o barqueiro Caronte a atravessá-lo pelo limbo das almas. Quando Orfeu chega diante de Hades, este se enfurece porque a festa dos mortos foi invadida por um penetra do andar de cima, mas é convencido por Perséfone a atender o pedido do amante, enamorada também de sua música. Hades então impõe a condição de que Orfeu não olhe para trás até que veja a luz do sol. O herói retorna triunfante pelo caminho íngreme que o guia de volta ao mundo dos homens, até que, na iminência de banhar-se do calor de Apolo, dá uma rápida conferida para certificar-se de que a amada ainda está no seu encalço. Traíçoeiro de si mesmo, ele vê Eurídice soltar um último grito de pavor enquanto é arrastada novamente para as profundezas do inferno azulado de Hades.

Nosso poeta, aqui, está a versar sobre outras ondas, isto é, outras curtições que antecederam o objeto de amor referido anteriormente. Como por exemplo a paixão de adolescente, citada no capítulo segundo, pela colega de classe Euri. O inferno do qual voltou foi seu casamento naufragado com a falecida Alice.

Versos 18-19: Não tem começo / esta biografia

“Tudo que escrevi é biográfico, mas o escrevi através de fábulas e símbolos”, disse Reynaldo, certa feita, numa certa de muitas de nossas conversas. É claro que eu não podia revelar, na ocasião, que meus propósitos eram algo de biográfico. Cheguei até ele, como o leitor deve de lembrar, através do amigo Sérgio Blank, que um dia fora seu estagiário na Fundação Ceciliano Abel de Almeida, na Ufes, onde editavam os livros da editora universitária. Eu era alguém como tantos outros que se aproximava na intenção de realizar um estudo sobre a sua obra. Assim fui conquistando espaço e me converti em seu mui grande amigo, ainda que a amizade se restringisse ao cunho intelectual. Também pudera, jamais me perdoaria se enfastiasse o ídolo com as quinquilharias emotivas de meu foro íntimo. Mesmo assim lhe interessavam algumas de minhas histórias, mesmo assim me confessou algo de sua vida que me serviu de mote à empresa biográfica. Pois ele disse mesmo o que está escrito acima. Não foi difícil a partir daí colocar meu gênio dedutivo em prática para depreender os interstícios biográficos por trás de suas fábulas. Neste momento eu contava muita com a ajuda de uma massa folhada de queijo, receita de mamãe. Como o leitor deve de recordar, comida e escrita são combinação potente pra meu intelecto.

Muito bem. Desde o começo, em verdade, venho mostrando como a obra do ídolo se entrelaça com sua biografia de forma estreita. A infância católica retratada em *A Confissão*, a adolescência angustiosa brigada com Deus que tem espelho em *Reino do dos Medas*. Na fase adulta, a partir da trilogia graciana, ele manda Deus pras cucuias e assume o paganismo que responde pelas peripécias sensuais que ele viveu (ou gostaria de ter vivido) na ânsia de consumir com a casta noiva. Esta fase adulta é a trilogia graciana, que se inicia com este poema graciano que ora analiso com risco assumido de melar as teclas de gordura (não uso mais papel e caneta, embora prefira, pra não perder mais nada pras manchas de café ou de vinho).

Verso 31: e que as mulheres todas seriam primas no meu amor,

Mais uma referência incestuosa. Em *Reino dos Medas* está dito: “se eu tivesse uma irmã, eu seria muito melhor” (p. 34). Num de seus contos de adolescente, “Ausência de Carla”, está dito: “Eu não odeio ninguém. Eu só odeio Deus, e minha irmã, porque eles não existem.” Vem Cléo aí, Reynaldo. Sua ausência será completada, juntos seremos o conjunto de sua obra-prima.

Na obra seguinte a *Reino dos Medas*, que se chama *A crônica de Malemort*, indulgentemente ignorada até aqui, Reynaldo conta uma trágica e sanguinolenta história de amor entre irmãos, Katherine de Malemort e Thibert de Giac. As personagens desafiam o fatal rigor moral da Idade Média em nome do pecaminoso amor fraternal. Já comentei anteriormente que Reynaldo foi recusado por uma puta. Nesse romance medieval, ele faz Katherine ser estuprada seguidas vezes por seus detratores, morta e pendurada à guisa de exemplo. Aí Reynaldo se vinga de todas as mulheres, mas em especial da irmã que nunca teve.

Um pouco antes de *Medas*, Reynaldo publicou, sob o pseudônimo de Reinaldo Santos Neves, uma elegia ao imperador Calígula, um dos incestuosos mais célebres da história. Segue o fac-símile:

3/2/70

CALÍGULA

REINALDO SANTOS NEVES

Hoje, ano 41 desta nova era a que chamam cristã,
morreu (oh dor) em sua cidade de Roma,
terrivelmente, o Imperador.

Traidores vieram, armados de ódio e de aço,
golpeando de súbito, furando e cortando,
decependo, cavando fundo,
plantando a morte na alma do, dêle, do nosso.
O maior dos imperadores
foi morto de tal forma indigna —
(a nós de certo voltam as costas os deuses).

Devo dizer quem era êle :

belo,
divino,
apaixonante,
inimigo ferino do impossível,
artista sensível e amante da lua
filho e irmão dos deuses,
êle era soberbo.

Homi, regi, parricida,
e talvez (quem sabe) mais ainda.
Com as três irmãs praticou incesto,
as pessoas que quis ter possuiu, tôdas elas,
e às vèzes foi macho e às vèzes foi fêmea, êle
[próprio.

Até mesmo uma filha gerou, uma vez,
no ventre de uma vagabunda chamada Cesonia
(essa filha os traidores mataram,
partindo-lhe o crânio contra um muro de pedra).

Assim ninguém realmente o compreendeu de
[todo,
mas a grandeza de sua alma (que agora
[mataram)
luzia nos seus olhos e estava nos seus sorrisos.

No seu túmulo (oh dor) caligrafaremos :
Aqui jaz o jovem Caius Imperador,
com quem morreu a promessa de salvação do
[mundo.

Quem, agora, quem
será capaz de — como Caius, prostituto —
reafirmar em seu direito lugar
o absurdo absoluto?

Setembro 1967 — Revisto em 1970

Isso tudo e mais um pouco, pois ainda há muito o que se falar sobre a presença do incesto na obra de Reynaldo (como se verificará mais adiante, onde se falarei mais a fundo sobre a Escola Reynaldiana e exponho-me-rei minha tese sobre o assunto), me levam a com olhos de, confesso, mais uma vez, ardiloso sentimento de imprescindibilidade. Pois não foi Reynaldo quem dobrou sua atenção à minha querida Cléo e seu chapéu na biblioteca? Eu já desconfiava que minhas histórias sobre minhas andanças despertavam terno interesse no ídolo. Mas a irmã que eu tenho e ele não, este é o nosso maior elo. E sei que devo colocar todo meu esforço no sentido de inspirá-lo para sua próxima obra. Sei que Cléo não vai se opor em fazer o que for necessário. Juntos, Rei, seremos o conjunto de sua obra-prima, juntos reescreveremos a história do mundo!

Versos 41-56 : Vejo-me infante sagrado, / filho um, primeiro e único, / sucessor de natimortos; / filho das preces dos pais, / nascido de idoso útero / pendragon: eu Artur. / Por isso onde-me a irmã, / ignota e púnica, / a face cor de romã, / onde seu venéreo corpo / em que devo, esponsal / — aberta a túnica, / escavada a cova —, / em que devo, e sem sal, / e sem algas marinhas, / depor a semente de meu próprio azar?

Referência dupla ao passado de criança solitária e ao futuro lascivo que o aguarda. “Sucessor de natimortos” porque quando Reynaldo nasceu, seu irmãos já tinham deixado a infância pra trás. E mais referência à irmã inexistente. Que agora existe, Reynaldo. É isso que você quer, não é mesmo? Serei eu teu Artur? Pendragon, cabeça de dragão. Artur foi mais um incestuoso mitológico, vocês sabem.

Versos 66-74: Cavaleiro andante, / caravelo em minha mente, / catacumbo em meus porões, / cada falso em agonia, / versejando cada abelha, / procriando o meu poema — / órfão de Orfeu. / Cada verso é um sacrifício, / e o poema é cadavérico.

Mais referências autobiográficas. O cavaleiro andante, Reynaldo próprio, e alguma coisa da consciência culposa da criação católica. E mais Orfeu que, como eu disse antes, é incestuoso na sua versão japonesa (Izanagi).

Depois dos incidentes transcorridos na Biblioteca da Ufes, quis ir atrás do Chaudanne. Sabia que ele morava no Centro, no Edifício Riviera.

Fui. Fiquei plantado ali tomando caldo de cana pra ver se ele aparecia e nada de ele aparecer e então eu me emputei e fui atrás de puta na Nestor Gomes.

Passando pela Praça Costa Pereira quem não vejo senão o Chaudanne mesmo, com seus trapos cheios de tinta e o terceiro pé de madeira escrutando a praça a passos lentos.

Chaudanne, eu disse.

Olá rapaz,

Ai pois foi Sérgio Blank quem nos apresentou, no Instituto Histórico.

Ah pois sim o rapaz escritor.

Pois sim eu moro por aqui também. Ato falho: Quer tomar um café comigo aqui perto do meu *escroto*?

Quis dizer “escritório”, que era como eu chamava a biblioteca do Sesc ali no Centro. À época eu fui usuário assíduo, e escrevi boa parte desse capítulo lá.

E falamos de literatura e de Reynaldo e de como Reynaldo era um bom cara mas não se assumia como um bom cara e ficava nessa culpa e ele Chaudanne que não que ele sabia que ele era um bom cara e não tinha esse problema. Mas Reynaldo é muito mais bom cara que você, pensei mas não falei.

Meu romance bebe muito da psicanálise, dessa vez falei mesmo.

Eu gosto muito de psicanálise, disse ele, e falamos um monte sobre psicanálise mas não muito interessa e interessa sim que ele me convidou ao seu apartamento ao invés do meu

sugerido café.

Subimos um elevador antigo. Oitavo andar. Entrei e

Caro leitor, é mais fácil dizer o que não tem no apartamento do que o que tem, pra dar uma ideia precisa. Não tem armário, não tem mesa, não tem comida, geladeira, produtos de limpeza de qualquer tipo, não tem papel higiênico, não tem cadeira (só uma, de plástico), nada de aparelhos de tipo nenhum, não tem estante, não tem planta, telefone? não, não tem toalhas, louças, talheres, não tem sequer livros impressos, fotografias? bibelôs? não, não tem pasta de dente nem escova de dente nem enxaguante bucal nem garrafa de água ou café ou drogas lícitas ou ilícitas ou travesseiros e lençóis. Não tem nada, nada mesmo, que não sejam pilhas e pilhas e pilhas e pilhas de quadros e livros artesanais feitos a mão e tintas e duas camisas jogadas entre as pilhas e uma cama de ferro pior do que as que existiram nos campos de concentração soterrada por pilhas de mais quadros.

Eu não tinha onde pisar. Fiquei de pé como que num campo minado, porque “cuidado com os quadros!”, e fazer o quê? E também não podia fumar porque tudo podia entrar em combustão. Então ficamos ali conversando sobre meu livro e depois sobre Tchaikovsky pois que eu tinha assistido a um concerto da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo recentemente em que eles interpretaram a Sinfonia número 1 pra piano com uma solista chinesa e assobiamos juntos o tema e foi até que bem legal. Rolou uma sintonia. Até que gostei do velhinho no dia mas pensei também que ele vivia tão isolado de tudo que talvez não fizesse muita falta mesmo e além disso ele já tinha feito tanto pelo mundo (palestras, livros, viagens, ensaios, pinturas e pinturas, aulas na Aliança Francesa, na Universidade do Piauí, na Tailândia etc.).

Troquei um exemplar do meu livro por uma Madonna dele, que ele chamou de Anne, em homenagem à protagonista, e sussurrou no ouvido dela pra ela se comportar.

O resto é conto. Pois eu sonhava agora em ser romancista.

Logo eu, que já era um jovem leitor de Borges a ponto de me tornar um maduro leitor de Borges.

Já havia lido e relido seu diálogo com Ernesto Sabato, quando os dois escritores discutem as diferenças entre o conto e romance. O conto é mais preciso. O romance, requer banalidades esporádicas. Se uma espingarda aparece no início de um conto, disse Tchekov, ela deve ser utilizada ao final.

O conto pode até ser mais elegante, do ponto de vista formal, mas não o contista. O romancista, depois do poeta, é o mais glamoroso dos escritores.

Estreei na carreira literária com um romance que começou como livro de contos, e neste livro eu utilizo alguma metalinguagem para justificar que o livro não tem muito de romance. É que eu sou contemporâneo e, como bom contemporâneo, assumi essa coisa da escrita não-linear. Sou do século em que o mal do século são as patologias mentais e, aproveitando que escrevi alguns sonhos, entendi que o meu universo narrativo é delirante e onírico. Leituras de psicanálise contribuíram para que acreditasse que o inconsciente podia ser representado dessa forma.

Meu analista, Antônio Ribalta, foi quem, ousou dizer, conscientemente me incentivou a investir na minha prosa.

O Ribalta tinha bigodes como um texugo. Não sei se os conserva ainda hoje mas, para fins de prosa, o concebemos desta maneira. Pele marrom, bigode fino. Utilizava camisas de botão que poderiam ter sido compradas na *Renner*.

Eu admirava seu porte humilde.

- Estava lendo *A história da sexualidade* e o Foucault ali se dedica a elucubrar os dispositivos de poder que estão por trás das distintas "verdades" que a sexualidade assumiu no desenvolvimento do capitalismo industrial. Para "além do bem e do mal", nos percalços de Nietzsche, Foucault se preocupa em delimitar os procedimentos que inscreveram a sexualidade no campo discursivo, o que representa não propriamente uma interdição baseada na moral cristã, mas justamente um incentivo à sua produção e proliferação movida por essa "vontade de saber" que torna o sexo um elemento insidioso a ser escutado por "aquele que está capacitado a ouvir", aquele que ocupa o lugar do saber científico, as figuras do médico, do analista, do sexólogo, o lugar onde o sexo é posto a ser decifrado, estudado, e devolvido como verdade. Compreende?

Vontade de saber que se baseia, então, no "prazer da verdade do prazer", que move esse sujeito moderno a partir daquilo que escapa a ele mesmo, que o incita a descobrir-se, a estender-se na condição de verdade traduzida pelo saber científico, na conjugação entre saber e prazer, na vontade obstinada de "decifrar" uma verdade sob o prisma do discurso científico.

Dito isso, quero dizer que me engajei num exercício interessante. Se me disponho a

traçar uma história da sexualidade sobre a minha própria vida, percebo que o sexo sempre ocupou também um território ideal, transformado em discurso pelo meu imaginário, pela minha insegurança, um lugar-a-ser-alcançado, isto é o que ele é, dentro da rede de enunciações que constituem meu sintoma analítico.

Antes do sexo, *per se*, eu me imprimia o papel de menino polido, porque acreditava que esse era o caminho mais fácil para o sexo, para esse lugar-a-ser-alcançado. Depois de fase oral, da fase anal e da fase genital, entrei na fase intelectual. O sexo está na cabeça? Egresso do campo, eu tinha meus modos, que o contato com a poesia romântica ajudou a retocar.

Na escola, eu me aproximava com cartas e atitudes românticas, na esperança de que o tratamento adequado pudesse me levar ao mais puro amor. Debaixo da minha cabeleira, recriminava as investidas grosseiras de meus colegas de classe, julgava vulgar a atitude de roubar beijinhos e insistir nos assédios, sem ao menos se declararem poeticamente como eu julgava correto, enquanto eu mesmo suava de tanto me masturbar diante das mais lascivas imagens que poderia criar a partir de minhas colegas. Ah, os shortinhos azuis.

Como toda criança, imaginava superpoderes. Certa feita, fantasiei que tinha a habilidade de voltar no tempo, assim poderia deflorá-las à vontade, como uma besta furiosa. Elas passavam pelo corredor e eu entrava em cena. Usava uma força que não tinha para rasgar seus shortinhos azuis atolados nas ancas, que denunciavam suas fendas de viscoso prazer. Metia, metia, metia, gozo e lágrima, gozo e gozo, alguma coisa de sangue. Gritos de pavor, urros de prazer. Antes que a culpa ou a polícia viesse, eu só precisava acionar a viagem ao passado recente, trazendo comigo somente a lembrança deleitosa de uma hipotética linha do tempo assombrada pelo crime.

Mas Carolina se acoplara à minha rede discursiva. Começamos amigos, comprou minha narrativa de um sexo romântico e bem programado. Na primeira vez, doeu, respeitei. Na segunda vez, deu certo, foi lindo, foi mágico.

Então a primeira vez foi com Carolina, o que poderia se chamar de uma "primeira vez ideal", porque ambos éramos marinheiros de primeira viagem, ávidos por desbravar o outro lado do paraíso, e encontrávamo-nos adolescentemente apaixonados. Enquanto meus colegas se preocupavam em provar que a vida era uma merda, me preocupava em imaginar o tipo de pasta de dente que dividiria com minha donzela na idílica cabaninha das nossas ruínas do futuro. Um presente incapaz.

Veja, isso me lembra que próximo a um conjunto residencial em Berlim ergue-se um cilindro maciço de concreto com 14 metros de altura e 21 metros de diâmetro, que conta ainda com uma carga de cerca de 12 mil toneladas. Construído no comecinho da década de 1940 com a intenção de se verificar a resistência do solo, o objeto não carrega nenhum indício simbólico de cunho nazista. O cilindro deveria fazer parte de um memorial dedicado às baixas da primeira guerra, que nunca foi construído. Palco de experiências científicas, reuniões, e habitação temporária de moradores de rua, tornou-se patrimônio histórico em 1995. Assim foi Carolina: o membro amputado de um corpo que nunca vingou.

E a sexualidade não tardou em mudar o discurso. Agora eu invejava a vida universitária, onde supostamente se conseguia sexo sem grandes rodeios. Um lugar-a-ser-alcançado. Ainda no ensino médio, tive outro namoro, de três meses, e com esta não fui nem capaz de pensar em sexo, embalado que estava pelo terreno em que o sexo abdicava de preâmbulos. Era uma questão de esperar, um lugar-a-ser-alcançado. Ela gostava de mim, mas eu nem sequer considerei a ideia de transar com ela, e hoje reconheço o absurdo da situação.

Na faculdade, enfim, não me cabia de excitação. Logo no primeiro período, improvável, uma mulher, mais velha, cumpria uma disciplina na minha turma. Admirava-se ela da minha prodigiosidade. Afinal, eu lia livros apoiado sobre uma perna só, como Bruce Lee, e ela era um tanto pedante. Ela já tinha uma filha! Supunha que transava bem. Dividia o apartamento com uma amiga, e quando numa noite fomos todos pra lá, depois de alguns tragos da pior cerveja que se pode imaginar, ela me arrastou para o quarto e, como colocar de outro modo?, *me abateu*. Eu não me cabia de excitação. Improvável. Um lugar que eu projetava no plano ideal, sexo de primeira, gozei muito rápido. Continuei, um tanto mecanicamente. O sexo não estava mais ali, já não ocupava aquele lugar.

Precisava ser alguém que eu considerasse atraente, eu não a considerava muito atraente, as meninas atraentes me ocupavam o signo do inacessível, um lugar-a-ser-alcançado.

Existiu essa menina, atraente, fora de cogitação, que não evitei de acoplar à zona de conforto do território da amizade, e aí ela jamais me daria bola. Um dia, me deu. Ah, que deleite, o movimento do platônico ao dionisiaco. Não me cabia de excitação: sexo sem preâmbulos, com uma pessoa que gostava, com uma pessoa que julgava extremamente atraente, extremamente inacessível. O gozo foi esplendoroso. Namoramos, parei de sentir. Eu ficava duro, mas não sentia, tinha dificuldade de gozar. A partir daí, nunca mais encontrei o sexo, eu já lhe cobria com papéis demais.

O prazer só tornou a acontecer em situações que repetiam o signo do inacessível. Um exemplo: uma garota por quem um grande amigo estava apaixonado me deu bola. Até que não resisti, furei os ditames da minha própria censura, gozo bom. Namoramos, o sexo sumiu de novo. Traí (desculpe, Sara), furei os ditames da minha própria censura, gozo bom. Nunca mais consegui me estabelecer sexualmente com ninguém.

Essa semana teve a Pâmela, achei que era ela. Só que sei lá. Ela é um porre.

Enquanto eu inscrever a verdade do sexo no lugar do improvável, do inacessível, isso continua. Como escapar da minha repetição, como rearticular o meu sintoma analítico?

Ufa. A sensação é de que acabei de escrever um ensaio aqui. Isso é terapia? A terapia não pode ser uma experiência intelectual. Não vê como tudo que produzi aqui foi literatura? – eu disse, encerrando por fim o solilóquio acadêmico-literário.

- Você está falando como paciente ou como escritor?

- Como paciente.

O Ribalta me devolveu um daqueles seus silêncios abissais que o consultório ajudava a dilatar ainda mais. Digo isto porque o som do ar-condicionado quebrado era o som do silêncio e aquele som me inquietava muito.

Resolvi encará-lo e lembrei que ele era uma pessoa. Seu olhar estrábico era meio triste. Mas não era uma tristeza poética como o estrabismo de Hermeto Pascoal e tampouco produzia a estranheza medonha de um Sartre. Era uma tristeza mais cansada, que o Ribalta parecia conhecer muito bem.

- Sinto-me bem. Eu gastei muito tempo elaborando meu sintoma analítico diante do senhor e hoje eu descobri que essa elaboração é literária. Todo meu respeito ao seu trabalho, mas descobri o que preciso fazer. Minha angústia pode ser transformada em produção. Não preciso mais do senhor.

- Gostei quando disse a palavra “ebulição”.

- Eu disse “produção”.

- Eu escutei “ebulição”. Interessante este significante.

- Pois limpe os ouvidos e tome aqui o seu dinheiro. - e depositei cem paus no divã. Eu estava na cadeira mas depositei a nota no divã.

- Interessante.

- O que é interessante?

Mais estrabismo e mais ar-condicionado quebrado. Ele se levantou. Faria o corte

lacaniano. E fez. Apertamos as mãos e fui embora.

Não precisaria voltar, porque agora eu era romancista. Meu segundo livro já estava em mãos do jovem editor Francisco Chavez, que tinha cara de bocó e de cagão, mas era boa gente. Eu apostava que cresceríamos juntos.

Caminhando a passos lentos pela avenida Champagnat, refazendo, como um peregrino, os passos do ídolo com destino ao inominável, acendi meu lucky strike azul da caixinha marrom. Comprava dele quando não o gift, este último quando por falta de grana. Os vendedores sempre achavam que era o de apertar a bolinha, mas era o filtro branco simples. À época, eu preferia fumar caminhando a fumar sentado. Pensei logo que aquilo não era um símbolo fálico, mas um símbolo literário. Eu não queria localizar muito o meu romance, mas elaborei, naquele instante, mentalmente mesmo, uma cena em que meu alter ego fumava dessa marca.

Gosto de caminhar desde criança. Caminhei até Itaparica, só por caminhar. E agora, escritor? Eu me perguntei. Descobri que precisava bater uma punheta sem sentir culpa. Afinal eu estava livre da culpa, não estava?

Ledo e ivo engano. Me sentia patético por gostar de *hentai* aos vinte e dois anos. Mas os desenhos eróticos japoneses me excitavam.

Eu gostava de uma série que se chamava *Dark Angels*. A trama é sobre um grupo de adolescentes capturadas por anjos fêmeas que as submetem a um ritual de limpeza que consiste em violá-las dentro de um círculo de magia negra. Pênis enormes nasciam de dentro das vaginas dos anjos fêmeas, que naturalmente tinham peito e bunda grande, tornando tudo mais perturbador ainda.

Agora imagine se alguém me flagrasse vendo aquilo? Pois bem, foi o que aconteceu.

Já era noite, e eu gostava de me esconder na *feira do cu*, apelido carinhoso de uma moita que ficava na areia da Praia de Itaparica. Pois em casa eu não me sentia seguro diante da remota possibilidade de minha irmã Cléo tomar alguma ciência da minha devassidão. Ainda porque certa vez eu acessei certo endereço eletrônico e me espantei com uma gravação da minha princesa fazendo coisas impronunciáveis. Aquela putinha. Só há futuro para ela na sua literatura, não é mesmo meu Rei?

Pois no auge do meu cinco contra um, quem me mirou foi uma moradora de rua. Usava um boné da Dilma, um top desbotado e um short curto.

- Que moleque safado.

- Sim. - eu só podia confessar. Estava num estado de choque tal que nem lembrei de botar o calango pra dentro.

- Eu te chupo por vinte reais.

Aquilo seria medonho da minha parte, eu sabia. Mas a dimensão do desejo era forte em mim. Ainda estava ereto. Controlei-me e consegui dizer:

- Não precisa. Eu te dou vinte reais pra você comprar sua pedra.

- Você acha que todo morador de rua usa pedra?

- Não. E além do mais, todos temos vícios. Não julgo.

- Pois eu só tenho um vício.

- E qual é?

- Chupar pau.

- Isso te faria feliz?

- Sim.

- E por que precisa do dinheiro?

- Não preciso.

- E por que ofereceu?

- Porque achei que de outra forma você não ia querer chupada.

- Eu quero.

E chupou de graça. Pela primeira vez em cinco anos, soube, porque as pessoas sempre perguntavam pelo preço. Parte dos vinte reais ela dava para um amigo que, este sim, fumava pedra.

Sei lá porque razão me apaixonei. Nunca perguntei seu nome, mas sabia que ia dar em conto. Uma história como essa jamais seria um romance.

Versos 85-99: Hoje, então, como esquecer-te de cor, / como esquecer esse teu seio, cujo bico / era uma mosca e não um mamilo? / Como esquecer com que tal anseio / lancei os lábios a esse alvo seio, / fincando certo, e bem na mosca, / o meu beijo em cheio? / Nos funerais de hoje dizem que você morreu, / mas como pode você ter morrido se eu não te matei? / Coro: Não sabendo de amor um avo, / era-me uma vez quem me era eva, / a serviço de quem de corpo estive, / e de quem noivo nunca mais de novo. / Vede por que evoco e uivo: / verde raposa com a mão sem uva.

Referência clara ao divórcio de Reynaldo. A “falecida” é a ex-esposa Alice. Eu também acabara de passar por isso.

Deu fevereiro. E fevereiro, pra mim, o mais cruel dos meses, germinando caos, acabou com meu projeto de casório também. Carnaval da quarta-feira de cinzas. Pois eu também tinha uma L., Sara Lanka, mas, diferente da Sueli L. de Reynaldo, esta conheceu muito mais que minha pena. Minha dura pena rabiscou ela todinha. Fernando a adorava, minha noiva. “Se não quiser eu quero”, dizia.

Cléo sempre perguntava porque essa porque essa. A outra tão bonitinha, essa tão feinha. É que a perereca dela, manininha, ela é diferente em horas do dia. De manhã, parece um limãozinho partido ao meio. De noite, parece um big mac. E perereca dela, Cléo. Ela morde. A perereca dela morde. Foi por isso que me quase casei.

Verso 110: Na província, não há como esconder coisa alguma.)

E o danado esconde um abre-parênteses. De mim você não esconde nada.

Versos 158-209: Embeber os olhos nesse corpo, / corpo eis que de veraprima — / bebedouro corpo em que estes olhos / quanto mais bebem mais têm sede. / Estar com ela, ave / de um paraíso entreaberto / tentações lhe evolem, sim, / em deslizes de silêncio / que por entre os sardos atavios / lhe pairam nos lábios; / em mãos duas que, odaliscas, / vão-se dançantes ao ar — / e no azar de cada mão / fala meu futuro sim, / pulsa meu futuro não. / Estar com ela, eva / daninha e mais que isso rara, / que eva é e se oferece: / e o que me agrada à mão agrária / é a vindoura messe. / Prendas, nela tudo são prendas / que das grades da virtude, / tenho fé, logo me vão libertar: / menina, não me deixe o cerco, / que só me acho quando me perco. / Deixa então, você, pois não, / viger a lenta sedução, / até se dar a sedação já pressentida, / até que venha, em amavios, / e cedo ou tarde o doce dar-te. / Assiste ao degelo do presente, / certo de porvirem ambos num só ás de amor, / certo de ser tudo nela uma promessa: / quem hoje me pressente, amanhã me futura. / Deixa a esperança para matar por último / e assim crê que um dia teus dedos ourives / vão tatear esses cabelos, fios e pavios, / tua língua à porta vai bater dessa boca, / em seus não mais nem nunca mais inviolábios, / tuas mãos vão saciar a longa fome / nessas tetas brancas manjedouras. / É a hora da cruza / e da coroa de louros: / Dafne se abrirá em fenda, / e seu orvalho é para beber onde / senão nos lábios da ovelha? / Num morredouro de amor, / quem divino não era redivivo se verá. / A ilha é maior que o mar: / nunca mais suar sperma / nem ver navios — / demais já vi-os.

Vocês sabem, Dafne era uma ninfa. A história conta que Eros, brincalhão, alvejou o deus Apolo com uma de suas afrodisíacas flechas, quando seus olhos miravam a casta filha do rei Peneu. Mas ele também acertou Dafne com uma flecha de chumbo, o que fez a ninfa, da sua parte, nutrir descomunal desgosto por Apolo. Assim começou uma implicável perseguição. Ele afoito pra lá, ela nauseabunda de cá. Cansada de fugir, pediu a Zeus que a livrasse da situação. Ele, então, a transformou em loureiro. Apolo disse: "Se não podes ser minha mulher, serás minha árvore sagrada", enquanto abraçava os troncos do impossível desfrute carnal. Dela só pode colher os louros que passaram a enfeitar seus cabelos.

Reynaldo se apaixonou por uma menina nova na universidade no que quando trabalhava lá. Era a moça da xerox, que nunca dele sequer conta se deu. Mais peripécias sensuais apolíneas. Nada de concretizar, não é jovem Reynaldo? Ainda bem que não comeu, senão não seríamos presenteados com versos tão inspirados quanto os de *Muito Soneto por Nada* (1998)

*E agora Jose? Agora em ponto, quando
tudo entre nós em nada é consumado,
e o nosso (nosso) affair chega a seu fim
sem ter começo, e muito menos meio,
agora é hora da pergunta intravenosa:
que que nos fica em forma de sinopse
na folha amarelada da memória?
Muito pouco ou quase nada: o visco
de gestos e palavras natimortos
e a visão de conjunto de um equívoco.
Mas ficam, como espólio, estes poemas
que, bem ou mal, eu fiz pra ti nas alvas,
tenras coxas de Madame Poesia;
é, foste cantada em verso: quem diria
(p. 70)*

E quanto a mim, também andei por aí com minha Dafne, embora muito mais por Dionísio que por Apolo assistido.

Eu falava do também fim do meu projeto de casório. Confessei minha devassidão. Falei da moradora de rua e de Madame Cathy e tudo o mais. Deu no que deu com Sara Lanka. E eu fugi, cagão que sou.

Meio perdido, atordoado, fui procurar um oráculo.

Veja, não me considero supersticioso. Não. Testei livros de Reynaldo durante as mais diversas situações, geralmente combinados com um maço de cigarros, e eles se revelaram meus amigos em todas as necessidades desta vida mortal. Quando não estou legal: Reynaldo. Se quero um conselho: Reynaldo. No passado, quando minha mulher me aporrinhava: Reynaldo. No presente, quando bebia demais: Reynaldo outra vez.

Depois da confissão e do inevitável rompimento, saquei meu *Ceia Dominicana* e não é que a resposta apareceu?

“Aonde quer que vá, o naufrago leva consigo o seu naufrágio. Cheguei a Manguinhos no meio

da tarde de sábado, vindo do naufrágio do meu casamento. Nem era arenosa Manguinhos o meu destino: eu não tinha destino...” (p. 21)

Da minha parte, não foi a arenosa Manguinhos. A cinzenta São Paulo foi meu destino que não era destino.

Sempre detestei viajar, e se detesto é por que há mais livros na minha estante do que países no mundo. Me incomoda a falácia boêmio-romântica de que o escritor deve buscar experiências intensas. Ora, Júlio Verne deu a volta ao mundo sem nunca sair de casa.

Só que, de alguma forma, eu também fugia. Não de uma ameaça de morte, mas de uma ameaça de miséria sentimental em Vitória. Findo o frenesi do lançamento de meu segundo romance, chegou pungente a saudade da ex. Embora me convencesse de que tudo não passara de fogo nas ancas. Algumas semanas sob o mesmo teto mostraram que a nossa lenha não dava nem para o inverno. Também, haja madeira para sustentar minha volúpia depravada.

A depressão dilacerava a porra toda dentro de mim, outra vez mais. Eu só gozava com prostitutas ou animação erótica japonesa. Mas eu não tinha mais dinheiro para prostitutas. E nem queria ficar impotente de tanto bater punheta. Acabei me tornando refém do clichê de viajar para respirar outros ares.

Escolhi os sujos ares de São Paulo porque tinha lugar pra ficar, e era próximo a locais que gostava de frequentar. Ali na Mooca, próximo à Sé, com seus sebos colossais, e próximo à Liberdade, repleta de piteuzinhos de olhos esticados.

Cléo muito se animou com a viagem. Já com seus quatorze, nutria por lá amigos virtuais que compartilhavam de seu gosto por bandas de hardcore e grupos de rap ou de “funk paulista”. Eu ficava possesso com isso. Como que uma moça tão distinta, ouvinte de Nat King Cole, de Coltrane, de óperas e árias, de Ravel e Chopin, como, como que uma moça assim se interessa por coisas como funk?, eu dizia. E ela sempre vinha com o argumento modernoso de que o funk era genuína expressão de periferia, que sofria dos mesmos preconceitos que o samba um dia sofrera, por surgir do morro e descer no asfalto pra invadir os apartamentos das elites etc. A mim, só interessavam as rabetas reboleantes.

Chegamos de noite. O primo foi muito gentil. Me esperava na rua, enquanto conversava com um morador de rua que se chama Fernandinho. Naquela rua, amontoam-se

lojas de condimentos, grãos, temperos. Um cheiro de alecrim invadia as calçadas. Cléo gostou disso.

Já tinha escutado uma ou outra conversa a respeito do primo, mas sua simpatia só confirmava uma excentricidade do tipo que tem um bom coração. O amor é uma contravenção, o amor é uma forma de resistência.

Pouco importava se o amor para ele era uma forma de acessar frequências mais altas capazes de captar mensagens cósmicas da confederação galáctica presidida pela entidade Ashtar Sheran.

Enquanto tomávamos café, na cozinha, ele nos explicou sobre o trabalho que realizava ali uma vez por semana. Reunia um grupo de inclinação cristã que comungava o Santo Daime, e faziam algo que se chamava “vigília astrológica” na laje do edifício. Ovní Hunters. Lembrei dos programas do *History Channel* cujo mote sub-reptício era: “Na dúvida, aliens”.

No mote do café, conversamos bastante sobre futebol e sobre as estrelas. Sobre o primeiro tema, um latente desencanto. Sobre o segundo, seus olhos brilhavam. Cléo disse que muitas das estrelas que víamos no céu poderiam já ter morrido, já que a luz que emitiam poderia demorar centenas de anos para chegar até o raio de visão de nossa abóbada celeste. Assim, elas já teriam se explodido em supernovas ou se transformado em buracos-negros quando seu brilho tardio chegasse até nossas córneas. Só que ele não acreditou.

Naquele dia, mal chegado, eu sabia que não precisava ter saído de casa. Fui por instinto depravado. Desci pra ver menina dançando funk, tomado que estava pelo imaginário que os gostos de Cléo que me despertavam.

Me dirigi ao pico sujo que apelidei de Pardieiro Estrelado, como homenagem à constelação de mofos que varria seu firmamento de Eternit, e me fazia pensar nas nebulosas de Antares.

Desci a rua seguindo o som.

O bar era de esquina, com fachada da Skol. A iluminação era parca e o som da máquina jukebox, estourada, berrava os versos de Mc Dom Juan (oh novinha eu quero te ver contente / não abandona o bonde da gente) pra deleite geral. Botei pra dentro duas ou três ou doze doses de conhaque Dreher. Podia ser Domecq, mas preferi que não. Não foi o preço, dessa vez. É que a bebida barata era combustível mais adequado ao meu estado de espírito em galopante decadência.

Busquei o banheiro. Parecia cenário do filme *Transpoiting*. Um vaso sem tampa

recebeu-me com suja cara e pôs-se à vontade para dar-lhe de beber um mijo amarelo e grosso. Com a mão apoiada na parede, notei que ainda usava a aliança no dedo. Retirei o anel com nome gravado e tudo e, por meio de toda a força física e moral que pude reunir no braço, lancei-o com toda força pra dentro do boquiaberto sanitário. Puxei a cordinha da descarga pra vê-lo se afundar pra sempre nas profundezas inextinguíveis dos esgotos de São Paulo.

De volta ao átrio do Pardieiro, meus olhos logo se abrilhantaram diante de uma mocinha de vestido vermelho, bem curto, a ponto de expor as papinhas das nádegas, que ralava até o chão. As coxas em pêlo, algo tingidas de dourado, estimulavam minha papilas gustativas. Ninfa de belas tranças, de olhos (supus, já que do seu rosto só tive um relance) verde-mar, deusa Ishtar, e eu, tal qual pobre mendigo de Ítaca, a delirar sua deliciosa homérica de adolescente atrevidinha. A cútis espargida em suor. Os pézinhos, ah, os pézinhos. Queria lambê-los com a língua, porque com os olhos já os fazia. Contorcia-me extasiado diante dos lampejos de calcinha que seu rebolado me dava. Inebriava-me com a suposição do cheiro almiscarado que a sua bocetinha tinha. “Putá que me pariu, oh vênus loirinha, me rendo à pena severa de estar enamorado pela boca sedosa que teu glitter rescende. Eu chupava tua boceta com minha língua agriçoce, chupava mesmo, pois acabo de jantar comida taiwanesa.”

Parei na entrada e, assim, entregue a vilipêndios sensuais, demorei a perceber a confusão.

Quando me dei conta, alguém estava em cima de alguém. Meus ouvidos denunciaram o som seco de punhos ensandecidos contra uma mandíbula magra.

- Confusão!

- Porradeiro!

A menina já sumira de vista. Tudo era turvo. Corri, lógico, cagão que sou.

O apartamento do primo localizava-se umas duas esquinas do Pardieiro. Pobre alma, o primo, tão solícito ao me acolher e meu espírito molestado trazendo potencial problema pra dentro de sua casa.

Distraído por uns vizinhos elegantes que transitavam pelo hall (depois concluí que pela linha do tempo de tudo que aconteceu eu devia ter ficado pelo menos uma hora admirando as figuras ali), mal pude perceber a chegada de Cléo, toda coberta com um casacão que não permitia lhe adivinhar as vestimentas, em companhia de um algo que amigo bufante. Nem sabia que ela tinha saído também por ali. Achei que tinha ido ao cinema ou qualquer coisa do tipo.

Eu contei que Cléo tinha ido comigo a São Paulo, não? Também não tinha com quem deixar em Vitória.

- Estão querendo matar o moleque.
- Tipo uns cascudos? Coisa de escola?
- Não. Tipo cravar umas balas na fuça dele.

Ouvi sua história e concluí de pronto que ele não podia ficar, cagão que sou. Sem contar na responsabilidade que tinha com meu anfitrião.

Me espantou como era jovem. Trazia no corpo todas as desproporções naturais da puberdade. Não devia ter mais que doze. Como diabos um mancebo de doze anos se envolvera numa intriga daquela? Enterneci-me mas mantive a postura rígida. Minha irmã não tinha o direito de fazer isso com a gente. O primo não merecia.

- Eles viram você entrando?

O rapazinho garantia que não. Mas a proximidade do local reacendia meus mais tenros temores. Morrer chumbado de bala por uma gangue púbere de traficantes raivosos não era um fim que me agradava. Não que eu não merecesse um fim.

Minha irmã tinha os piores amigos, puta que o pariu! Será que ela fodia com esse fedelho também, a putinha?

O mais estranho é que o menino nem sabia da nossa presença naquele prédio. Ele passara horas dando voltas no quarteirão até que, comunicando-se com a rede de amigos, encontrou a ingenuidade acolhedora da minha irmã.

Versos 210-229: Lobrigar a carne amada pela prima vez, / que quereis, foi um delírio: / a túnica aos pés, / a imóvel nudez e desvendada / e à venda a meus olhos como escrava. / Até dispenso o ritual da dança: / pede-me, criança, e será tua / a santa cabeça do Batista; / pede a mim Herodes, que não negarei — / tu a terás, tua será: / de cima de meus próprios ombros / mandarei cortá-la, e ah! / Quem sou eu, quem mesmo, / que já me esqueci? / Que faço aqui em mim, que tenho a ver comigo? / Não me sinto / nado: nem vivo nem morto, / Ulisses nem ninguém, / nem com nem sem, / conjunto nem vazio. / Não me sinto nem mim nem Mem.

Somente em sonho, não é mesmo Reynaldo, que a noiva seria sua antes do bom católico contrato? Discutimos, eu e os outros membros, sobre isso, há cerca de um mês, na Escola Reynaldiana de Vitória.

Enquanto isso, este circense Ulisses aqui enterrava as chagas de seu naufragado casamento em São Paulo.

A consciência agiu em favor do menino ameaçado, provocador do rebuliço em torno do Pardieiro. O primo havia me aplicado antes uma coisa que me deixara em estado de paz, e ele próprio dormitava serenamente. Eu o acordei na intuição de que a nossa comunicação já era especial, e na confiança de que ele teria total discernimento para lidar com a situação.

Ele escutou atentamente a história do menino.

Seu nome era Artúrio, e a mãe batia nele. Clássico. Típico. Banal.

Começou a cheirar cola e benzina com a molecada do skate muito cedo. Gostava de descer ali pela praça Roosevelt. Com oito anos já mandava uns flips de se admirar.

O pai era militar e falecera alguns anos antes em decorrência de um enfisema pulmonar. Fumava muito. Artúrio, que já herdara o vício do pai, também herdara um objeto que para ele era sagrado. Tratava-se de um canivete de caça transmitido de geração em geração, que já tinha matado muito porco e muito comunista.

- Esse canivete foi forjado pelo seu bisavô nos idos da Primeira Guerra. Ele viajou por toda a Europa com ele entalado no ânus para garantir a transmissão do objeto. Ela existe pra proteger nossas mulheres dos vagabundos. Se alguém mexer com uma das nossas, você vai saber o que fazer. Agora, se você virar um vagabundo, tu crava essa lâmina no próprio peito antes que eu mesmo volte pra comer sua alma e cuspir os carochos nos confins do inferno.

O menino guardava a arma branca com todo zelo. Tinha muita admiração pelo pai, um herói, na sua concepção.

Sua mãe, que já não batia tanto nele porque ele fazia cara feia e não derramava mais um pingo de lágrima, arrumara um puto de um padrasto por quem ele nutria a mais sincera ojeriza. Ele era calvo e tinha o nariz adunco. Mas o que mais irritava Artúrio em sua aparência era uma pinta grotesca que ele tinha no pescoço. Aquilo lhe despertava um asco tremendo. Ojeriza de alto escalão. Sua vontade era arrancá-la dali com os dentes, fazendo-o sangrar pela jugular lentamente até definhar, ou então enfiar uma garrafa de vidro quebrada no seu rabo, e atravessar tudo com o braço até alcançar a vilipendiada pinta.

O sujeito era mesmo odioso. Não trabalhava, bebia demais e caçoava do seu topete.

- Ô, alcinha de boquete, vem cá, alcinha de boquete.

Quando ele demorava no banho, o padrasto sempre batia inconvenientemente, berrando:

- Chega de bronha, moleque, vai dar câibra no braço.

De fato, ele desfrutava constantemente da reconfortante companhia da playboy da Kelly Key. Mas não interessa, aquele era o momento dele.

Numa dessas noites que nunca termina, Artúrio surpreendeu sua mãe numa discussão violenta com o padrasto. Abriu a porta do quarto.

- Cai fora! - Gritou o padrasto. Ele estava de cueca, a mãe pelada de bruços na cama. O padrasto aplicava golpes com o cotovelo sobre suas costas, enquanto ela cuspiu um dente quebrado.

Artúrio fechou calmamente a porta enquanto ouvia o padrasto chamar sua mãe de puta e ameaçar quebrar-lhe não mais um, ou dois, mas todos os dentes da cara. Com as palavras de seu pai ecoando em mente, empunhou seu objeto sagrado e entrou no quarto novamente.

- Seu pirralho de merda, isso não é brinquedo de criança.

Silêncio.

-Fala alguma coisa, porra. -

Artúrio sentiu uma leve vertigem. E avançou.

Mirou fixamente a pinta repugnante no pescoço. Tudo escureceu em volta dela. Seu corpo foi invadido por uma energia estranha. Aquele calombo o chamava. Suplicava-lhe a liberdade. Não hesitou. O resto é sangue, lágrimas. É gritaria, histeria. É borrão. Mais um pouco de sangue. Deixou a casa sem olhar pra trás.

Acontece que o padrasto também tinha um filho adolescente. Era conhecido como Russo, e vendia pó pra molecada na mesma praça Roosevelt que o menino frequentava. Soube logo do ocorrido, juntou a turma e deu no que deu no Pardieiro.

- Eu tenho um amigo que vai te ajudar. É irmão nosso, do Daime. - interveio o primo.

Enquanto o primo se retirava pra telefonar, fiquei a sós com o menino. Minha irmã já estava de bode. Para quebrar o gelo, lancei mão da única arma que eu manuseava com algum afínco.

- Gosta de ler?

- Gosto.

- Gosta de poesia?

- Gosto.

Havia uma cebola cortada ao meio em cima da mesa. Tomei-a à mão e continuei.

- Tem um poeta muito famoso, do Chile, que escreveu umas coisas de amor. Sabia que ele escreveu um poema para a cebola?

- Cebola?

- Cebola.

E recitei Ode à cebola, de Pablo Neruda, enquanto gesticulava feito um Hamlet com o bulbo à mão. O menino acompanhava com um misto de curiosidade e admiração.

O primo logo voltou com notícia. Acendi um cigarro.

- Conversei com o General Alende. Ele tem muita luz, sabe? Se prontificou a dirigir pra cá logo em breve.

Verso 274: A meia não pode ter nem um furo,

E assim impecável chegou o General. Duvido que houvesse furo naquela meia. O General Alende era uma figura um tanto assim quanto singular. Usava óculos escuros, mesmo sendo noite. Ostentava um robusto bigode branco e um tufo de barba que saía somente do, pasmem, pomo de adão.

Chegou com uma postura austera, sem cumprimentar ninguém. Respirou fundo três vezes e dirigiu-se ao primo.

- Vamos fazer um rapé.

O primo voltou da cozinha com uma sacolinha onde guardava o rapé. Tirou de cima da mesa um instrumento de madeira que lembrava um estilingue, mas era oco. Chamavam de tipi, um artefato indígena. O primo depositou uma quantidade no tipi e postou-se de pé em frente ao general. Este assentiu com a cabeça, ao que o primo postou o cilindro de madeira sobre a narina direita do general. E soprou. Ele tossiu um pouco. O primo ergueu as mãos e olhou para o céu. Depois de recomposto o general, o mesmo procedimento para a narina esquerda.

Confinados que estávamos ao silêncio orquestral conduzido pelo General, me coloquei a observar melhor a casa. Sobre uma mesa coberta de pano branco, velas e uma imagem da Virgem Maria. Distribuíam-se ali muitas pedras: safiras, ísis, uma belíssima turmalina negra, ametistas, lapis-azulis etc. Coisas místicas aos montes. Painéis coloridos com representações psicodélicas de Jesus Cristo, que ali lembrava um personagem de *Hair*. Imagens de arcanjos e entidades da Umbanda. Parecia umas daquelas venda esotéricas da Vila Rubim. E também tinha duas cadeiras. E também uma cozinha anexa simples. Senti-me impelido a tocar uma pedra bonita que me chamou a atenção.

- Toca não, primo. Vai desalinhar. Vai quebrar o equilíbrio energético.

- Entendi. - disse, como se tivesse entendido.

O General se voltou finalmente para o menino, que suava frio.

- Gosta de música?

- Gosto.

- Bota aquela, Sassá. - referindo-se ao primo.

A letra era fantástica, nunca me esqueço.

Ashtar Sheeran

Ashtar Sheeran

Radioastronomia

Esse é o portal

Pra sua missão

De imunização

Nova Babilônia

Cidade Dourada

As Altas Esferas

Do ADAM CADMON

Ashtar Sheeran

Queima a chama gêmea

Ashtar Sheeran

Ashtar Sheeran

- Agora nós vamos fazer uma limpeza. - sentenciou o General.

Versos 380-384: e à sombra óssea de um centauro / fazendo como estes versos de domingo; / à sombra óssea e sagitária: / híbrido esqueleto que na força se agita / em meu lugar.

É tudo um jogo da força. Meu rei centauro, pra não se enforcar, deve ser decifrado.

*

Sara me acusava de fugir da realidade. Mas quem há de me dar um bom motivo, nesse mundo, pra ficar à mercê do trivial? Que há nesta latrina para não fugir?

Prefiro muito mais confabular com meus desejos a repetir e repetir os traumas do real.

Versos 436-439: pagando em agnada carne, em carne amada, / nesse cordeiro morto ainda na primeira lâ, / meu desejo por tudo que me é cunhada, / minha paixão por tudo que me é irmã.

Serei eu este cordeiro? Ah, Reynaldo. Essa semana eu vou fazer o que precisa ser feito. Cléo não se opôs. Ao que tudo indica, ela já nutria por mim sentimentos extras, estrangeiros ao amor fraternal.

De volta à cerimônia do general Alende. No começo, o menino sentiu pavor. Seu corpo reagia mal, as pedras e objetos luminosos revolviam-se contra ele, turvando-lhe a visão. De repente viu a pinta do padrasto agigantada diante de si. Ela ganhava volume e gradualmente se transformava num imenso elefante, como o que havia visto com seu pai no zoológico certa vez. O elefante tinha os olhos azuis e trouxe-lhe paz.

Já eu, me vi como uma sapata, e eu comia o Yukio Mishima na cinta pau até ele aprender que o cu do imperador não era dele, conforme eu dizia. Depois vi a ex, bocejando. Era parecia mais nova. Eu arrancava sua blusinha da Escola Maria Ortiz e deleitava-me com seus biquinhos de cetim. Os biquinhos de cetim me trouxeram paz. Eu só a queria no papel, que é melhor que no motel, como sentenciou meu amigo Reynaldo, certa feita, em guardanapo manchado de óleo, em referência à moça da Xerox que, passando pela primeira vez no meu radar, aquecera em cores vivas o nosso happy hour na Rua da Lama. Como era mesmo o nome dela?

Terminada a sessão, era hora do treinamento. Com a envergadura de um Ali, o general ensinava golpes marciais ao menino. Para nosso espanto, ele repetia as lições com a disciplina de um monge budista. A transmissão das técnicas de combate era entremeada por sessões curtas de meditação.

Horas consumidas em suor e cinzas dos meus cigarros. A lua, quase a se recolher, e eu insone, acompanhando tudo, fascinado.

Depois de mal conseguir sustentar o peso do próprio corpo, o menino enfim perguntou:

- E agora, General?

Pronto para o seu destino, o menino estava ávido em sair à rua à procura de seu duelo.

- Agora, vai dormir.

Artúrio atingiu a compreensão de que só precisava descansar, e não pensou mais no duelo.

Por volta das seis horas, o primo sobe com o jornal. Os meninos que procuravam Artúrio foram detidos por tráfico e encaminhados para um centro de detenção, entre eles o Russo.

Depois de cobrir o menino, o General se voltou para mim. Lançou um olhar tão severo a ponto de me gelar os nervos. Meu coração queimava como fogo mas era frio como os anéis de Saturno.

- Agora, é sua vez.

Com os nervos enrijecidos, esperei, junto ao primo, pelo retorno do General. Fazia meia-hora que havia saído à rua. O dia já era claro como não eram meus pensamentos.

Ele sobe e vai ao quarto, retornando logo em seguida. Qual não foi meu espanto quando, diante de mim, ao lado do General, empertigava-se a loirinha do Pardieiro.

- Esta moça, alvo recente dos teus desfrutes carnavais, posto que em pensamento, está aqui, agora, sob minha responsabilidade. Você pode fazer o que quiser com ela. Mas vais ter que esperar até amanhã, porque já se anuncia a hora do crepúsculo, e nós precisamos descansar.

O resto é fuga, cagão que sou. Mas dessa vez não consegui.

Versos 444-446: *e, cercado de tempo por todos os lados, / leio e releio a carta anônima recebida, / com seu · no meio da folha*

Aqui acho que aqui ele quis me preservar. Mas assumo referência a um certo e-mail enviado por mim.

O leitor pode se perguntar como um poema de 1982 pode fazer referência a este jovem que vos escreve. É muito do simples. Como era o seu rosto, antes de seus pais nascerem? Pergunta um *koan* budista. Na altura atual dos eventos, me parece certo que Reynaldo tenha sonhado comigo muito antes de eu nascer. São coisas que talvez Jung possa explicar, de maneira empírica. Depois da estranheza dos eventos que se sucederam na casa do primo, meu ceticismo foi abalado. Não há porque desconsiderar a hipótese do anacronismo proposto.

Eu mesmo ando ciscando uns vaticínios.

No ano de 2021, será lançado o último romance, póstumo, de Reynaldo Santos Neves, intitulado *Na escada da BiUfes: drama de consciência*.

No ano de 2022, o romance *Kitty aos 22: divertimento* será filmado pelo cineasta Marcos Valério, e terá Bruna Marquezine no papel de Lu.

No ano de 2046, será inaugurado o Prêmio Reynaldo Santos Neves de Literatura, o Reynaldão, oferecido pela Secretaria de Cultura do Estado, e cujo primeiro vencedor será Juplin Jones, já mórbido de cirrose.

No ano de 2128, serão febre os bonecos de ação baseados nas personagens de *Crônicas de Malemort*, após o sucesso do seriado homônimo.

Verso 494: *Ó meus catarinautas,*

Referência aos reynaldianos. Que orgulho. Vou honrar tua sepultura, Reynaldo. Já mencionei a Escola? Nada mais natural que eu criasse um grupo de estudos dedicado à obra do ídolo. Sua obra merece. Reunião de semana passada foi um sucesso. Hellen Dolores, aquela catolicazinha sofrida, passou a fazer parte da nossa trupe.

Versos 503-504: a) Vejo na praia, nua na areia, / a moça de olho de amêndoa, / e montado sobre ela o meu fantasma, / donatário do seu corpo, e comendo-a.

Cléo tem olhos amendoados. Sempre disse isso.

E quem era a loirinha do Pardieiro? Isso mesmo. Eu não havia conseguido lhe deslumbrar as faces no quando ela dançava no salão. Talvez fosse o Dreher. Como não pude reconhecer as fulvas mechas e os doces pézinhos que eu mais amava no mundo acima de qualquer coisa? O peso de todos aqueles pensamentos espúrios a respeito de seu corpo desabou sobre mim como uma chuva de meteoros. Eu me sentia condenado como um molusco numa supernova.

*

Naquela tarde escura, quando acordei, na casa do primo, estava nu, e Cléo também. Os alvos seios eram hemisférios perfeitos, como dois quindins de Nova Almeida, e ainda ocultavam seu futuro desenvolvimento. Pude contemplar seu fresco púbis. Tão divinamente belo que era como se tivesse acabado de ser criado. Ela veio em minha direção. Meu corpo paralisou. Senti no pescoço e no membro os nervos rijos.

- Não se preocupe. Cléo faria tudo pelo seu irmão. -, disse, enquanto apoiava a angélica concha sobre meu ventre.

- Não consigo me mexer.

- Não precisa.

Minhas fibras nervosas estavam tomadas por estímulos de insondável natureza. Era capaz de sentir cada uma das cápsulas de endorfina que transbordavam pela minha corrente sanguínea. Quis gritar que me arrependia, que era errado.

- Não é errado. É amor puro. Amor literário. - disse Cléo, como se me lesse.

Nenhuma força da razão era capaz de dissuadi-la daquele gesto. Ela deixara de habitar a sala para habitar o meu próprio corpo, não havia espaço para preocupações externas. *Tinha que ser feito.*

- Não se preocupe. - ela repetia. As mãos escorregavam espontaneamente, e conduziam o *inevitável* ao *evidente*. Os olhos de um brilho fosco.

Não parecia que ia caber. Era grande demais. Duro demais pra sua modesta e verdoenga flor-de-lã. Mas quando me dei conta, eu já estava completamente dentro. Sem resistências ou danos, como um comboio de levitação magnética sobre um trilho movido a supercondutividade. O resto é respiração ofegante. Tentei pensar em outra coisa, em vão. Ela *me recebia* com toda a candura que há na Terra.

- Irmão. - pronunciou. Em seguida se curvou sobre mim e me beijou a boca. Sua língua miúda.

Fechei os olhos. Como um afogado na iminência da morte, vi lampejos em série de minha vida pregressa antes que o breu total tomasse conta de tudo. Exceto que os lampejos se limitavam às mulheres. Vi as irmãs Buscapé. Vi Sara. Carolina. Vi Alice e Reynaldo. Vi mamãe. “Vai, filho. Quero ver.”. Mas na frente de todo mundo, mamãe? “Mamãe quer ver, filho”. Eu habitava agora um ilustre salão que abrigava muitas figuras eminentes da capital. Sérgio e Fernando também figuravam por lá. Um lustre enorme que pendia sob o teto abobadado, pintado com ícones clássicos de Homero Massena. Vi o chão de um mármore frio e bem lustrado. Um mármore claro, de bege tom. Ali, ao rés de tudo, vislumbrei a figura de dois reis. Assombrado, pedi aos céus que eu fosse ao menos um deles. “Mas aqui, mamãe?”. Tomado de vergonha, sujei o salão ao olhar de todos.

Abri os olhos. Cléo se retirava ao banheiro. Aos poucos, retomei o controle do corpo, tonto de modos e pensamentos.

Versos 571-577: mortas a sabre e sepultadas sem os himens.) / Pesco-me as rimas num pobre copo de vinho, / enquanto espero o retorno dos pterodáctilos / que voaram sul pelo inverno, / ou do filial navio, com velas negras, / que me dê pretexto para o suicídio, / eu Egeu.

Sigo deitado. É dia? É noite?

Há dinossauros por todo o teto.

O que eles vão fazer comigo? Será que eles querem um pouco de leite? Eu não posso simplesmente entregar o meu leite pra eles. Eles me observam.

ELES ME OBSERVAM

Mas eu simplesmente não posso me furtar de retrucar o olhar. Eu busco encará-los, na tentativa vã de intimidá-los. Eu quero que eles saiam. Eu quero verdadeiramente que eles saiam.

Mas eles permanecem.

ELES PERMANECEM ALI

Parados, quase que inertes. Não se movem os malditos. Mas eu quero que eles partam.

Eu penso em contratar os serviços de um especialista, eu penso verdadeiramente na possibilidade. Alguém devidamente capaz de resolver o problema. Alguém dotado de capacidades especiais.

ESPECIAIS DEMAIS

Até pra mim.

Eles parecem se mover. Eu penso em fugir. Eu penso até em ter medo.

Eu tenho medo. Muito medo.

É o fim.

Há dinossauros por todo o teto.

Versos finais: Não me sinto nem Ego nem eu. / Nem Egeu. / Não me sinto nem morfo nem eu. / Nem Orfeu. / Este futuro é antigo: / ondas do mar de Vigo, / o mundo termina comigo — / e do poema não há de sobrar / verso / sobre / verso

Fiz o que tinha que fazer. Me resta ainda algum traço de culposa consciência diante das implicações morais do que se sucedeu. Mas a literatura é maior. A única função do homem no mundo é tornar-se literatura.

Umberto Eco passou cinco anos trancado numa biblioteca com livros sobre ocultismo para escrever *O Pêndulo de Foucault* e, terminado o processo, seus amigos tinham certeza de que ele estava à procura do Santo Graal. Reynaldo Santos Neves se transformou num stalker para escrever *Sueli: romance confesso*, o que certamente não condiz com o comportamento tímido e supereducado que aqueles que o conhecem podem conferir no autor. Raquel de Queiroz, a sobriedade em pessoa, foi muitas vezes encontrada atulhada entre as próprias coisas, inconsciente com uma garrafa vazia a tiracolo, quando escrevia um romance em que a protagonista era alcoólatra. Como o ator no método Stanislavski, o escritor faz seu laboratório e entra numa espécie de surto com o processo, seja ele dionisíaco ou apolíneo. Quando não, escreve para expiar certo estado de surto preexistente, como Dostoievski, que escreveu *O Jogador* para lidar com o vício na roleta.

A verdade é da ordem da ficção, uma vez que o sujeito só tem acesso a essa verdade pela via da linguagem, do significante. Essa verdade, que só pode aparecer nos interstícios do dizer, ocasionalmente irrompe, em um átimo, deflagrada pela angústia. Não que a criação deva estar circunstanciada à dor. Tento me distanciar da ideia que de que existe uma escolha entre qualidade de vida e originalidade. Só que o erudito é fatalmente um perdedor, como disse Umberto Eco. Sua mente se expande em latitudes do saber, enquanto o vencedor só chega “lá” colocando uma viseira sobre a testa e andando em linha reta. As distrações são muitas para um bom poeta (não é uma referência àquele verso clichê do Leminski). De fracasso em fracasso, a gente acaba gostando dele.

Literatura é uma espécie de tumor contra o tédio que, em metástase, consumiu meu corpo junto. O porão interior do artesão às vezes precisa ser bem sujo e desarrumado para que criaturas estranhas possam habitá-lo. Para que a lamparina da criação aponte pilhas interessantes de se vasculhar. Porque um porão vazio e perfumado pode perfeitamente se tornar uma sauna ou, pior, um abrigo antiaéreo contra bombas de algodão.

Que importa uma consciência limpa? Meu ego? Meu Eu? A única função do homem no mundo é tornar-se literatura. E também da mulher. E também da irmã.

CAPÍTULO ÚLTIMO

(Onde se fala da morte)

E. A criança católica de “A confissão”, que se converteu no adolescente existencialóide brigado com Deus de “Reino dos Medas”, cometeu suas paganices na Trilogia graciana e declarou a literatura como religião oficial da fictícia República da Fímbria nos contos de Mina Rakastan Sinua e Heródoto, IV, 196, parece ter atingido o ápice de sua guerra declarada contra o homem e seu suposto criador, o que está mais que evidenciado pela frase de Thoreau (“A Terra foi criada para habitantes mais nobres que homens, mulheres e crianças”) que encabeça a orelha do livro e é remontada também na narrativa. Pois em seu “Blue for mr. Name ou Deus está doente e quer morrer” (2018), Reynaldo Santos Neves ambiciona colocar Ele, Aquele Que É, o criador mais frustrado de que se tem notícia, O Criador em pessoa, a quarta pessoa do singular, “para dormir”, de uma vez por todas (para utilizar o elegante eufemismo empregado pelo autor). Isso porque sua protagonista, Kate Wishaw, jovem casta criada em uma espécie de Éden sem Adão, livre das perfídias da civilização, é aplicada desde criança nos estudos da veterinária, em especial a eutanásia animal, e terá como paciente final o dito cujo, que no fim somos todos nós, afinal a mortandade de Deus é também a mortandade de tudo que já existiu, e assim o livro leva a ideia de suicídio coletivo a dimensões absurdas.

Mas não pense que se trata de niilismo barato isto aqui. Valendo-se de vasta pesquisa no ramo das histórias do ciclo do Graal (em que se destacam as histórias de Percival) e das narrativas bíblicas, Reynaldo esculpe, no esmero do detalhe, uma gigantesca aventura de contornos surpreendentes, com uma diversidade de histórias e personagens de fazer inveja aos árabes, ambientada numa Terra gasta e distópica (nem tanto), em que a canonização de nomes como Jimi Hendrix, Amy Whinehouse e John Lennon são uma realidade no contexto religioso, Nova Iorque (agora New Apple, ou Neápolis) é oficialmente a capital do mundo e seitas pagãs como o Monoteísmo Teofóbico ganham massas e massas e fazem do catolicismo uma minoria esquecida. Assim, numa espécie de Waste Land às avessas, Reynaldo nos conta a fábula moderna de uma terra que adoece seu governante, porque o homem, lembra sempre o livro, é a pior das criaturas, tudo isso com incontáveis jogos verbais, intertextos, enumerações e repetições divertidíssimas, enfim, o primor de linguagem que estamos acostumados a ver no autor está afiadíssimo.

Se Deus está doente, Reynaldo também. Seu fôlego até impressiona, mas é latente o desgosto em relação a tudo que existe, e isso é impresso pelo autor na obra. O péssimo juízo que sempre fez do homem atinge seu limite. Só que enquanto o mundo não acaba de uma vez, ele não cessa criar outros, tão desoladores quanto, talvez, mas infinitamente mais interessantes. Sua última e definitiva obra, contudo, ainda virá.

1. Quando convidei Reynaldo para se apresentar a nós na Escola, não me surpreendi que ele nem tivesse respondido. Ao que me consta ele é hoje, mais do que nunca, um Pai de Ema. Não sai de casa nem pra ir ao supermercado. O pão, a mulher compra. Recusa convites de almoços, cafés, reuniões. Dois pra ele é multidão.

É lícito supor que ele esteja cansado, tamanha a falta de consideração que a humanidade em geral tem por sua obra, depois de tantos e tantos anos de largo esforço pela arte da palavra.

Diz que uma jornalista carioca escreveu que “*A longa história* é uma história longa demais”. Deve ser louca ou ignorante. Veja *A ceia dominicana*, também publicado por uma editora grande como a Bertrand Brasil. Como a crítica pode não se interessar pelo que alguém, e um alguém que seja, não precisa ser um gênio, mas pelo que alguém, quem quer que seja, então, tem a dizer sobre Petrónio? E a releitura de Reynaldo é soberba. Pra além das sacanagens, tem a linguagem. Uma reconstituição interessantíssima da linguagem latina, fruto de farta pesquisa.

Diante de tudo isso e mais um pouco, não me admira mesmo que ele transpire cansaço e frustração.

2. Acredito que já tenha comentado sobre a Escola Reynaldiana de Vitória, da qual fui membro honorário, fundador e presidente.

Em se tratando da importância que se atribui a Reynaldo, é espantoso que não tenha existido ainda um grupo de estudos sequer dedicado a obra do Grande Escritor Municipal. Nem na Universidade Federal, nem na Católica. Nem no Instituto Histórico, nem na Academia Espírito-santense de Letras, nem na Biblioteca Estadual. Coube, como afinal não poderia deixar de ser, a este jovem escritor em polvorosa ascensão a incumbência de criá-lo.

A primeira pessoa que eu convidei foi o Nelson, que também estudava a obra do ídolo. O Nelson, que um dia invejei. Mas ele também não poderia chegar tão longe como eu cheguei. Não que faltasse fôlego ou inteligência. Isso ele tinha de sobra, e não à toa um dia foi o vice-presidente. Faltava-lhe, sim, a coragem. O fogo que, das cinzas das minhas vísceras, fará renascer em ouro a fleuma do nosso lorde inglês de terceiro mundo.

Conquistado o interesse do Nelson, faltava, claro, um local. Por sugestão que soou pra ele acho que como de início uma brincadeira, nos dispusemos a celebrar a rocha fundamental da Escola no seio das matas de Manguinhos, as mesmas que abrigaram cenas memoráveis do romance *A ceia dominicana*. Para tanto, seria vital a contribuição do Ariel Salsa, autor de um estudo topográfico sobre a obra. Ele que inclusive havia crescido em Manguinhos, e conhecia aquela terra como ninguém. Com seu auxílio, fomos capazes de localizar, com alguma precisão, o local onde teriam acontecido os rituais de iniciação da seita de hermafroditas sagradas cunhada por Reynaldo.

A tal colina, citada no capítulo XI da *Ceia*, mostrava-se tal qual era: eminência abespinhada de árvores, um enxame delas, nenhuma das quais eu sabia o nome, seja o científico ou o vulgo. A trilha de Graciano, aos pés da colina, se punha logo aos pés. E por li ingressáveis estávamos no bem-assombrado bosque.

Desde então as reuniões foram um sucesso. Mas a próxima seria especial.

3. Na clareira da floresta, atrás do casebre abandonado, terceiro domingo do mês. Era essa a tradição. Todos descalços, pisando as folhas secas.

Muitas célebres reuniões realizamos ali. Pena que essa seria a última.

Ali agora estava Cléo. Cléo, a inicianda, no meio de nós. Chapéu de praia e vestido florido de verão. Chegamos cedo, e no caminho trocamos um latente silêncio. Eu ainda digeriria toda a sucessão fantástica de eventos que nos levava até ali, e ela mantinha seu habitual olhar soturno e distante, que agora era ainda mais soturno e distante. Bebemos um pouco das fontes claras de Manguinhos, e chupávamos um par de laranjas frescas enquanto os demais não chegavam.

Ao cabo de uma ou duas horas, todos os reynaldianos já tomavam seus lugares. Nelson, risonho debaixo do seu cavanhaque, se aprontava com a simpatia de sempre. Hellen, com seu ar afetado de praxe, rezava com seu rosário de madreperola. Ariel Salsa chegou por último, fumando um cigarro de palha.

Uma das regras fundamentais do grupo, porque afinal éramos doutos paladinos do nosso Percival, era a seguinte: pra entrar defende tese. Aquele dia era dia de expor o desenvolvimento de cada um. E assim o círculo logo se formou em torno de Cléo. Ao meu sinal, a coisa começou.

A TESE DE NELSON

Nelson se adianta dos demais, ajeita os óculos e diz: Me chamo Nelson Martinelli. Tive uma vida que não foi muito fácil não. Fui jardineiro, marceneiro e técnico de enfermagem antes de conseguir me formar em Letras. Devo muito aos incentivos de verdadeiros homens de letras como Paulo Sodrê, Júlio Caxumba e o próprio Reynaldo Santos Neves, tão solícito que foi comigo em minhas pesquisas sobre a sua obra. Ele me cedeu cartas, manuscritos originais, fotografias e objetos de memória pessoal com toda gentileza que há na Terra. Quando a gente conhece o Reynaldo, a gente percebe que ele é um cara que carrega uma culpa. Não sei se pode ter tido criação católica tradicional, por falta de autoestima, sei lá eu. Bem, não cabe a mim especular sobre isso aqui. O fato é que, como escritor, ele deve muito à tradição, aos autores clássicos, e em se tratando de ser ele o que é, não poderia ser diferente, mas isso também fatalmente o condena à autoflagelação por

comparação. Falo num sentido psíquico, obviamente. Por isso, desenvolvi a tese da “Auto-fricção em Reynaldo Santos Neves”. Isto é, uma demonstração de que muitas vezes em sua obra ele se esfola por dentro, pra tirar de toda a sua culpa um trabalho engenhoso de linguagem. Muitas vezes, inclusive, utiliza o recurso da autoironia, concebendo personagens inspirados em si mesmo que soam muitas vezes patéticos ou fatalmente frustrados.

A TESE DE HELLEN

Calou-se Nelson e a frágil Hellen toma a palavra: Me chamo Hellen Dolores. Olha, eu conheci o Reynaldo na Ufes, quando eu era estudante de direito, e ele editor de livros da Fundação. Sempre, sempre mesmo, ouvi de meus pais, e também de alguns vizinhos da Cidade Alta, falar muito bem da família Santos Neves. Doutor Guilherme, pai de Reynaldo, era um respeitado professor do Colégio do Carmo. Um homem distinto, culto e educado. Dona Marília, a mãe, uma grande devota de Nossa Senhora da Conceição, como eu mesma sempre fui. Desde a primeira vez que tive contato com os escritos do Reynaldo, tive certeza de enxergar ali um dom de Deus. Lembro até que contei pra papai isso. Acho que foi *A crônica de Malemort* o primeiro que eu li, não tenho certeza. Só sei que era tão bem escrito, e tantas sábias e oportunas passagens das Escrituras. Na ocasião, lembro que o presenteei com um rosário que eu mesma fiz, com caroços de açaí. Ele recebeu muito gentilmente o presente, e partir daí sempre acompanhei seus lançamentos e palestras, quando podia. E agora Reynaldo diz que é ateu, ou agnóstico, ou sei lá o quê. Eu me nego a aceitar isso. Tenho certeza de que é alguma brincadeira de escritor. Um rapaz tão bem criado, que passou pelos primeiros sacramentos, tem um conhecimento tão interessante da Bíblia, como que não vai ser um temente a Deus? Por isso eu me envolvi em provar, por meio da minha tese, que na verdade ele nunca abandonou de ser católico. Com base nos diários de Thomas Mann, que fingia ser homem-sexual nos livros mas sempre levou uma vida reta e limpa com a família, e chegou inclusive a ter seis filhos, desenvolvi a teoria do católico-literário, consciente que sou de que a alma do nosso grande escritor está mais que reservada pra passar a eternidade dos braços do único criador que está acima dele. Isso tudo é coisa de escritor.

A TESE DE ARIEL

Calou-se Hellen. Ariel, um tipo alto e esguio de olhos azuis, toma a frente e também a palavra: Chamo-me Ariel Salsa. Cresci aqui em Manguinhos. Catava tatuí na orla e já perdi a conta de quantas puxadas de mastro eu já vi. Cresci ao som do Congo. Conheço cada pedaço de chão dessa terra mágica aqui. E isso eu posso mesmo afirmar: essa terra *é* mágica. Por isso a minha tese não poderia ser diferente. Chama-se “A topoanálise na Ceia Dominicana”, onde exploro o *locus amoenus* que isso aqui é como potência de personagem no romance do nosso Reynaldo. Sim, pois na minha opinião Graciano divide o protagonismo da história com o próprio balneário de Manguinhos, com todos os seus pescadores e pousadas e bandas de congo, que em função de suas particularidades históricas e geográficas vai ser chave pra várias situações no romance.

Depois eu mesmo tomei a palavra, e contei, de um jeito ou de outro, tudo que o leitor conhece até aqui, com exceção de uma coisa, uma coisa primordial, que caberia a Cléo expor. Ela ainda postava-se lá, a determinação tingindo o cândido olhar de um brilho sem igual, depois de escutar com atenção a exposição de todas as teses. Também tinha chamado Fernando, mas ele disse que era coisa de bicha (de novo isso).

Depois da minha história, uma salva de puxas vidas e brilhantes e bravos. Logo tomei a palavra outra vez. Eu ocupava a posição de oficiante.

Primeiro, nosso lema:

OFICIANTE

Disse o herdeiro de Percival

Que a terra não gera

porque o Rei está doente

Porque o homem está doente

Porque sua consciência está atormentada

lesada e danificada

CORO DOS REYNALDIANOS

somos tantos e não somos bons

OFICIANTE

Consciência fragmentada

em partículas de lama

Só o olhar crítico é antitético

Ao automatismo sintético

CORO DE REYNALDIANOS:

se não somos escritores não somos ninguém

OFICIANTE

Somos tristes cavaleiros

Solitários e andantes

Com espírito ronronante

Das ruínas da poesia, amantes

CORO DE REYNALDIANOS:

e a terra é que se dane.

Cléo repetiu o coro com precisão, pra orgulho meu. Na condição de rainha-mãe, me aproximei da jovem inicianda e, tomando uma mecha de seus cabelos entre as lâminas da tesoura oficial, completei o gesto que continuava o rito de aceitação.

A nova discípula estampava no cenho a convicção que esperávamos. A tese de Cléo, como já se verificou, era levar às últimas consequências a teoria do incesto. Eu estava um

tanto quanto nervoso, mas não hesitamos em contar o que fosse necessário.

As reações foram cataclísmicas. Disseram-se enojados os meus colegas. Ariel sumiu no mato, gritando impropérios. Nelson ficou violento. Ele andava malhando, e debaixo do seu cavanhaque quis partir pra cima. E Hellen, pobre Hellen, entrou num estado de choque tal que teve um desmaio, o que serviu pra desviar a atenção de Nelson para seu cuidado.

4. De uma página hoje perdida da internet:

[...]foi que, mesmo após ter publicado dois romances por uma grande editora nacional (Bertrand Brasil) e vê-los distribuídos em livrarias de todo o Brasil, a resposta de crítica (no caso, resenhas jornalísticas) e de público foi insatisfatória. Sinto-me muito infeliz [...] A falta de leitores é conjuntural num país falido educacional e culturalmente. [...]

[...]traduzindo do francês, por exemplo, sofria do texto-fonte interferências que o levavam a incorporar à sua tradução as mais estranhas e até ridículas soluções (do tipo que, por incrível que pareça, ainda hoje vemos em legendas de filmes exibidos, por exemplo, na Netflix)[...]

[...]moderna, com raras exceções, não me atrai: o culto ao herói (ou anti-herói, no caso apenas o outro lado da mesma moeda) está enraizado no cérebro americano, junto com uma bola de beisebol, e não é à toa que a palavra carinhosa do pai americano para o filho seja campeão. É por esse mesmo viés que avalio aquelas obras de ficção politicamente engajadas, em geral de abordagem maniqueísta, nas quais o autor toma óbvio partido por alguns personagens em detrimento de outros. A coisa torna-se praticamente alegórica, de um lado as figuras do Bem, de outro lado as do Mal. Acresce que, preocupado com defender teses e causas, quaisquer que sejam, políticas ou não, o autor engajado costuma negligenciar o tratamento da linguagem. [...] Carlinhos Oliveira conhecia o ser humano essencial, cada qual com sua parcela de médico e de monstro, o que, em conjunto, lhe permitiu criar personagens redondos e não estereotipados como a maioria dos colegas que trataram do assunto.

[...] sobre sucesso de Jorge Amado, de que só li o romance (aliás piegas, outra coisa que me incomoda em literatura) Capitães de areia, não foi Gide que disse que a verdade nunca está com a maioria? E não estamos assistindo hoje à invasão dos mega-sellers, que dominam o mercado e infantilizam e até lobotomizam os leitores do mundo inteiro com obras, em sua esmagadora maioria, que sempre contam (e mal) a mesma história? Para finalizar, peço licença para citar o que, por coincidência, muito a propósito, Oscar Gama Filho disse recentemente sobre mim nesse [...]

[...] em resposta: “Johnson observa que nenhum escritor gosta de dever algo a seus contemporâneos; Hawthorne ignorou-os até onde lhe foi possível. Talvez tenha feito bem; talvez nossos contemporâneos se pareçam – sempre – demais a nós mesmos, e quem esteja em busca de novidades as encontrará com mais facilidade nos antigos. Hawthorne, segundo seus biógrafos, não leu De Quincey, não leu Keats, não leu Victor Hugo – que tampouco leram uns aos outros.” Creio que uma das frases do trecho citado, levemente editada, serviria para definir a minha posição: “talvez meus contemporâneos sejam diferentes demais de mim mesmo”. [...] singular, com sua fleuma britânica e sua ironia francesa ele tem uma certa dificuldade para se reconhecer nos adeptos tropicalistas da busca do coqueiro perdido [...]

[...] Vocês devem se perguntar se o que leem, escutam e veem é realmente o que gostariam de ler, ouvir e assistir, ou se não foi escolhido pra você por um mediador cultural ditado por leis de mercado.

[...] Escolha entre escrever uma obra idiota que possa ser um best-seller e escrever uma obra de qualidade que o torne um grande escritor municipal.

5. Voltamos tranquilos de Manguinhos, pros braços de Vila Velha. Debaixo do seu chapéu de praia cor de marfim, trajando um vestido leve de pano rosa-bebê, Cléo atravessa a avenida Champagnat. Os pés descalços pisam com segurança o asfalto morno. As duas pistas estão tomadas de veículos impacientes. No meio da faixa de pedestres, ela deixar escapar entre os dedos o cigarro de filtro branco que estava prestes a acender. O isqueiro Bic da cor azul-de-geladeira ocupava sua mão direita, e uma velha enciclopédia encouraçada ela retinha entre o braço esquerdo e o dorso. O amarelo do semáforo indica que o sinal está para abrir, como acontece em qualquer lugar do mundo. Ela então chuta o cigarro em direção à calçada, eliminando a necessidade de interromper o passo. Já em segurança, ela se agacha com leveza e recupera o cigarro que aterrissara na valeta. E assim, depois de um sopro mágico, leva o palito outra vez à boca. Porque assim dizia a tradição: qualquer coisa que vai ao chão pode ainda apresentar condições de consumo quando resgatada, desde que se respeite a regra dos três segundos.

A cena que acabo de descrever pode que parece banal. Exceto que não é. Porque Cléo poderia ter se agachado no meio da faixa para pegar o cigarro com as mãos, correndo o risco de ser atropelada, sem nem mesmo ter notado o sinal amarelo. Ou ainda poderia ter escolhido renunciar àquele cigarro, priorizando a segurança em detrimento de uma solução ideal. A cena mostra que seus reflexos estão aguçados, que sua leitura é dinâmica, que seu estado mental é correto. Sua prontidão age nos conformes quando convocada. Cléo amadurece mais e mais. Irá se tornar uma ativa mulher.

Na travessia da Terceira Ponte, postados sobre a janela do ônibus, tentamos outra vez contar quantas janelas tem no Convento da Penha. Não conseguimos.

EPÍLOGO

Busquei com toda força, mas não consegui mais detalhes sobre o novo romance. Reynaldo me ignora, sua esposa desliga o telefone. A escola está extinta, os amigos me abandonaram. Não sobrou mais nada. E o que será que tem nesse novo e último e derradeiro romance afinal? Será que tem memórias de infância? Tem agruras de adolescente? Será que tem um grande escritor municipal e também um jovem escritor em polvorosa ascensão? Um evento literário? Uma despedida apressada na escada de uma biblioteca? Uma viagem povoada de mistérios? Uma seita nas matas? E uma irmã? Tem uma irmã, sabemos que tem uma irmã.

Reynaldo está doente e quer morrer. Mas como se mata um Deus? Não dá, são imortais. Então primeiro teríamos que torná-lo mortal. O que eu poderia fazer? Qual a fórmula mágica da mortandade? Buscar sua intimidade, dotando-o de carne e ossos? Fazer falsas interpretações sobre seus poemas? Talvez eu possa escrever um romance que finge ser uma pesquisa sobre um ídolo literário. O personagem principal pode ser um jovem lunático obcecado por um pobre escritor setentão ignorado pelo grande público. Junto uma irmã que, um pouco deslocada do mundo, aparece como alguém que ele acredita ser o objeto de inspiração do tal autor para um suposto romance derradeiro. E o outro personagem seria o próprio escritor setentão que, na sua boa vontade, entra na mira de fogo do seu admirador lunático. E então eu posso tratar as páginas manuscritas e digitadas com excesso de zelo e depois me permitir o desasseio ante ao sudário texto. Derramar, inadvertidamente, café, vinho, farelos de bolo e toda sorte de reminiscências da fome sobre o jazigo de papel.

Minha hora se aproxima. Meu ídolo já está morto sim. Isso é tudo. Você ainda poderá se perguntar, ao cabo e ao largo de tamanha epopeia: qual o meu nome, afinal? Você que agora me tem nas mãos, assombrado ou extasiado, afundado sobre a poltrona do chalé, enquanto aprecia um patricio expresso sereno, ou apertado entre os passageiros do ônibus, enquanto aprecia um café plebeu de terminal, a você eu digo e a mais ninguém: acalme-se, peça silêncio e me abraçe. E a pergunta reaparece: que nome se dá a esse que me conta? A quem me referir quando perguntarem: quem você está lendo? E em resposta eu vos digo: não preciso de nome. Não preciso de nome porque chamo-me Eu. Sou a primeira e a última pessoa do singular. Não preciso de nome porque a minha história nasce e morre no sacrifício.

Sigo, assim, cada falso em agonia, catacumba em meus porões, e aqui jaz o rei.

Dizem por aí que você não morreu. Mas como você não morreu, se eu te matei?

POSFÁCIO: MEMORIAL DE PESQUISA

1. ANTES

Tudo começou com um projeto de pesquisa no formato tradicional mesmo. Minha intenção era me debruçar sobre a novela *A Confissão* (1999), de Reinaldo Santos Neves, que se inspira na infância do autor, e traçar paralelo com o *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce.

Em seu “conto católico” intitulado *A confissão* (1999), Reinaldo enveredou pelos labirintos da memória. Biograficamente falando, é de conhecimento público que o autor nasceu no Parque Moscoso, no Centro de Vitória, e ali passou sua infância. Neste livro, o autor se coloca como personagem em uma história sobre formação: um menino de criação católica que desenvolve uma consciência culposa em relação às traquinagens que apronta com seu amigo André.

Partia da hipótese geral de que o uso de orações coordenadas na novela aparece como contrapartida estética da linguagem do imaginário infantil, como acontece na primeira parte (também dedicada à infância) do *Portrait* de Joyce. No caso de Reinaldo, este imaginário é povoado de referências populares de uma típica infância globalizada do pós-guerra: soldadinhos de chumbo, quadrinhos de *Ringo Kid*, o filme *Gilda*. Mas também pessoal: O antigo Colégio do Carmo, o pai (Gulherme Santos Neves) que fora professor no mesmo colégio e as imediações do Parque Moscoso onde cresceu. Em resumo, cenas de uma Vitória provinciana, de uma sociedade sabidamente calcada em uma ética cristã.

O texto de Joyce também seria um “romance de formação” com ambientação católica que funciona como “autoficção”, conceito este proposto por Serge Doubrovsky em *Fils* (1977) e já desenvolvido na obra de Reinaldo por Nelson Martinelli Filho (2012), uma vez que o Stephen Dedalus de Joyce é facilmente identificado como um alter ego do autor, que também teve uma criação católica em Dublin.

Mesmo que o tom de Reinaldo seja mais jocoso e o tom de Joyce mais penitente, uma primeira aproximação já se fazia possível, como eu disse, no uso da oração coordenada. Sobre isto, Bernardina (1992) confirma que

A linguagem [de *O retrato do artista quando jovem*] que sugere esta

evolução parte, no primeiro capítulo, da sintaxe mais elementar de orações coordenadas e quase ausência total de subordinadas, de acordo com o mecanismo mental infantil de justaposição, a uma elaboração mais refinada, no último capítulo, do artista que dialeticamente expõe a um colega sobre sua teoria estética (op. cit., p. 11)

De fato, frases como “a vaquinha-mu que vinha andando pela estrada encontrou um garotinho 'engrachadinho' chamado Bebê tico-taco.” (JOYCE, 1992, p. 17) poderiam ter sido tiradas de um livro infantil, se analisadas separadamente da proposta do romance. Joyce emprega esse tipo de construção “pobre” como contrapartida estética de uma subjetividade infantil em formação. Trata-se de um exemplo do que ficou conhecido como *Künstlerroman* (novela de artista), como é também o caso do *Demian* de Herman Hesse ou do *Doktor Faustus* de Thomas Mann.

No caso de Reinaldo, não há formação artística, *per se*, na narrativa, mas lá já enxergamos o jovem escritor que se tornou o protagonista de *Sueli: romance confesso* (1989). Reinaldo não envereda pela filosofia católica como Joyce. Se no *Portrait* há um decano que corrige citações em latim de Tomás de Aquino, no “conto católico” há um padre que foi assistir *Gilda* no cinema.

Ainda com *A confissão*, pretendia explorar a promessa de sentido que o título sugere em relação à prática católica da confissão desfigurada pela ironia de Reinaldo, usando caminhos pouco conhecidos para o conceito de “alegoria”, como no ensaio de Craig Owens (2012) em que o autor defende que

Investigar as origens da atitude moderna sobre a alegoria também poderia parecer 'estúpido e frívolo' se não fosse pelo fato de que um inconfundível impulso alegórico tenha começado a se reafirmar em vários aspectos da cultura contemporânea: no *revival* de Benjamin, por exemplo, ou no *The Anxiety of Influence*, de Harold Bloom (OWENS, 2004, p. 114)

Neste sentido, pretendia localizar a prosa de *A confissão* como recurso alegórico que atualiza questões da ética católica, contribui para esta linguagem do imaginário infantil como Joyce também fez, e ironiza a vida provinciana de uma Vitória invadida pela indústria cultural norte-americana.

No decurso da pesquisa, me aprofundei em outras obras de Reinaldo. Ao reler obras

como *Reino dos Medas* (1971), que trata da adolescência, e *As mãos no fogo: romance graciano* (1983), que trata das peripécias sensuais de um poeta (algo que inspirado no autor) que está prestes a se casar, enxerguei uma espécie de linha do tempo, que tangencia a evolução cronológica de autor-personagem à sua distanciamento do catolicismo, num percurso que partia da criança católica de *A confissão*; que se converteu no adolescente existencialóide brigado com Deus de *Reino dos Medas*; daí cometeu suas paganices na *Trilogia graciana*; declarou a literatura como religião oficial da fictícia República da Fimbria nos contos de *Mina Rakastan Sinua* e *Heródoto, IV, 196*; e parece ter atingido o ápice de sua guerra declarada contra Deus e o Homem em *Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer* (2018), onde ambiciona “colocar Deus pra dormir” através da protagonista Kate. Importante esclarecer: essa suposta linha cronológica de autor-personagem não se relaciona diretamente a cronologia das publicações de Reinaldo, haja visto que *A confissão*, por exemplo, foi publicada depois de *Reino dos Medas* e *As mãos no fogo: romance graciano*.

Como ficcionista que também sou – autor de *Bichos que habitam as frestas* (2017), figurava já nos meus planos aproveitar a pesquisa de mestrado para a elaboração de um possível romance inspirado na figura de Reinaldo Santos Neves. Quando Wilberth Salgueiro, orientador, me abriu essa possibilidade já como produto da dissertação, a coisa começou a tomar o prumo que tomou.

2. DEPOIS

Este trabalho que ora se apresenta é, em certa medida, uma tentativa de levar o problema da “escrita de si” em Reinaldo às últimas consequências. Isto é, se propõe abrir uma fronteira temática/discursiva/teórica entre o romance, a biografia e o ensaísmo acadêmico, como produto da pesquisa de dissertação. Uma ficção em que o autor aparece como personagem. Um romance que se propõe biografia e estudo da obra de Reinaldo Santos Neves, ou Reynaldo Santos Neves, com y, um suposto autor que eu poderia ter inventado, à maneira do próprio autor em *Sueli: romance confesso* (1989), onde realiza a troca, gráfica mas não fonética, dos nomes do par protagonista: Suely e Reinaldo se tornam Sueli e Reynaldo.

Aqui há um romance em que cada capítulo se apresenta como recorte cronológico (infância, adolescência etc.) em diálogo com a linguagem desenvolvida pelo autor em uma obra que represente o período tomado como mote, mas acaba se perdendo no desvios neuróticos do narrador, à maneira de Charles Kinbote em *Pale fire*, de Vladimir Nabokov.

Faz-se importante ressaltar: todo meu esforço vai também no sentido de que o conhecimento da obra de Reinaldo não é pré-requisito para a leitura do romance. Para todos os efeitos, o autor-personagem Reynaldo é um autor imaginário inventado por mim.

2.1 A LINGUAGEM

Assim, cada capítulo se pretende um diálogo, ou um “pastiche”, com determinada obra do autor que marca o período da vida marcado pelo capítulo. De alguma maneira, me inspirei nos próprios procedimentos do autor, guardadas as proporções, que tem sempre um trabalho de pesquisa de linguagem de excelência reconhecida.

Em depoimento recente, Reinaldo Santos Neves afirma que seu voto com a literatura é o do artesão. “O artesão que escreve. O artesão que cria. O artesão que não pensa sobre o ato de escrever nem sobre o processo de criação. Apenas escreve e cria.” (NEVES, 2003). Talvez o autor capixaba não “pense” o durante, mas certamente o antes e o depois. Nelson Martinelli Filho (2012) confirma que “Falar da obra de Reinaldo Santos Neves quase sempre suscita adjetivos que valorizem o seu trabalho com a linguagem” (MARTINELLI FILHO, 2012, p. 10). É esse aspecto de criador a serviço da linguagem que nos permite falar em “um escritor em cada livro”: “Longe de acomodar-se a um inalterável estilo pessoal, Reinaldo prefere

surpreender o leitor com a multiplicidade de escrituras” (VAZZOLER e SANT'ANNA, 2001, p. 19). No meu caso, “um escritor em cada capítulo”.

Em seus livros, portanto, há sempre uma proposta de linguagem específica daquele projeto. Em entrevista ao jornal *Rascunho* (2018), está dito:

A linguagem narrativa vai se esboçando desde os primeiros rascunhos, e vai aos poucos polindo-se a si própria, inclusive com ajuda do inconsciente. Esse processo se estende até à boneca do livro. Depois de impresso, numa releitura, e tarde demais, sempre descubro inúmeras possibilidades de aperfeiçoamento. Já se disse que meus romances são romances de linguagem. Cada projeto tem uma opção de linguagem própria, ou seja, cada um é escrito numa língua literária diferente. Essa escolha pode ser determinada de antemão, como usar linguagem arcaizante num romance ambientado na Idade Média, ou à medida que começa o trabalho de redação, como se esperando o peixe para fisgá-lo (NEVES, 2018a, p.1)

Se, como disse García Márquez, um escritor está a escrever sempre o mesmo livro, o de Reinaldo, como o de Borges, deve ser algum tipo de palimpsesto, que acumula em múltiplas vozes a incessante busca pela linguagem.

2.1.1 Reino dos Medas

Reino dos Medas (1971) é a estreia literária de Reinaldo. Romance angustioso, gira em torno de um grupo de amigos desencantados da vida e de suas madrugadas movidas a álcool, sexo, cigarros e jazz.

No compasso do jazz e no seu conjunto de referências teológicas e mitológicas, o romance se faz barroco, o que é muito bem representado pelos opostos complementares que se fazem entre Lauro (do latim *Laurus*, o triunfo sobre a vida) e Théo (do grego *Théos*, significa Deus), o que já revela, ainda que sutilmente, a estreita relação com os clássicos e com a tradição literária que Reinaldo vai construir em toda sua obra. Enquanto Lauro busca respaldo nos braços de Tânatos, e atravessa o rio da vida com a certeza de que a morte é a única porta que se abre à mediocridade, Théo busca o berço do amor nos braços de Ana, “tão diferente das outras mulheres” (p. 55), signo de pureza, a ponto do mundo não merecê-la, rendendo-se à Eros, figura infante, segurando seus seios por largos comprimentos de tempo,

fazendo amor de forma tácita e catártica, na noite da morte de Lauro.

Porque não só o jazz é elemento diegético do romance, sendo seu pano fundo, como dita a estrutura de sua linguagem. Seu esqueleto é como uma partitura de Jazz, literária. O ritmo quebrado garantido pelos muitos apostos e vírgulas é como o baixo melancólico de Charles Mingus. As repetições dissonantes e as aliteraões também apontam como recursos poéticos que dão uma sonoridade jazzística ao romance, além da sinestesia e as constantes expressões indicativas de incerteza (“talvez”, “eu acho”, “não sei”), que reforçam o caminho incerto de um improviso de sax. Além disso, não há, em muitos momentos, travessões ou aspas para distinguir os diálogos das descrições de cena, o que representa mais uma ruptura da estrutura clássica do romance, como o jazz em relação à música.

Tal obra serviu de inspiração e fonte maior para a escritura do meu capítulo dedicado à adolescência.

2.1.2 A crônica de Malemort e A folha de hera

O romance *A crônica de Malemort* (1978) é inspirado em *O eleito*, de Thomas Mann. A narrativa, que acontece na França entre os anos de 1347 e 1356, é escrita em símile deveras rigoroso do português arcaico, fruto de extensa pesquisa bibliográfica. Na década de 1990, Reinaldo começou a trabalhar numa tradução do texto para o inglês arcaico e, no longo processo de retradução para o português, surgiu a trilogia *Folha de hera: romance bilíngue* (2010), em três volumes. Nesse processo de retradução, o autor se valeu largamente do artifício das falsas atribuições, numa espécie de “extensão” borgeana, culminando num extenso romance de mais de mil páginas. Quem assina o manuscrito, dito apócrifo, é um certo Alan Dorsey Stevenson, anagrama de Reynaldo Santos Neves, que assina (com y mesmo) como tradutor para o português.

O jogo de falsas atribuições, que incluiu falsos manuscritos, traduções e pseudotraduções, é também inspiração para construção da relação entre autor e objeto no meu trabalho.

2.1.3 Trilogia graciana

O romance *As mãos no fogo: romance graciano* (1983), de ambientação contemporânea, resgata o picaresco e tem como protagonista uma espécie de cavaleiro atrapalhado do século XX, de “natureza grãmente ardente” (p. 17). O poeta de nome Graciano Vaz Daemon, 27, vive desventuras sensuais em Vitória, 1979, não se aguentando de vontade de consumir com a virgem noiva Alice, “pra desgosto de Vênus”. Aqui Reinaldo constrói sua linguagem em analogia paródica com os autos e cantigas medievais, algo que se evidencia, desde o início, pelo tom de pretensa moralidade, pelos períodos curtos e simples, pelo advento de vocábulos arcaicos como “querença” (p. 9), “meitempo” (p. 9), “tão-sós” (p. 9), “cunhã” (p. 14), “toutinegros” (p. 17); pelas escolhas sintáticas inusitadas como em “no que onde iam morar” (p. 9), “assim que quando casados” (p. 9), “pode que parece até” (p. 10) e “em casa de” (p.10); ou vocábulos que fazem referência ao imaginário medieval como em “camisa sudária” (p. 12) e em “paredes verdejadas de hera” (p. 13); pela escolha culta do pronome “vos”, como em “querer-vos” (p. 11); dentre outras peripécias anacrônicas de sintaxe. A ironia se torna muitas vezes verificada pela invenção lexical, o que configura uma espécie de “neologismo anacrônico”. Há também ricos jogos de palavras que marcam o furor artesão do autor: “Natureza grãmente ardente” (p. 17), “outras apenas numas beijações, nuns manusseios” (p. 18), “Bárbara, cunhada e desejada” (p. 18), “No porte ela tinha senhorias” (p. 19). Sobre essa construção da linguagem, o autor entregue as fontes em pós-escrito, pelos menos aquelas que podem ser deduzidas. No tocante à linguagem, afirma, muito lhe valeram obras como, por exemplo, os livros de Antonio Sánchez Romeralo (*El villancico – Estudios sobre la lírica popular en los siglos XV y XVI*), Eugenio Asensio (*Poética y realidad en el cancionero peninsular de la edad media*) e José Pérez Vidal (*Endechas populares en trístofos monorrimos – siglos XV-XVI*) e também a coletânea *Poesia gallega medioeval* (Buenos Aires, 1941). Além disso, o autor incorpora imagens de *The waste Land*, de T.S. Elliot, bem como assume a influência dos romances do autor inglês Richard Hughes.

Em *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008), onde se inspira no *Satyricon* de Petrônio para mais um resgate anacrônico, dessa vez em relação à linguagem das sátiras menipeias incorporadas pelo autor romano na sua obra-prima. Há outros diálogos intertextuais como Horácio, Ovídio e Apuleio. A própria costura dos diálogos à narrativa se vale de recursos empregados pelos autores latinos, como a ausência de aspas, travessões e parágrafos. Em prefácio, o autor também revela algumas fontes dessa pesquisa linguística. A narrativa acontece em Manguinhos na década de 1970, e também inclui pesquisa de fontes distintas do

folclore capixaba que influenciaram o tom fabuloso da sátira encenada no balneário do município da Serra.

O *Poema graciano* (1982), que dá início à trilogia, é atribuído a Graciano e é frequentemente citado nos dois romances em que esse personagem aparece como protagonista. Constitui-se, o poema, de 632 versos que fazem paráfrase a *The waste land*, de T.S. Elliot. Há também referências mitológicas, em especial da greco-romana e do romanceiro medieval português.

A *Trilogia graciana* serviu de inspiração e fonte maior para a escritura do meu capítulo dedicado à vida adulta.

2.1.4 As musas: Sueli e Muito Soneto por nada

Sueli: romance confesso (1989), é eminentemente metalinguístico. O autor se coloca como personagem do seu suposto interesse amoroso pela jornalista Sueli Lievori. Pessoas e lugares da vida real se misturam à ficção, enquanto o autor fala sobre a própria criação do romance ao longo do livro.

Outro caso contundente desse caráter de multiplicidade linguística do autor está em *Muito soneto por nada* (1998), romance em forma de sonetos ingleses (que cisca um pouco na influência de *Pale fire*, de Vladimir Nabokov). Cada “capítulo” joga consciente com a métrica rígida do decassílabo inglês, e a escritura, que mistura linguagem erudita com elementos da cultura *pop*, narra o arco da fascinação, a tentativa (frustrada) de consumação e enfim o descarte de um engate amoroso de um trovador contemporâneo em relação a uma moça que trabalha na xerox da universidade.

O romance *Sueli: romance confesso*, possui larga influência sobre a proposta geral do trabalho. Pois, à maneira de Reinaldo com Sueli, também me aproprio da sua figura e me inspiro em cenas que da minha relação com o autor vivi para criar uma experiência metalinguística em forma de romance.

2.1.5 Kitty aos 22

Nem só de tradições arcaicas se debruçou o autor. Em *Kitty aos 22: divertimento* (2006), Reinaldo elege a linguagem dos blogs e da internet como forma de habitar a cultura jovem do início do século XXI.

No romance, Maria Catarina Leme, conhecida pela galera como *Kitty*, é uma típica patricinha da Praia do Canto, que estuda Comunicação Social na "facul" particular católica, ganhou um possante Audi A3 de Daddy e frequenta baladas, praias e shoppings em Vitória, ou melhor Mictória. Seu universo de interesse se restringe especialmente à moda e ao rock americano, e consome à exaustão blogs e fotologs do tipo que se verificava aos montes no início dos anos 2000.

Para depurar a linguagem da obra, Reinaldo usou a própria internet como fonte de pesquisa, consultando blogs e sites que lhe deram as gírias e as palavras chulas que alimentam seu universo narrativo.

Sim, o mesmo autor que já escreveu frases como “é crespo teu cabelo, é crespo e tíope, / e urdido em trança xucra e abissínia” (*Muito soneto por nada*), também escreveu, na voz de Kitty, coisas como “Moh prova de amizade entre 2 mulheres é uma deixar o kminho livre pra outra conkistar o gato q tb ker.” (p. 32). Vocábulos como “humildar”, “aleivoso” e “fornízio” (*Crônica de Malemort*) dão lugar aqui a outros como “rox”, “zoeira” e “caralho”, que se repetem aos montes no livro. Não se fala dos discos antológicos de Charlie Parker ou Art Pepper (*Três graus a leste, dois graus a oeste*), mas sim das músicas do Audioslave, Aerosmith, Guns n' Roses, Linkin Park, em trechos diversos.

Para além do uso criativo do internetês e dos intertextos, tem também a questão da metalinguagem, que garante o divertimento literário, a meu ver. A instância narrativa estabelecendo um movimento de entra e sai. O narrador é algo zombeteiro, mas sutil. Quando Kitty não entende uma piada, ele narra assim: “Kitty achou que devia rir, e riu” (p. 213). Quando Bruno pede que ela dê o nome de um diretor que gosta: “Steven Spielberg – e sabe o nome de outro?” (p.175). Essa intrépida voz, ou “autor onisciente intruso”, como já se disse por aí, ainda por cima dá uma de consciência, fazendo perguntas retóricas à personagem que terminam com um “não é mesmo, Kitty?”, numa espécie de falsa complacência. “E ainda se vende barato, a piranha, né, Kitty?” (p. 26).

Desse furor zombeteiro também em proveitei para construir a relação com meu

objeto.

2.1.6 Contos da Fímbria

Mina Rakastan sinua é o conto de abertura do livro homônimo de Reinaldo Santos Neves, publicado em 2016 pela Estação Capixaba em parceria com a editora Cândida. Narrada em primeira pessoa, a história gira em torno de um ilustre escritor de renome municipal, que satiriza a todo tempo a sua fama irrisória e geograficamente limitada, e os seus encontros e desencontros com uma jovem professora, Mina, que é ardentemente aficionada por sua obra, e talvez seja a única que leu em profundidade. Jogando com a expectativa de um romance que, à maneira de *Sueli*, se perfaz no campo do apolíneo, Reinaldo traça um hilário retrato do escritor ranzinza, autoflagelado e conformado com mediocridade alheia que, um tanto pateticamente, se vê entorpecido pela imagem da leitora ideal, como se a literatura pudesse ser sua única possibilidade de exercer sedução.

Diferente do protagonista de *O tunel*, de Ernesto Sabato, que também tem a atenção capturada por uma bela jovem que manifesta um inesperado e pitoresco interesse por sua obra, o trilha narrativo de Reinaldo não descarrilha na obsessão. O conto “Mina Rakastan Sinua” dá nome ao livro talvez por representar aquilo que dá mote à sua própria existência: o amor à literatura. Pois, “numa simples consulta à internet”, como sugere o autor (p.), podemos descobrir que o título significa “eu te amo” em finlandês. Como a própria Mina, que é versão finlandesa de seu desejo de ser amado. Adicione isso ao fato de que todos os contos do livro, ambientados na república fictícia da Fímbria, falam a respeito do universo literário.

E quando falamos em literatura, em Reinaldo Santos Neves, estamos falando fundamentalmente em ironia, elemento que o autor considera indispensável. Quando reflete sobre a própria obra e processo criativo, Reinaldo diz:

Essa literatura angustiada do adolescente que eu fui vazou para o meu primeiro romance, *Reino dos Medas*, publicado em 1971. Esse romance é fruto do trabalho obsessivo de construção de um estilo realizado pelo adolescente. Mas o estilo é a única coisa que presta nele. Falta uma coisa que acho indispensável em literatura: ironia. Em *Sueli* está dito: “A ironia é a santa padroeira deste romance.” *Reino dos Medas* é o meu único texto publicado em que a ironia está ausente (NEVES, 2003)

São vários os objetos da destilaria de farpas de Reinaldo no conto de *Mina*: a bibliotecária, cujo “tempo é curto demais para lhe permitir mais que uma relação fria e profissional com o objeto livro” (p. 18); os acadêmicos, referidos como “catedráticos”; os leitores, que sabem que o protagonista é bom, que é grande, que conhecem sua filiação, que já testemunharam seus porres, conhecem seus casos amorosos, e mal o leem, ainda que reconheçam nele uma ou outra pálida obra-prima, ainda que renunciem seu improvável sucesso nacional, vão nutrir por ele um respeito “retórico”; o próprio leitor do conto, a quem o autor se dirige, acusando-o de casual, pegando na sua mãozinha para explicar a escolha de determinados adjetivos ao começo do conto e, principalmente, o próprio autor protagonista, essa figura caquética do “grande escritor municipal”, que é respeitado dentro dos limites do município, que é grande na medida em que se diz por aí que é grande e, portanto, mesmo que não lido, todos têm a certeza de sua excelência.

Mesmo que partindo de certa angústia, Reinaldo não vê a literatura como analgésico, como diz Gilbert Chaudanne (2014), mas sabe rir de si mesmo, “através do tom irônico e de uma erudição (que não é ostentação) que relativiza os fatos “brutos”” (CHAUDANNE, 2014). É basicamente sobre o tema dessa frustração do não-lido, então, que o conto se manifesta, e vai procurar sua redenção no território do desejo. Pois Mina, polissêmico termo, também é o nome da personagem que, para o espanto do autor, é leitora voraz de sua obra, pela qual se declara *encantada*.

O amor, no fim, fica mesma circunstanciado aos livros, como é de supor a partir da motivação da escrita de todos os contos do livro.

O prólogo do meu trabalho se inspira também em *Mina Rakastan Sinua*, no uso da ironia e nas referências diretas à obra.

2.1.7 Blues for Mr. Name

Como dito lá em cima, a criança católica de *A confissão*, que se converteu no adolescente existencialóide brigado com Deus de *Reino dos Medas*, cometeu suas paganices na *Trilogia graciana* e declarou a literatura como religião oficial da fictícia República da Fimbria nos contos de *Mina Rakastan Sinua* e *Heródoto, IV, 196*, parece ter atingido o ápice de sua guerra declarada contra o homem, o que está que evidenciado pela frase de Thoreau que encabeça a orelha do livro *Blue for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer* (2018).

Pois em seu recente romance até aqui, Reinaldo Santos Neves ambiciona colocar Ele, o criador mais frustrado de que se tem notícia, O criador em pessoa, a quarta pessoa do singular, *para dormir* de uma vez por todas, para utilizar o elegante eufemismo empregado pelo autor. Isso porque sua protagonista, Kate Wishaw, jovem casta criada em uma espécie de Éden sem Adão livre das perfídias da civilização, é aplicada desde criança nos estudos da veterinária, em especial a eutanásia animal, e terá como paciente final o dito cujo, que no fim somos todos nós, afinal a mortandade de Deus é também a mortandade de tudo que já existiu, e assim o livro leva a ideia de suicídio coletivo a dimensões absurdas.

Mas não pense que se trata de niilismo barato isto aqui. Valendo-se de vasta pesquisa no ramo das histórias do ciclo do Graal (em que se destacam as histórias de Percival) e das narrativas bíblicas, Reinaldo esculpe, no esmero do detalhe, uma gigantesca aventura de contornos surpreendentes com uma diversidade de histórias e personagens de fazer inveja aos árabes, ambientada numa Terra distópica (nem tanto), em que a canonização de nomes como Jimi Hendrix, Amy Winehouse e John Lennon são uma realidade no contexto religioso, Nova Iorque (agora New Apple, ou Neápolis) é a capital do mundo e seitas pagãs como o *Hiperascetismo teofóbico* ganham massas e massas e fazem do catolicismo uma minoria (atenção para a ironia). Assim, numa espécie de *Waste Land* às avessas, Reinaldo nos conta a fábula moderna de uma terra que adoece seu governante, tudo isso com incontáveis jogos verbais, intertextos, enumerações e repetições divertidíssimas, enfim, o primor de linguagem que estamos acostumados a ver no autor está afiadíssimo.

Há muitas alusões a essa obra no meu trabalho, na parte dedicada a “analisar” o *Poema graciano*.

2.1.8 Outros

Acho importante dizer que nem sempre os livros de Reinaldo partem de uma pesquisa extenuante de linguagem. Como diz o próprio autor, "Essa escolha pode ser determinada de antemão, como usar linguagem arcaizante num romance ambientado na Idade Média, ou à medida que começa o trabalho de redação, como se esperando o peixe para fisgá-lo" (NEVES, 2018a, p. 1). No caso da novela *A confissão* (1999), inspirada na sua infância, a linguagem é eminentemente coloquial e contemporânea. O intertexto fica por conta de alguns signos da cultura *pop* que marcam a infância dos anos 1950. Em *Dois graus a leste, três graus a oeste*

(2013), que são crônicas musicais sobre o jazz, prevalece a linguagem do cronista, e a pesquisa vem essencialmente de edições da revista *Down beat* e de biografias de músicos.

A confissão é a inspiração principal do meu capítulo dedicado à infância.

3. EXUMAÇÃO: FONTES DO ROMANCE

Nota prévia: A estrutura desta “exumação” é baseada em procedimento do próprio Reinaldo Santos Neves, que escreveu um catálogo de fontes do romance *Blues for Mr. Name* (2018), sob o título de *Elucidação: pós-escrito a Mr. Name* (2019).

3.1 PRÓLOGO

NOTA 1:

Poderás acreditar que essas linhas, como filho dos livros que sou, fossem as mais formosas, as mais primorosas e as mais judiciosas e agudas de que se tem notícia (p. 11). Cf. CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha* (Ed. Abril, 2010): “Desocupado leitor: sem juramento meu embora, poderás acreditar que eu gostaria que este livro, como filho da razão, fosse o mais formoso, o mais primoroso e o mais judicioso e agudo que se pudesse imaginar” (p. 24). Toda a primeira parte do prólogo, de certa maneira, é inspirada no prefácio sarcástico de Cervantes em Dom Quixote, em que ele se faz assim de rogado em relação ao leitor.

NOTA 2:

Reynaldo Santos Neves (p. 11): Cf. *Sueli: romance confesso* (1989). O autor Reinaldo Santos Neves se baseia num dissabor amoroso alegadamente vivido com a jornalista Sueli Lievori, e se apropria da história e do nome da musa para a construção do romance que, altamente metalinguístico, brinca o tempo todo com as fronteiras entre realidade e ficção. De certa maneira, meu romance-dissertação é uma espécie de “suelização” de Reinaldo, o feitiço virado contra o feiticeiro.

[...]o par Sueli e Reinaldo dá lugar, na ficção, a Sueli e Reynaldo -, fato confirmado no próprio romance: “Em capítulo congnominado The Comedy of Y, algumas explicações seriam ensaiadas sobre a troca das letras y e i nos nomes dos personagens principais” (p. 170) (MARTINELLI FILHO, 2012, p. 52)

NOTA 3:

- *o mito regional do Grande Escritor Municipal me permitia, algo que prescinde, e*

muitas vezes até dispensa, a leitura em si mesma da obra do tal municipalmente grande escritor (p. 11). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *Mina Rakastan Sinua* (2016). Em conto homônimo que encabeça o livro, Reinaldo constrói essa espécie de autoironia, quando o personagem dialoga com sua real condição de autor de respeito circunscrito ao município.

o grande escritor municipal, se por um lado é grande, ou seja, é bom escritor, e sabe disso, por outro só é conhecido e respeitado dentro dos limites do próprio município: seu nome, à medida que se afasta do polo municipal e se aventura pelo território de outros municípios da província, ou de outras províncias do país, ou de outros países do continente, perde cada vez mais em força e significado até se tornar apenas um a mais dentre bilhões de nomes anônimos no catálogo demográfico do planeta (NEVES, 2016, p. 15)

NOTA 4:

vulgar coqueteria (p. 12). Referência ao aforismo 51 (*Através do espelho*) das *Minima Moralia* de Theodore W. Adorno (1951), quando o filósofo diz:

Uma das técnicas do escritor é poder renunciar inclusive a ideias fecundas, quando a construção o exige. Para a sua plenitude e força contribuem justamente as ideias suprimidas. Tal como à mesa não se deve comer até ao último bocado nem beber o copo até ao fundo. De outro modo, torna-se suspeito de pobreza. Quem deseja evitar os clichés não deve limitar-se às palavras, se não quiser incorrer em vulgar coqueteria (ADORNO, 1951, p. 73-74).

NOTA 5:

É como Ésquilo que... (p. 12). A famosa profecia também é citada no conto *Nascido em 4 de julho*, de Reinaldo Santos Neves, que aparece também no supracitado *Mina Rakastan Sinua* (2016).

NOTA 6:

que ainda vai aparecer na história (p. 13). Recurso de metalinguagem muito empregado por Reinaldo em romances como *A longa história* (2007).

NOTA 8:

motociclistas e homens enrabando homens (p. 13). *Cenas de Sueli: romance confesso* (1989) e *A longa história* (2007), respectivamente.

NOTA 9:

o único animal que tem dois corações (p. 13). Cf. *As mãos no fogo: romance graciano* (1983, p. 119).

NOTA 10:

paladino de Vênus (p. 13). Em *As mãos no fogo: romance graciano* (1983), Reinaldo confere alguns epítetos ao protagonista baseadas na deusa do amor.

NOTA 11:

Porto Final, vilarejo no distrito de Mascarenhas, município de Baixo Guandu, ES (p. 13).

Fonte: <<http://estacaocapixaba.com.br>>

Nota 12:

De naus catarinetas, crinquinins, faustinas belas, amazonas, valquírias, reis, rainhas, deuses, heróis, larápios, vigários, bucaneiros, cavendishs, carvoeiras, donzelas, fadas, ticumbis guerreiros, santos jorges ou sebastiões ou beneditos, demônios, frades e freiras, feiras, hochzeitsbitters, tangolomangos, festas e tradições, congos e folias de reis, marujadas, cavalhadas, puxadas de mastro, carnavais, rocins, sereias, dragões, unicórnios, sátiros, e centauros (p. 13-14). Cf. NEVES, Guilherme Santos. *Coletânea de estudos e registros sobre o folclore capixaba*; Seleção, organização e edição de texto: Reinaldo Santos Neves. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008. Deste livro extraí alguns dos signos do folclore capixaba citados no trecho.

3.2 CAPÍTULO PRIMEIRO

NOTA 1:

Fiz uma leitura rápida [...] (p. 16). As respostas atribuídas a R. nas epístolas que abrem os capítulos são inspiradas, quando não transcritas *ipsis litteris*, em correspondências virtuais que troquei com o escritor Reinaldo Santos Neves.

NOTA 2:

Parêntesis: Jorge Luis Borges, em um de seus Prólogos, disse alguma coisa interessante sobre o mestre [...] (p. 19). Cf. BORGES, Jorge Luis. Prólogos (1985, p. 99).

NOTA 3:

O sujeito saiu da França ainda jovem, de uma região conhecida como Franco-condado, cidade de Besançon. (p. 24). RESENDE, Dayse Egg. Engenho de dentro: Gilbert Chaudanne. Vitória: Link Editoração, 2013. Todas as informações biográficas a respeito de Chaudanne foram extraídas desse livro, bem como algumas de suas falas foram parafraseadas de trechos do mesmo.

NOTA 4:

Embrenhei-me tanto na leitura dos clássicos reynaldianos nos momentos de ociosidade – que eram então os mais dos meses, por razões que displicentemente não esclareço – com tanto afínco e gosto que me esqueci quase que completamente do exercício minimamente razoável da vida (p. 25). Cf. CERVANTES, Miguel de. O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha (Ed. Abril, 2010): “É, pois, de saber que o sobredito fidalgo, nos momentos em que estava ocioso – que eram os mais do ano -, se entregava a ler novelas de cavalaria, com tanto afínco e gosto, que se esqueceu quase de todo o exercício da caça e ainda a administração de sua fazenda” (p. 52)

NOTA 5:

Estamos na Ilha de Santa Vitoria, nos idos de 1940. O bonde J.G. Brill [...] (p. 27). Cf. NEVES, Luiz Guilherme Santos. Escrivão da frota (1997).

NOTA 6:

Nessa mesma Vitoria, fruto terceiro do amor entre Guilherme Santos Neves e Marília de Almeida, nasce Reynaldo Santos Neves, filho temporão, no dia 04 de dezembro de 1946 (p. 27). Fonte: <<http://estacaocapixaba.com.br>>

NOTA 7:

No mesmo ano em que Enver Hoxha proclama a Republica Popular da Albania [...] (p. 27).

Fonte: Wikipedia.

NOTA 8:

*A luz do poste bronzeado desaparecia e aparecia de novo. O sino da catedral repicava ao meio-dia. Com uma bolsinha a tiracolo e um lápis preso entre os dentes, Reynaldo avançava sobre a praça. Os velhos e seu jogo de damas. Água jorra as bocas das náiades da fonte neoclássica. A luz desaparecia e aparecia novamente. Ele virou a rua, seguiu para o Sul e, nesse momento, viu o encontro do Para Sempre com o Agora (p. 27). Cf. Wolfe, Thomas. *O menino perdido*. São Paulo: Iluminuras, 1989, p. 9: “A luz aparecia e desaparecia e aparecia de novo, o estampido da badalada das três horas repicava pela cidade [...]. Ele virou, seguiu pelo lado norte da Praça e, nesse momento, viu a união do Para Sempre com o Agora.”*

NOTA 9:

*Na sua meninice dos anos 1950, Reynaldo leu clássicos do gênero infantil, como As caçadas de Pedrinho, de Monteiro Lobato, ou Pato Donald na escola, de Walt Disney, ou ainda As aventuras de Tibicuera, de Erico Verissimo, ou mais ainda boa parte da obra de Julio Verne [...] (p. 29). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *O ato da escrita*. Estação Capixaba, 2003. <www.estacaocapixaba.com.br/ ?>*

NOTA 10:

ele confessou que ficava louco com a figura de Iracema, vestida apenas com uma tanga do mais fino azul cobrindo o pubis, um colar de dentes de cacao ao pescoco e uma fita em volta do tornozelo (p. 29). Fonte não localizada.

NOTA 11:

*“Ta chovendo eu tenho que ir na casa de vovo buscar um bolo ai meu cao vai sair buscou o bolo fim” (p. 30). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *O menino escritor* (1953). Todos os contos infantis foram transcritos desse caderno do autor.*

NOTA 12:

O Fratricida (p. 31). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *Contos do detetive Wells e outros*. 1958, p. 14.

NOTA 13:

numa casa com “cheiro de livro”, (p.33). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *O ato da escrita*. Estação Capixaba, 2003.

NOTA 14:

A Nau Catarineta e um poema romanceado por um anônimo [...] (p. 34). Fonte: Wikipedia

NOTA 15:

As crônicas da época dão conta de descrever (p. 34). A descrição da marujada usa trechos de SETTE, Eugênio. *Praça oito*. (p. 23-24)

NOTA 16:

Duas grandes varandas, a de cima e a de baixo, cujo piso era todo de tijolo macico, correm a fachada [...] (p. 36). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *RUA AFONSO BRÁS, RUA VASCO COUTINHO: LEMBRETES*. Escritos de Vitória, volume 1, 1993.

NOTA 17:

dai por que todo aquele Gil, todo o sermonário de Vieira, carreiras de ecas e camilos, duzias de lusiadas, e coisas como apólogos dialogais, farpas [...] (p. 37). Cf. *As mãos no fogo: romance graciano*

3.3 CAPÍTULO SEGUNDO

NOTA 1:

Vômito (p. 43). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *A escrevinhação: papeis de formação do escritor* (1964, p. 6).

Vômito, ali, cor de todos os dias, sobre os degraus irônicos. Meu vômito. Gritar: é meu vômito, todo ele meu, meu, meu, meu. Gosto ainda do vômito em minha boca.

Vômito a meus pés, sobre os degraus irônicos. Meu vômito, todo meu, vômito com gosto de eu, ali. Meus olhos sobre ele, e tento conhecê-lo, o vômito, mas não consigo.

Vômito a meus pés, sobre os degraus irônicos. Meu vômito, todo meu, vômito com gosto de eu, ali, a meus olhos. Meus olhos são brancos, sobre o vômito triste. O parapeito é duro sob meu corpo, duro e frio e sólido. E meu vômito, ali, sob meus olhos, triste e feio, cor de vômito, cor de um nada sujo, e ilumina todo aquele altar. Vômito triste e flácido e imóvel, ali, iluminando todo aquele altar, todo o altar (NEVES, 1964, p. 6)

NOTA 3:

São infotografáveis os pés de Cléo. Miúdos, são demais pra qualquer verso. Fazem sorrir, ainda que timidamente, meu pálido coração (p. 43). Eco com os versos de “My funny valentine” (Chet Baker / Stan Getz): “You make me smile with my heart / Your looks are laughable / Unphotographable / Yet you're my favorite work of art”.

NOTA 4:

somos tantos e não somos bons (p. 45). A frase repete-se em várias páginas NEVES, Reinaldo Santos. *Reino dos medas* (1971)

NOTA 5:

Reynaldo se preocupava em provar que a vida era uma merda (p. 47). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *O ato da escrita*. 2003.

NOTA 6:

Amada mãe, tenho uma teoria e estou absolutamente certo de sua exatidão: se antes de nascermos, antes de sermos concebidos, nos não existíamos, depois de morrer e completamente possível nossa volta a esse estado. Não digo que voltamos a nascer. Não. Quero dizer apenas que, como não existíamos antes, podemos muito bem deixar de existir depois! Isto prova a inexistência da vida eterna. E como a vida eterna e Deus são duas teorias que não existem uma sem a outra, logo, não há Deus (p. 47). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *O ato da escrita*. 2003.

NOTA 7:

Fora inspirado por um homem de coragem crista tal que, mesmo que padre, teve a audácia de assistir ao filme Gilda, com Rita Hayworth em toda sua devassidão. Lembrando que estamos no início década de 1960 [...] Mas ora veja só que, como juiz em terra dos planos de Deus, o padre precisava conhecer o que era bom e o que era ruim para fortalecer seu discernimento, não é mesmo? (p. 48). Cf. SETTE, Eugênio. *Praça oito*. 2001, p. 17. Inspirado na crônica *O padre que foi ver Gilda*, também parafraseada na novela *A confissão* (1999), de Reinaldo.

NOTA 8:

Pra ser sincero tenho aversão a este negócio de Belo (p. 49). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *A escrevinhação: papéis de formação do escritor*. 1963, p. 107:

Detesto, sinceramente, tenho aversão a este negócio de Belo. Realmente, há em mim aversão por tudo (ou quase tudo) que é regra ou definição filosófica de coisas como literatura. Literatura é literatura. Que se escreva literatura, que se leia literatura, mas que não se estude literatura, não se defina literatura, que não se criem regras para literatura. Encher o estudo da literatura de palavras e idéias como Belo, Ética, Estética, Lógica não é bom. Quanto ao estudo das influências da sociedade, da época, do local, na obra literária, já é mais coerente. No entanto, o estudo mais indicado é o dessas influências sobre cada autor individualmente. Não sou pelo estudo em grupo, em escolas, em movimentos. Cada autor é uma escola. Os que não o forem, serão merdas (NEVES, 1963, p. 107).

NOTA 9:

Eu me pergunto: onde e que você foi buscar tanta amargura, quando o dia apenas lhe amanhece? Onde, só, não. Por que? [...] numa terra tao cheia de sol, de tanta beleza física, por que tanta tristeza, tamanho desencanto em face da vida? [...] Ao espelho! Olhe-se nele! E o milagre que você nega ou que procura ou que pretende negar, esta aí mesmo (pp. 49-51). Trechos parafraseados da carta de Eugênio Sette a Reinaldo, in: NEVES, Reinaldo Santos. *A escrevinhação: papéis de formação do escritor*. 1963, p. 107:

NOTA 10:

minha única esperança de ser alguém repousa toda nesta capacidade literária que veem em mim [...] Sou como esses pintores sem sorte, que inventam quadros acima de suas forças. Serei eu assim também? Hoje tive um dia cheio. A noite, mal pude escrever, aos arrancos,

alguma coisa. Receio estar exagerando um pouco no incompreensível. [...]Se me olho me vejo, aqui, ser de dois amplos olhos doentes dentro deste mundo tardo, pendente do teto, simultâneo aqui com a minha inanição louca (pp. 50-51). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *A escrevinhação: papeis de formação do escritor*. 1963, p. 104; p. 111; p. 131)

NOTA 11:

As pessoas viajam para admirar a altura das montanhas, as imensas ondas dos mares, o longo percurso dos rios, o vasto domínio do oceano, o movimento circular das estrelas, e no entanto elas passam por si mesmas sem se admirarem (p. 50). Cf. AGOSTINHO. *Frases*. In: <https://www.pensador.com/frases_de_santo_agostinho/>

NOTA 12:

Não há nada que possa descrever músicas como os blues que estou ouvindo agora (...) (p. 52). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *A escrevinhação: papeis de formação do escritor*. 1963, p. 117.

NOTA 13:

Suicídio na porta da Catedral (...) (p. 52). Toda a trama de Erik é inspirada no personagem Lauro de *O reino dos medas* (1971).

3.4 CAPÍTULO TERCEIRO

NOTA 1:

*Eis o CAPÍTULO III, que trata da condição e exercício do municipalmente celebrado escritor Reynaldo de Santos Neves em sua fase já madura. [...] reside um já então rapagão escrevente de pena esquecida no canto dos anônimos, o rosto magro encovado, magro de carnes. Dentro do seu torreão, ainda em uma casa localizada em um certo bairro de nome Parque Moscoso, leu tantos quanto pôde os romances do medieval, tais quais o manuscrito *An ivy leaf*, *As aventuras do frei Guilherme de Baskerville*, *a Crônica de Crassementum*, *Le Papes d'Avignon*, *A Crônica de Thibert*, *Boosco deleitoso* e uma infinidade tanta de outros da mesma estirpe que comutou-se ele mesmo em garboso cavaleiro, um lorde inglês do terceiro mundo, vestido de camisa de flanela e rústica barba conservada em linho fino* (p. 57). Cf.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha* (Ed. Abril, 2010)

NOTA 2:

dar de comer ao Neves-Santo pau (p. 57). NEVES, Reinaldo Santos. *Poema graciano* (1982)

NOTA 3:

Numa certa segunda-feira, vendo-se assim atulhado, misturando café com tédio, saiu a caca. Penteia o cabelo antes de sair, e passa perfume por atrás da orelha. “E hoje a noite de autógrafos domou poeta”. As unhas leva aparadas até o sabugo, e o anus lavado, e a glândula. A barba feita, e a cabeça. A meia não pode ter nem um furo (p. 57). NEVES, Reinaldo Santos. *Poema graciano* (1982).

NOTA 4:

Convidou-a para se acomodar junto a ele no seu DeSoto azul de belas rodas, ao que ela disse, imperiosa: não (p. 57). Episódio citado em *As mãos no fogo*.

NOTA 5:

A boa dona por quem trovava, / não lhe dera rulha de nada (p. 57). Alguns termos como “trovava” e “rulha”, explorados na linguagem do terceiro capítulo, foram extraídos de cantigas galego portuguesas disponíveis em: Lopes, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>.

NOTA 6:

O jeito era comer quantas fossem no papel, que é melhor que no motel (p. 58). NEVES, Reinaldo Santos. *Muito soneto por nada*.

NOTA 7:

chapéu estilo pork pie hat (p. 60). Referência à música de Charles Mingus (*Goodbye pork pie hat*).

NOTA 9:

Assim, o evento contou com a deliciosamente deselegante interferência (...) (p. 60). Cf. BLANK, Sérgio (org.). Por que você escreve? (2018)

NOTA 10:

Aí chega José Garibaldi Magalhães, com sua boca de maraça-pepa, as pernas de Dextor Gordon. O famoso deformador de opinião do Clube, conhecido por suas opiniões radicais e por seus poemas de segunda linha, ouvidor-mor de jazz e sócio-majoritário do clube (p. 62). NEVES, Reinaldo Santos. Dois graus a leste três graus a oeste (Secult-ES, 2013)

NOTA 11:

Ora, mas é. A escola inteira só fala disso. A tia está possessa de raiva porque um pai lá quis proibir a gente de ler porque tem um tal de Phil que é doido pra... você sabe... a enteada e tudo. E tem palavrão a beça (p. 64). Referência a episódio real de censura do romance Kitty aos 22: divertimento.

NOTA 12:

Os peitinhos de Cléo amadureceram nesta primavera. Sei que há muitos espertinhos por aí que gostariam de entrevê-los sazoados antes do verão. Não são poucos os colegas que compartilham de um renitente fascínio pelas meninas-em-flor (p. 64). Diário selvagem. Carlinhos de Oliveira.

NOTA 13:

Na lousa que carrego na cabeça, escrevi os seguintes versos (p. 65). A ceia dominicana.

NOTA 14:

Reynaldo amigo / O poema começa contigo (p. 65). Poema gracioso.

NOTA 15:

Quero-te sim no papel / Mas não à moda de motel (p. 65). Muito sento por nada.

NOTA 16:

Ontem, já no meio da escada da BiUFES, e com André esperando no saguão para irmos

embora, me grita Fernando lá do alto, ao lado de sua irmã, com a intenção de apresentá-la a mim e apresentar-me a ela. Sabendo como é Fernando, temendo que me segurasse ainda mais tempo e, pior, prevendo alguma gracinha achiamética, acabei sendo deselegante e só acenei de onde estava e fui embora (p. 68). Inspirado em e-mail real.

NOTA 17:

Minha casta irmã se insinua (p. 69). Jogo de palavras com um título de Reinaldo (*Mina Rakastan Sinua*).

NOTA 18:

E assim esta crônica deixa de falar um pouco de desventurado autor para falar de bem-aventurada obra (p. 70). Crônica de Malemort.

NOTA 19:

Versos 1e 2: Ondas do mar de Vigo / O poema começa comigo. Toda essa estrutura de comentários é uma paráfrase clara e direta de *Pale fire*, de Vladimir Nabokov. No livro, um suposto amigo do falecido poeta fictício John Shade se propõe a analisar o último poema do autor, de 999 versos. Aos poucos, o neurótico professor vai se desvirtuando do poema e o utilizando como desculpa para contar a delirante história das conspirações que envolvem um certo reino de Zembla, do qual ele seria rei.

NOTA 20:

Já havia lido e relido seu dialogo com Ernesto Sabato, quando os dois escritores discutem as diferenças entre o conto e romance (p. 79). Referência a BARONE, Orlando (org). *Diálogos: Borges / Sabato*. São Paulo: Globo, 2005.

NOTA 21:

Se uma espingarda aparece no inicio de um conto, disse Tchekov, ela deve ser utilizada ao final (p. 79). Fonte não localizada.

NOTA 22:

E fevereiro, pra mim, o mais cruel dos meses, germinando caos (p. 86). Paráfrase dos famosos versos inaugurais de *Waste land*, de T.S. Elliot.

NOTA 23:

Não me considero supersticioso. Não. Testei livros de Reynaldo durante as mais diversas situações, geralmente combinados com um maço de cigarros, e eles se revelaram meus amigos em todas as necessidades desta vida mortal. Quando não estou legal: Reynaldo. Se quero um conselho: Reynaldo. No passado, quando minha mulher me aporrinhava: Reynaldo. No presente, quando bebia demais: Reynaldo outra vez (p. 89). Cf. COLLINS, Wilkie. *A pedra da lua*. 2001, p. 23:

Não sou supersticioso. Já li uma pilha de livros; à minha maneira, sou um acadêmico. Embora tenha passado dos setenta, possuo uma memória ativa e pernas igualmente ativas. Por favor, não tomem minhas palavras como as de um homem ignorante quando emito a opinião de que jamais se escreveu um livro como *Robinson Crusoé*, e nunca mais se escreverá. Testei esse livro durante anos – geralmente combinando com um cachimbo de tabaco – e ele se revelou meu amigo em todas as necessidades desta vida mortal. Quando meu humor não está bom – *Robinson Crusoé*. Quando quero um conselho – *Robinson Crusoé*. No passado, quando minha mulher me atormentava; no presente, quando bebia demais – *Robinson Crusoé*.

NOTA 24:

Retirei o anel com nome gravado e tudo e, por meio de toda a força física e moral que pude reunir no braco, lancei-o com toda força pra dentro do boquiaberto sanitario. Puxei a cordinha da descarga pra ve-lo se afundar pra sempre nas profundezas inextinguíveis dos esgotos de Sao Paulo (p. 91). Cf. NEVES, Reinaldo Santos. *A ceia dominicana*. 2006, p. 35.

NOTA 25:

- Esse canivete foi forjada pelo seu tataravô nos idos da Primeira Guerra. Ele viajou por toda

a Prússia com ele entalado no ânus para garantir a transmissão do objeto (p. 94). Referência À história do relógio contada pelo personagem de Christopher Walken no filme *Pulp fiction* (1994), de Quentin Tarantino.

NOTA 26:

No ano de 2021, será lançado (...) (p. 102). Cf. BOLAÑO, Roberto. Não encontrado.

NOTA 27:

Na clareira da floresta, terceiro domingo do mês. Era essa a tradição. Todos descalços, pisando as folhas secas (p. 103). Toda essa cena é inspirada na cena do ritual das hermafroditas no romance *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008). Os dizeres do ritual são inspirados em referências diversas à obra de Reinaldo.

NOTA 28:

Naquela tarde escura, quando acordei, na casa do primo, estava nu, e Cleo também. Os alvos seios eram hemisférios perfeitos, como dois quindins de Nova Almeida, e ainda ocultavam seu futuro desenvolvimento. Pude contemplar seu fresco pubis. Tao divinamente belo que era como setivesse acabado de ser criado. Ela veio em minha direção. Meu corpo paralisou. Senti no pescoco e no membro os nervos rijos (p. 106). Cf. MURAKAMI, Haruki. *1Q84* (Livro 2). Objetiva, 2013: “Quando acordou, ele estava nu, e Fukaeri também. Totalmente nus. Os seios dela eram hemisférios esplendidamente perfeitos, sem nenhum defeito [...] (p. 223)

NOTA 29:

Há dinossauros por todo o teto (p. 109). Cf. MADEIRA, Eduardo. *Bichos que habitam as frestas*. 2017, p 25-26.

3.5 CAPÍTULO ÚLTIMO

NOTA 1:

Ariel Salsa (p.118). Inspirado em Ariel Sessa, autor de *A topoanálise em A ceia dominicana : romance neolatino de Reinaldo Santos Neves*. Dissertação de mestrado. PPGL/Ufes, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1983/1/Dissertacao%20Ariel%20Sessa.pdf>

NOTA 2:

Talvez eu possa escrever um romance que finge ser uma pesquisa sobre um ídolo literário (p. 127). Cf. NABOKOV, Vladimir (2004): “e fabricarei uma peça, um melodrama à antiga, com três personagens [...] (p. 277). O narrador de Nabokov também faz, em epílogo, referência à própria história que acabamos de ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Minima moralia**. Lisboa: Edições 70, 1951.
- BARONE, Orlando (org). **Diálogos: Borges / Sabato**. São Paulo: Globo, 2005.
- BLANK, Sérgio (org.). **Por que você escreve?** Vitória: Edufes, 2018
- BLOOM, Harold. **Anatomía de la influencia**. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2011.
- BORGES, Jorge Luis. **Prólogos**. Rio de Janeiro: Ed.,1985
- COLLINS, Wilkie. **A pedra da lua**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha**. São Paulo: Ed. Abril, 2010
- GAMA FILHO, Oscar. **Match point**. A Gazeta, Caderno Pensar, Vitória, p. 2, 20 de maio de 2018.
- HEIDDEGER, Martin. Construir, habitar, pensar. 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em:<www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf>. Último acesso: 25/02/2019
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro; São Paulo, SP: Paz e Terra, 2015.
- JOYCE, James. **Um retrato do artista quando jovem**. Tradução de: Bernardina Silveira Pinheiro. São Paulo: Siciliano, 1992.
- LOPES, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-), **Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>. Último acesso: 27/06/2019
- MADEIRA, Eduardo. **Bichos que habitam as frestas**. Vitória: Pedregulho, 2017.
- MARTINELLI FILHO, Nelson. **Confissão e auto-ficção na obra de Reinaldo Santos Neves**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- MURAKAMI, Haruki. **1Q84 (Livro 2)**. Objetiva, 2013
- NABOKOV, Vladimir. **Fogo pálido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NEVES, Guilherme Santos. **Coletânea de estudos e registros sobre o folclore capixaba**; Seleção, organização e edição de texto: Reinaldo Santos Neves. Vitória: Centro Cultural de

Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. **Escrivão da frota**. Vitória: 1997

NEVES, Reinaldo Santos. **A confissão**. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.

NEVES, Reinaldo Santos. **A crônica de Malemort**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

NEVES, Reinaldo Santos. **A folha de hera: romance bilíngue**. Vitória: Secult-ES, 2010.

NEVES, Reinaldo Santos. **Kitty aos 22: divertimento**. Vitória: Flor&Cultura, 2006.

NEVES, Reinaldo Santos. **Muito soneto por nada**. Vitória: Cultural-ES, 1998.

NEVES, Reinaldo Santos. **O ato de escrever**. Depoimento de Reinaldo Santos Neves na Escola Lacaniana de Vitória em 3 dez. 2003. Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/o-ato-de-escrever-depoimento-de.html>>.

Acesso em: 8 maio 2018.

NEVES, Reinaldo Santos. **A ceia dominicana: romance neolatino**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2008.

NEVES, Reinaldo Santos. **A longa história**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NEVES, Reinaldo Santos. **As mãos no fogo: o romance graciano**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

NEVES, Reinaldo Santos. **Dois graus a leste, três graus a oeste**. Vitória: Secult-ES, 2013.

NEVES, Reinaldo Santos. **Heródoto, IV, 196**. Vitória: Couda; Estação Capixaba, 2013.

NEVES, Reinaldo Santos. **Blues for Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer**. São Paulo: Patuá, 2018b.

NEVES, Reinaldo Santos. **Divina tragédia**. Entrevista concedida a Leandro Reis. 2018. Rascunho, Curitiba, n. 224, p. 16-17. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/divina-tragedia/?fbclid=IwAR09RdlFfORDiCfA37SV0nmyjBdMOTeAUz1jsmMwZDtvPQOuBY3hPGAZHXw>>.

Acesso em: 10 jan. 2019.

NEVES, Reinaldo Santos. **Reinaldo sem fronteiras**. Entrevista concedida ao site Panela Literária. 2011. Disponível em: <<http://robertobeling.blogspot.com/2011/04/reinaldo-santos-neves-entrevistado-por.html>> Acesso em: 10 jan. 2019

NEVES, Reinaldo Santos. **Mais uma vez...** Reportagem do jornal A Gazeta, 26/10/17.

NEVES, Reinaldo Santos. **A escrevinhação: papéis de formação do escritor**. 1963

NEVES, Reinaldo Santos. **RUA AFONSO BRÁS, RUA VASCO COUTINHO: LEMBRETES**. Escritos de Vitória, volume 1, 1993.

RESENDE, Dayse Egg. **Engenho de dentro: Gilbert Chaudanne**. Vitória: Link Editoração, 2013

SALGUEIRO, W. C. F. **Prosa sobre prosa: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções**. 1. ed. Vitória: Edufes, 2013.

SESSA, Ariel. **A toponímia em A ceia dominicana: romance neolatino de Reinaldo Santos Neves**. Dissertação de mestrado. Vitória: PPGL/Ufes, 2015

SETTE, Eugênio. **Praça oito**. Vitória, 2001

VAZZOLER, Djama e SANT'ANNA, Mônica A. Helcane Carvalho. **Múltiplas escrituras: Reinaldo Santos neves: vida e obra**. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

VIEIRA JR., Erly. **Toda personagem tem o romance que merece**. In: MACHADO, SODRÉ, NEVES. *Bravos companheiros e fantasmas 2: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: PPGL / MEL, 2007.

WOLFE, Thomas. **O menino perdido**. São Paulo: Iluminuras, 1989

Sites:

<http://estacaocapixaba.com.br>>